EXCLUSIVO UM NEBULOSO NEGÓCIO FECHADO NO FIM DE 2021 PELO PLANO DE SAÚDE DOS EMPREGADOS DOS CORREIOS CUSTOU A CABEÇA DE UM GENERAL QUE SE OPUNHA. E QUEM GANHOU? UMA EMPRESA BOLSONARIZADA, A HAPVIDA, ENVOLVIDA EM UM ESCÂNDALO QUE LEVOU AO AFASTAMENTO DO GOVERNADOR DE TOCANTINS

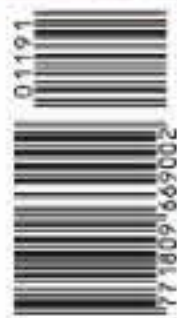
CartaCapital

cartacapital.com.br

basset editora

A ÚLTIMA VARIANTE?

UM NÚMERO CRESCENTE DE CIENTISTAS ACREDITA QUE A **ÔMICRON** PRECIPITA O FIM DA PANDEMIA, MAS OS CRÍTICOS ALERTAM PARA O COLAPSO DOS HOSPITAIS E O RISCO DE NOVAS MUTAÇÕES AGRESSIVAS

ANO XXVII Nº 1191 R$ 24,90
19 DE JANEIRO DE 2022
9 771809 669002 01191

LEIA TAMBÉM **CARTACAPITAL** NO TABLET E NO CELULAR

Banca do Antfer
Telegram: https://t.me/bancadoantfer
Issuhub: https://issuhub.com/user/book/1712
Issuhub: https://issuhub.com/user/book/41484

19 DE JANEIRO DE 2022 • ANO XXVII • Nº 1191

Minas Gerais continua a flertar com a tragédia. Pág. 26

Capa: Ilustração Pilar Velloso

PEDRO VILELA/GETTY IMAGES/AFP E ROB BOGAERTS/ARQUIVO NACIONAL DA HOLANDA

CENTRAL DE ATENDIMENTO FALE CONOSCO: HTTP://ATENDIMENTO.CARTACAPITAL.COM.BR

CartaCapital

DIRETOR DE REDAÇÃO: Mino Carta
REDATOR-CHEFE: Sergio Lirio
EDITOR-EXECUTIVO: Rodrigo Martins
CONSULTOR EDITORIAL: Luiz Gonzaga Belluzzo
EDITORES: Ana Paula Sousa, Carlos Drummond, Mauricio Dias e William Salasar
REPÓRTER ESPECIAL: André Barrocal
REPÓRTERES: Ana Flávia Gussen, Cleide Sanchez Rodriguez, Fabíola Mendonça (Recife) e Maurício Thuswohl (Rio de Janeiro)
SECRETÁRIA DE REDAÇÃO: Mara Lúcia da Silva
DIRETORA DE ARTE: Pilar Velloso
CHEFES DE ARTE: Mariana Ochs (Projeto Original) e Regina Assis
DESIGN DIGITAL: Murillo Ferreira Pinto Novich
FOTOGRAFIA: Renato Luiz Ferreira (Produtor Editorial)
REVISOR: Hassan Ayoub
COLABORADORES: Afonsinho, Alberto Villas, Aldo Fornazieri, Antonio Delfim Netto, Boaventura de Sousa Santos, Cássio Starling Carlos, Celso Amorim, Ciro Gomes, Claudio Bernabucci (Roma), Djamila Ribeiro, Drauzio Varella, Emmanuele Baldini, Esther Solano, Flávio Dino, Gabriel Galípolo, Guilherme Boulos, Hélio de Almeida, Jaques Wagner, José Sócrates, Leneide Duarte-Plon, Lídice da Mata, Lucas Neves, Luiz Roberto Mendes Gonçalves (Tradução), Manuela d'Ávila, Marcelo Freixo, Marcos Coimbra, Maria Flor, Marília Arraes, Murilo Matias, Ornilo Costa Jr., Paulo Nogueira Batista Jr., Pedro Serrano, René Ruschel, Riad Younes, Rita von Hunty, Rogério Tuma, Sérgio Martins, Sidarta Ribeiro, Vilma Reis, Walfrido Warde
ILUSTRADORES: Eduardo Baptistão, Severo e Venes Caitano
SECRETÁRIA: Ingrid Sabino

CARTA ON-LINE
EDITORA-EXECUTIVA: Thais Reis Oliveira
EDITORES: Alisson Matos e Brenno Tardelli
EDITOR-ASSISTENTE: Leonardo Miazzo
REPÓRTERES: Ana Luiza Rodrigues Basilio (CartaEducação), Getulio Xavier, Marina Verenicz e Victor Ohana
VÍDEO: Carlos Melo (Produtor)
VÍDEOMAKER: Natalia de Moraes
ESTAGIÁRIOS: Amanda Moraes , Caio César e Natane Pedroso
REDES SOCIAIS: João Paulo Carvalho
SITE: **www.cartacapital.com.br**

basset editora

EDITORA BASSET LTDA. Rua da Consolação 881, 10º andar. CEP 01301-000, São Paulo, SP. Telefone PABX (11) 3474-0150

PUBLISHER: Manuela Carta
DIRETOR DE OPERAÇÕES: Demetrios Santos
EXECUTIVA DE NEGÓCIOS: Keisy Andrade
GERENTE DE TECNOLOGIA: Anderson Sene
ANALISTA DE CIRCULAÇÃO: Ismaila Alves
AGENTE DE BACK OFFICE: Verônica Melo
CONSULTOR DE LOGÍSTICA: Lindberg Lima
EQUIPE ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA: Fabiana Lopes Santos, Fábio André da Silva Ortega, Raquel Guimarães e Rita de Cássia Silva Paiva

REPRESENTANTES REGIONAIS DE PUBLICIDADE:
RIO DE JANEIRO: Enio Santiago, (21) 2556-8898/2245-8660, enio@gestaodenegocios.com.br
BA/AL/PE/SE: Canal C Comunicação, (71) 3025-2670 – Carlos Chetto, (71) 9617-6800/ Luiz Freire, (71) 9617-6815, canalc@canalc.com.br
CE/PI/MA/RN: AG Holanda Comunicação, (85) 3224-2267, agholanda@Agholanda.com.br
MG: Marco Aurélio Maia, (31) 99983-2987, marcoaureliomaia@gmail.com
OUTROS ESTADOS: comercial@cartacapital.com.br

ASSESSORIA CONTÁBIL, FISCAL E TRABALHISTA: Firbraz Serviços Contábeis Ltda. Av. Pedroso de Moraes, 2219 – Pinheiros – SP/SP – CEP 05419-001. www.firbraz.com.br, Telefone (11) 3463-6555

CARTACAPITAL é uma publicação semanal da Editora Basset Ltda. CartaCapital não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos assinados. As pessoas que não constarem do expediente não têm autorização para falar em nome de CartaCapital ou para retirar qualquer tipo de material se não possuírem em seu poder carta em papel timbrado assinada por qualquer pessoa que conste do expediente. Registro nº 179.584, de 23/8/94, modificado pelo registro nº 219.316, de 30/4/2002 no 1º Cartório, de acordo com a Lei de Imprensa.

IMPRESSÃO: Plural Indústria Gráfica - São Paulo - SP
DISTRIBUIÇÃO: S. Paulo Distribuição e Logística Ltda. (SPDL)
ASSINANTES: Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos

MISTO
Papel produzido a partir de fontes responsáveis
FSC® C113090

CENTRAL DE ATENDIMENTO

Fale Conosco: **http://Atendimento.CartaCapital.com.br**
De segunda a sexta, das 9 às 18 horas – exceto feriados

Edições anteriores: **avulsas@cartacapital.com.br**

CARTAS CAPITAIS

ANTÍDOTO INFALÍVEL

Lula poderia curtir seu prestígio como presidente mais bem avaliado da história do Brasil, seu reconhecimento internacional e seu recente triunfo na Justiça, após um processo comprovadamente irregular contra ele. Mas prefere a luta, a força dos ideais, o compromisso com a melhora da vida dos brasileiros.
Roberto Ghione

A diferença é que *CartaCapital* é honesta quanto à sua linha editorial. Não paga de isenta falando de bolsopetismo, fazendo falsas simetrias, nem caindo nessa dor de cotovelo do Ciro de criticar as alianças de Lula só porque não consegue fazer as dele.
Matheus Albino

Se tudo der certo, conseguiremos derrubar Bolsonaro e sua trupe, mas teremos uma longa luta para combater o bolsonazifascimo do nosso dia a dia.
Fábio Lourenço

ALGUÉM TEM DE CEDER

O noivado nem vingou e já se fala em divórcio? Não estão queimando etapas?
Marcos José Zablonsky

MAMATA E CORPORATIVISMO

Para um presidente que prometeu ao seu eleitorado um governo voltado para a diminuição de privilégios com gastos salariais com servidores públicos, este se mostra um verdadeiro estelionato eleitoral. Bolsonaro pretende com tais mordomias, concedidas à mais alta cúpula do funcionalismo, especificamente a diplomacia brasileira, um verdadeiro toma lá dá cá com essas categorias.
Paulo Sérgio Cordeiro Santos, Curitiba, PR

HERANÇA MALDITA

Já sabemos por que a destruição está escancarada. Também sabemos que só um tem o conhecimento e a experiência necessários para isso. Justamente ele que elevou a imagem do País e o orgulho de sermos brasileiros.
Mara M. de Andréa

O gado está feliz, são todos capitalistas. Bem abastados e abestados.
Vilma Albano Gomes

O próximo presidente, seja quem for, vai ter uma tarefa gigantesca. É preciso que sejam eleitos deputados e senadores à esquerda, para que seja possível a volta do País ao caminho correto, livrando-o do caos que os desgovernos anteriores o jogaram.
José Daimar Stein

RESPEITEM O NORDESTE

A desgraça que acomete o Nordeste sempre será usada de trampolim para a política brasileira.
Valdemir Canhete

UMA RÉGUA PARA MORO

A proporção do seu ego é do tamanho da sua pequenez.
Junior Marques

O tempo esclarece tudo. Prendeu Lula com o objetivo de tomar o seu lugar.
Fausto Miranda

CARTAS PARA ESTA SEÇÃO

E-mail: cartas@cartacapital.com.br, ou para a Rua da Consolação, 881, 10º andar, 01301-000, São Paulo, SP.
•Por motivo de espaço, as cartas são selecionadas e podem sofrer cortes. Outras comunicações para a redação devem ser remetidas pelo e-mail **redacao@cartacapital.com.br**

Mino Carta
Apelo ao Tite

Talvez uma súplica: deixe Neymar em casa

E no outro dia, como escrevia Mário de Andrade no começo de um novo capítulo de *Macunaíma*, me peguei diante do vídeo aceso e dei com Firmino, de costas para o gol adversário, a colocar de calcanhar a bola na rede. Não se trata de um jogador de requinte técnico extraordinário, mas o lance foi de excelente inspiração. Pensei que o capital humano de boa qualidade permite desta vez que o Brasil forme uma seleção à altura do Mundial, a ser realizado no Catar no fim do ano.

Jogadores como Casemiro, Thiago Silva, alguns goleiros, Marcelo, apesar da idade, figurariam com destaque em muitas seleções. Pela primeira vez em muitos anos, Tite está em condições de montar um time respeitável. E a ele me permito fazer um apelo: abandone Neymar ao seu destino. Funcionou em outros tempos, embora no Mundial de 2014, aquele do 7 a 1 contra a Alemanha, tivesse de ser expulso, ou pelo menos brindado com o cartão amarelo já no jogo de estreia, marcado pela parcialidade clamorosa do juiz, acintosamente a favor dos Canarinhos.

Insuperável na busca da contusão

ANNE-CHRISTINE POUJOULAT/AFP

Naquele tempo, Neymar ainda mostrava qualidade, embora já fosse um fenômeno de jactância e empáfia. Hoje representa, com perfeita adesão ao papel, o provincianismo de um país que pretende exibir um craque tão bom quanto os melhores do mundo. Sobrou, hoje em dia, o avante que o técnico do Paris Saint-Germain, o argentino Pochettino (e não se perca pelo nome de origem italiana, a significar pouquinho), prefere não escalar. A esta altura, Pochettino poderia ser com eficácia o apelido de Neymar, reduzido à condição de cascateiro emérito à busca de contusão. Observa com felicidade o ex-jogador Neto, camarada espirituoso, que como craque Neymar é um excelente ator.

Ficamos, portanto, à procura deste craque mágico que Neymar não é. Se pensamos em Pelé, Garrincha, Zico e muitos outros, o sonho nativo de garimpar alguém na mesma dimensão chega a ser patético, sem deixar de acentuar que igual a Pelé só mesmo Pelé. Há quem sustente que o Brasil não soube, até o momento, modernizar o seu futebol, embora os resultados atingidos por times verde-amarelos nos confrontos sul-americanos sejam positivos. As diferenças, no entanto, são de uma evidência solar quando se cogita do atual estágio do bolípodo nativo *versus* o europeu.

Escrevo desabridamente, certo de que o meu caríssimo parceiro, Professor Verdone, concorda comigo. O futebol mudou muito e quem ainda sonha com o passado está condenado à derrota. Reitero o meu apelo, se não for mesmo imploração: ao Tite, treinador honesto, suplico que no seu time tenha a coragem de excluir Neymar. •

A Semana 19.1.22

Denúncia/

Bolsonarismo remunerado

ONG de ex-lateral do Flamengo é campeã de verbas públicas

Ex-lateral do Flamengo e do Grêmio, Léo Moura é um dos tantos jogadores de futebol que prestam continência a Jair Bolsonaro. Há quem faça por pura convicção, se for o caso de acreditar que boleiros chegam ao ponto de ter convicções. Nem assim Moura se encaixaria nesse grupo. O ex-atleta tem sido regiamente compensado pela adesão ao bolsonarismo. Segundo reportagem de *O Estado de S. Paulo*, a ONG do ex-jogador, que administra escolinhas de futebol, recebeu 41,6 milhões de reais da Secretaria Especial de Esportes. A instituição foi a que mais embolsou verbas da pasta e o valor supera o repasse a oito federações olímpicas. A federação de vôlei, para citar um caso, foi agraciada com meros 7 milhões de reais. Parte do dinheiro acabou empenhada por meio do "orçamento secreto", esquema montado pelo Palácio do Planalto para garantir votos no Congresso. Os principais padrinhos da ONG são o deputado Luiz Lima, do PSL do Rio de Janeiro, ferrenho defensor do governo na Câmara, e o senador Davi Alcolumbre, do DEM do Amapá, que facilitou a vida de Bolsonaro no período em que presidiu o Senado. Um dos convênios prevê o repasse de 14 milhões de reais para a instalação de 20 núcleos da escola no Amapá. Serão 700 mil reais por unidade, para atender até 300 crianças. Moura não se constrange. Ao contrário, celebra o fato de ser o campeão de recursos federais. "Acredito que as pessoas veem credibilidade nesse projeto e, a partir daí, viraram nossas parceiras", afirmou. "Eu me sinto um cara abençoado por ter sido agraciado com essas verbas e por ajudar muitas crianças."

REDES SOCIAIS

Moura, Lima (esq.) e um assessor: ação entre amigos

Cadê o Queiroz? Em campanha

Quando o escândalo das rachadinhas veio a público, Fabrício Queiroz, ex-assessor de Flávio Bolsonaro, tomou um chá de sumiço. Virou até piada. O Brasil inteiro se perguntava: "Cadê o Queiroz?" A polícia encontrou-o em junho de 2020 e o manteve preso por oito meses, até as instâncias superiores começarem a reverter as decisões judiciais e obrigarem a investigação sobre a família Bolsonaro retroceder ao início. Sem a sombra do Ministério Público, o ex-assessor deixou de lado o semblante acovardado e voltou a exibir a "valentia" típica dos bolsonaristas. Em vídeo recente ao lado do ex-capitão, Queiroz fala em tom de campanha, defende o "chefe" e critica Lula e o PT. "Estamos juntos nessa luta", afirma.

Luto no Parlamento Europeu

Uma pneumonia provocou a morte do italiano David Sassoli, presidente do Parlamento Europeu, na terça-feira 11. Sassoli, que havia superado uma leucemia no passado, estava internado desde 26 de dezembro para tratar, segundo informações de assessores, de uma "séria complicação" relacionada ao sistema imunológico. O deputado tinha 65 anos, era jornalista de profissão e presidia o Parlamento desde 2019. "Sincero e apaixonado, seu calor humano, a gentileza e o sorriso já fazem falta", afirmou Charles Michel, presidente do Conselho Europeu.

Nicarágua/**Fome de poder**

Após eleições contestadas, Ortega assume o quarto mandato

Os ideais da Revolução Sandinista não passam de um cadáver insepulto. Restou a fome de poder, que Daniel Ortega e sua mulher, Rosario Murillo, satisfazem da maneira mais caudilhesca possível. Na segunda-feira 10, Ortega e Murillo, vice-presidente, assumiram o quarto mandato consecutivo na Nicarágua, sem dar bolas às sanções impostas pelos Estados Unidos e pela União Europeia depois de uma eleição contestada. Para garantir mais uma vitória nas urnas, Ortega prendeu os principais adversários e empurrou para o exílio outros tantos nicaraguenses, vários antigos entusiastas da revolução liderada pelo atual presidente (ou ditador?). Contra a pressão ocidental, o ex-guerrilheiro apoia-se na Rússia e na China. Ortega acusa Washington e Bruxelas de "ingerência" nos assuntos internos e "desrespeito à soberania". As sanções tendem a agravar a difícil situação política e econômica do país, que o governo prefere enfrentar com violência e repressão.

Ortega toma posse em um país amedrontado, isolado e empobrecido

Mianmar/ **FARSA JURÍDICA**

A DITADURA EMPUNHA UMA ACUSAÇÃO FAJUTA PARA CONDENAR SUU KYI

A Nobel da Paz, presa há quase um ano, enfrenta 12 processos

A ditadura de Mianmar supera qualquer distopia da ficção científica. Uma corte "independente" acaba de condenar a quatro anos de cadeia a líder civil Aung San Suu Kyi, por supostamente violar as medidas de distanciamento social de combate à pandemia e de possuir *walkie-talkies* sem licença. Kyi foi acusada de quebrar as regras sanitárias por ter acenado a simpatizantes, apesar de, na ocasião, usar máscara e um escudo protetor no rosto. Ao todo, a vencedora do Prêmio Nobel da Paz, de 76 anos, em prisão domiciliar desde 1° de fevereiro do ano passado, responde a 12 processos que lhe podem render cem anos de detenção. Phil Robertson, vice-diretor de assuntos relacionados à Ásia da Human Rights Watch, não poupou críticas à junta militar que tomou o poder no início de 2021. "O circo em tribunais, com processos secretos sobre acusações fictícias, só tem o objetivo de amontoar constantemente condenações contra Suu Kyi, para que ela permaneça na prisão por tempo indefinido. Mais uma vez ela voltou ao papel de refém política de militares obcecados em controlar o poder por meio de intimidação e violência", destacou.

ZURIMAR CAMPOS/PRESIDÊNCIA DA VENEZUELA/AFP E CLAUDE TRUONG-NGOC/GLOBAL MEDIA SHARING

Emergência climática

▶ As enchentes atuais não nos deixam esquecer: a agenda ambiental é prioritária e está acima de qualquer questão partidária ou ideológica

Os episódios que chocaram o Brasil no fim do ano passado e no início deste até parecem cenas de filmes de ficção. Infelizmente, é a realidade que bate à nossa porta, com eventos climáticos cada vez mais imprevisíveis e destruidores. As recentes chuvas na Bahia e em Minas Gerais e a seca no Pantanal nos alertam para o que é fato consumado: a crise climática tem desequilibrado bruscamente o planeta, com consequências cada vez mais severas.

O resultado triste de tantos maus-tratos são desabamentos, inundações, estradas destruídas, produzindo um cenário com mortes, perdas materiais e milhares de famílias desabrigadas. Números divulgados pela Superintendência de Proteção e Defesa Civil da Bahia apontam que passamos de 850 mil habitantes atingidos nas regiões mais castigadas pelos temporais.

Ficamos também consternados com episódios recentes, como o desabamento de uma rocha de grandes dimensões na cidade mineira de Capitólio, que atingiu lanchas e deixou dez mortos. Além disso, a atenção com a possibilidade de rompimento de barragens traz de volta um clima de medo e tensão, resgatando as tragédias de Mariana, em 2015, e Brumadinho, em 2019. Crimes que produziram consequências ambientais irreversíveis e que até hoje deixam um enorme rastro de dor em centenas de famílias. Não é de hoje que a natureza emite alertas e tristes consequências sobre os excessos cometidos pelo ser humano contra a natureza.

Precisamos sempre aproveitar a oportunidade de mostrar as razões pelas quais desastres climáticos estão se repetindo e acontecendo com cada vez mais frequência. Hoje vemos desertos aumentando de um lado e dilúvios crescendo do outro. Há frio exagerado em alguns lugares e aquecimento dos oceanos em outros. Essa equação que produz realidades tão extremas nunca será uma boa saída. Por isso, a importância de reafirmar que tudo isso é o resultado dos maus-tratos a nossa casa maior, o planeta Terra.

Como presidente da Comissão de Meio Ambiente do Senado Federal, tenho insistido sempre que não há sustentabilidade possível para a vida humana sem tratar como prioridade a questão ambiental. Somos parte do meio ambiente. Vivemos e dependemos dele para sobreviver. Infelizmente, somos o animal predador e devastador que vem destruindo as florestas, contaminando rios e lençóis freáticos, enchendo de plástico os oceanos, entre outros crimes ambientais.

E o mais impressionante é ver o quanto o ser humano ainda é capaz de produzir todo esse mal ao planeta, mesmo plenamente ciente de que o aquecimento global é uma realidade extremamente preocupante, desencadeando uma série de consequências, como o aumento na temperatura do planeta, o degelo dos polos e o aumento no nível dos oceanos. Especialmente no Brasil, onde os desmatamentos respondem por 46% das emissões de gases poluentes na atmosfera. Diante desse rumo desastroso na agenda ambiental em nosso país, é preciso reforçar que o Estado é peça-chave nesse processo. É urgente que os governos discutam uma política mais rigorosa de infraestrutura. No Congresso, temos feito todos os esforços possíveis para que a pauta ambiental seja uma prioridade urgente. E para que o diálogo com todos os atores da sociedade e a superação de falsas dicotomias deem o tom das reflexões e do trabalho que precisa ser feito para reverter os retrocessos ambientais impostos pelas políticas criminosas de destruição e de desmonte ambiental. Precisamos discutir uma política de infraestrutura em que os governos federal, estaduais e municipais atuem de forma articulada para a prevenção de desastres ambientais.

Infelizmente, o que vemos é uma total perda de credibilidade do atual governo federal, com a imagem do Brasil completamente destruída diante da comunidade global. Isso ficou evidente durante a COP26, no ano passado, em Glasgow, mas também se reafirma em todos os contatos que fazemos com as embaixadas, empresários e entidades e nos encontros internacionais dos quais participo como representante do Congresso. É uma tristeza constatar isso em relação a um país que liderou os debates e foi protagonista nos encontros de Paris, de Copenhague e da Rio-92.

Se todo esse sofrimento puder nos ensinar algo, ele chega como um grito para mostrar que a agenda ambiental é prioritária e está acima de qualquer questão partidária ou ideológica. O cuidado individual e coletivo com a nossa casa maior é uma tarefa do presente que precisa ser urgentemente abraçada por todos nós.

Espero verdadeiramente que 2022 se consolide num ano de consciência e de esperança para começarmos a reverter esse grave quadro de devastação ambiental, pela sobrevivência não apenas do Brasil, mas de todo o planeta, das atuais e das futuras gerações. •

sen.jaqueswagner@senado.leg.br

BAPTISTÃO

O INÍCIO DO FIM?

UM NÚMERO CRESCENTE DE CIENTISTAS APOSTA QUE A ÔMICRON PODE PRECIPITAR O DESFECHO DA PANDEMIA, MAS OS CRÍTICOS ALERTAM PARA O RISCO DE COLAPSO DOS SISTEMAS DE SAÚDE

por FABÍOLA MENDONÇA e RODRIGO MARTINS

MINISTÉRIO DA SAÚDE E FLÁVIO TAVARES/O TEMPO/FOLHAPRESS

A Terra é plana ou esférica? Além de matar piolho, a Ivermectina combate o Coronavírus? As máscaras trazem mais prejuízos que benefícios? As vacinas são realmente seguras ou provocam graves reações adversas? Quem tomar o imunizante da Pfizer corre o risco de se transformar em jacaré? Sob o governo de Jair Bolsonaro, a comunidade científica precisou unir-se para enfrentar o *tsunami* de *fake news* e falsas controvérsias alimentadas pelas milícias digitais bolsonaristas. A profusão de bobagens nas redes sociais era tão grande que, em certo momento, o brasileiro viu-se forçado a escolher um lado: ou abraçava o negacionismo do xamã do Planalto ou se guiava pela "ciência". Passados dois anos e 615 mil mortos, o elevado porcentual de brasileiros que tomou ao menos uma dose da vacina, 78%, é um forte indício da vitória desse segundo grupo. Ufa!

A ciência não é, porém, o território de certezas imutáveis. É impossível dissociar a produção do conhecimento da dúvida, da divergência. Não por acaso, a comunidade científica, dentro e fora do Brasil, hoje está dividida em torno de uma tese, segundo a qual a passagem da variante Ômicron pode representar, no futuro próximo, o fim da pandemia que provocou a morte de mais de 5,5 milhões de indivíduos. À primeira vista, a hipótese desafia o senso comum. O noticiário não se cansa de apontar os impactos da nova cepa, capaz de contagiar mais de 3 milhões de pessoas em um único dia pelo mundo afora. Hoje responsável por 98% das infecções por Covid nos EUA, segundo o Centro de Controle e Prevenção de Doenças, a Ômicron provocou mais de 1 milhão de infecções no país somente na segunda-feira 10. O número de internações aumentou 20% na comparação com o início do ano anterior. Identificada em 50 das 53 nações europeias, a variante deve infectar mais da metade da Europa nas próximas seis ou oito semanas, estima a Organização Mundial da Saúde. Segundo um relatório divulgado pela entidade na terça-feira 11, a nova cepa já é predominante, sendo responsável por 58,5% dos casos de Covid-19 analisados no mundo.

A VARIANTE SE ALASTRA EM UMA VELOCIDADE SEM PRECEDENTES, MAS É MENOS AGRESSIVA QUE AS CEPAS ANTERIORES

A fila de espera nos prontos-socorros chega a seis horas. O governo federal retardou a vacinação das crianças

No Brasil, é impossível saber a real dimensão do estrago. Primeiro, porque o governo federal negligencia, desde o início da pandemia, a testagem de casos suspeitos com a identificação da variante causadora. Segundo, porque os sistemas do Ministério da Saúde estão fora do ar ou com instabilidade há mais de um mês, em decorrência de um ataque *hacker*. O Painel da Covid, por exemplo, não é atualizado desde a primeira semana de dezembro. Por ora, os poucos dados disponíveis são do Instituto de Métricas e Avaliação em Saúde (IHME) da Universidade de Washington, a estimar que o País já registra mais de 1 milhão de infecções de Covid por dia, quase a totalidade causada pela Ômicron, e pode chegar a 2,3 milhões em fevereiro (*gráfico à pág. 13*). A projeção leva em conta não só os casos confirmados por testes, mas também a gigantesca subnotificação.

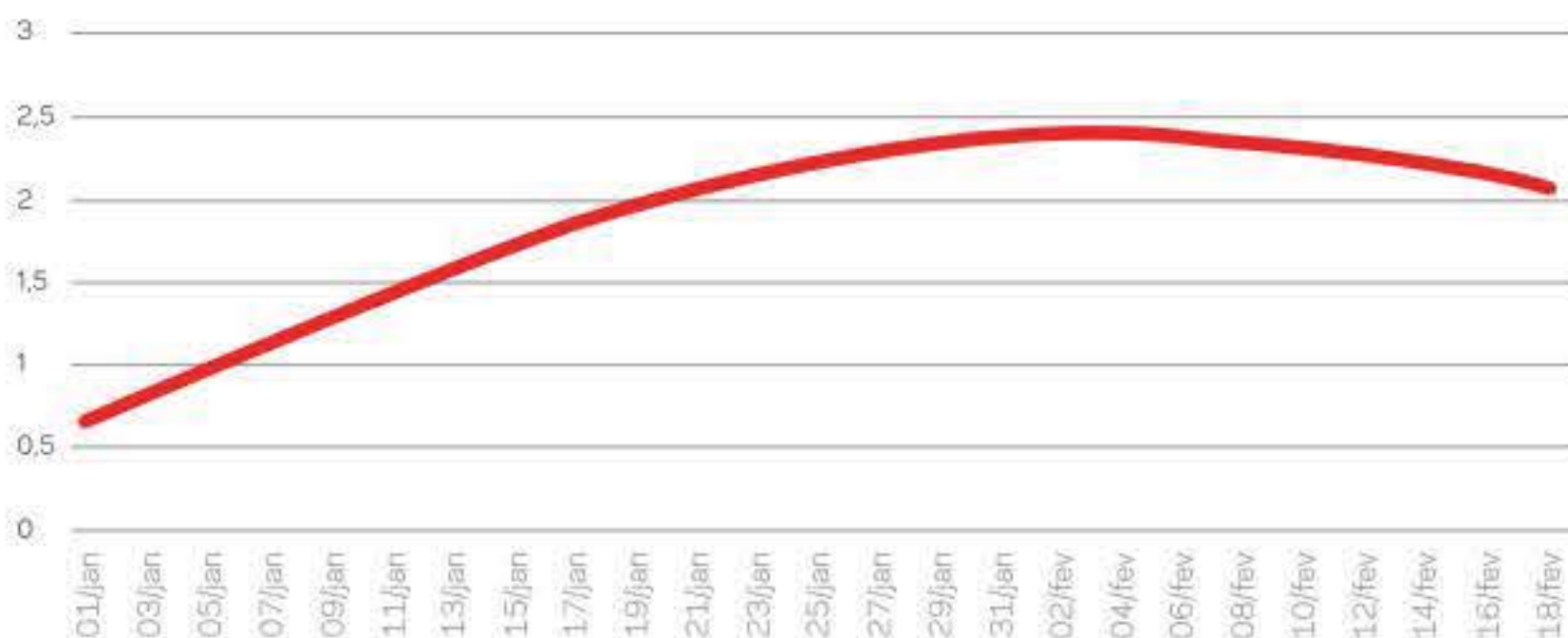
Apesar de ser altamente transmissível e ter se alastrado pelo mundo numa velocidade sem precedentes, como observou a OMS, a Ômicron revelou-se bem menos agressiva que as variantes anteriores. Não por acaso, a explosão de casos tem pressionado os serviços de emergência e lotado os leitos de enfermaria, mas não chegou a lotar as UTIs nem disparar o número de óbitos nos países com vacinação mais avançada. E são exatamente essas duas características, o fato de ser mais contagiosa e menos agressiva, que levam um crescente grupo de cientistas a acreditar que a variante pode, em curto espaço de tempo, tornar a Covid uma doença endêmica, com ciclos sazonais de infecção, a exemplo do que ocorre com o vírus da gripe.

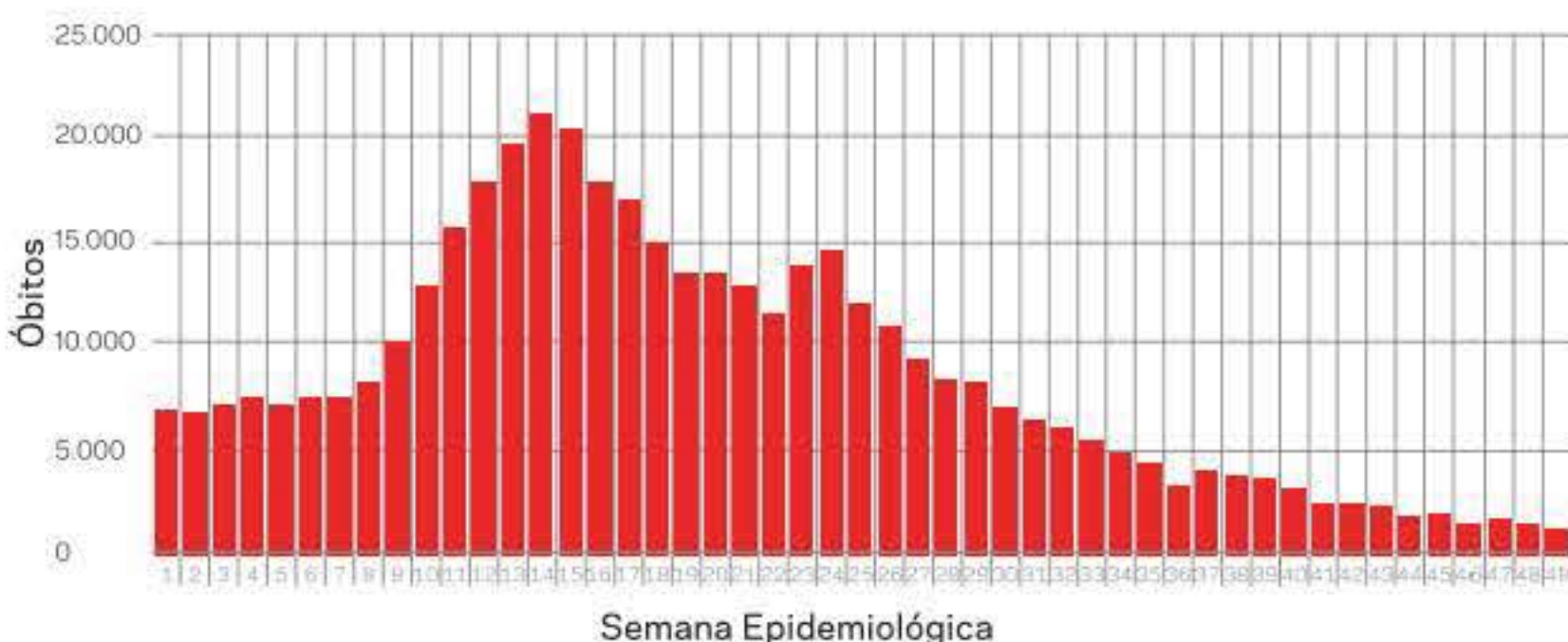
A DESIGUALDADE NA COBERTURA VACINAL FAVORECE O SURGIMENTO DE NOVAS VERSÕES DO CORONAVÍRUS

"A grande maioria deve contrair o vírus em curto espaço de tempo, mas sem desfechos graves. Teremos um grande contingente populacional com uma imunidade recente, gerada pela infecção, somada a outro de vacinados", avalia o epidemiologista Pedro Hallal, titular da Universidade Federal de Pelotas e professor visitante da Universidade da Califórnia, em San Diego (*box à pág. 15*). Segundo o especialista, as variantes anteriores eram muito mais agressivas, razão pela qual não seria possível adotar uma estratégia de imunização coletiva por exposição ao vírus. "Se tivéssemos deixado todo mundo se infectar, a pandemia poderia ter matado 3 milhões de brasileiros, em vez das 615 mil vítimas registradas até o momento."

Com a passagem da Ômicron, o cenário é diferente, observa o epidemiologista. A maioria dos brasileiros possui algum grau de imunidade ao Coronavírus em decorrência de uma infecção prévia ou da vacinação. A variante tem a capacidade de escapar dessa barreira de proteção, mas a infecção manifestará sintomas leves, semelhantes aos de uma gripe, como cefaleia, coriza, dores no corpo, febre, mal-estar e tosse. A teoria não pode, porém, ser aplicada em lugares com baixa cobertura vacinal – a exemplo da África, com apenas 11% da população imunizada às vésperas do Natal. "Ainda assim, acredito que a Ômicron pode ser o primeiro passo para o fim da pandemia por aqui. Ela é de quatro a cinco vezes menos agressiva que as cepas an-

Na África, faltam vacinas e apenas 11% da população estava imunizada às vésperas do Natal. Enquanto isso, 30% dos americanos não querem se vacinar

AVALANCHE ÔMICRON
Estimativa de infecções diárias no Brasil, incluindo os não testados (em milhões)

Fonte: Institute for Health Metrics and Evaluation/ University of Washington School of Medicine. Dados coletados em 10/jan/2022.

MENOR LETALIDADE
Óbitos de Covid-19 por semana epidemiológica em 2021

Fonte: Secretarias Estaduais de Saúde. Compilação: Ministério da Saúde.

teriores. Esse número diminui consideravelmente entre vacinados e, no Brasil, 68% estão completamente imunizados. Entre os idosos, o porcentual chega a 95%. E estamos falando de uma população com alto porcentual de indivíduos com infecção prévia. Por esses fatores, acredito que a população brasileira está mais protegida que outras."

A avaliação é compartilhada pelo infectologista Marcos Boulos, professor da Faculdade de Medicina da USP e ex-integrante do Centro de Contingenciamento ao Coronavírus em São Paulo. "Há tempos sabemos que a Covid tende a se tornar endêmica, pois o vírus se alastrou pelo mundo inteiro e as vacinas não se mostraram capazes de evitar novas infecções, embora reduzam muito o risco de hospitalização e morte. Ou seja, não há possibilidade de se erradicar a doença e teremos de conviver com ela, como convivemos com a Influenza, que matou dezenas de milhões de pessoas em 1918 e nos anos seguintes, mas depois perdeu a força", avalia. Um indicativo de que o Brasil estaria próximo dessa transição, de pandemia para endemia, foi o fato de a variante Delta ter provocado um estrago muito maior na Europa e nos EUA do que por aqui. "Seja por conta da vacinação ou por uma infecção prévia, os brasileiros parecem mais protegidos."

Não são apenas os compatriotas que podem se favorecer com a Ômicron. Na terça-feira 11, a Agência Europeia de Medicamentos, a exercer um papel regulador semelhante ao da Anvisa, manifestou dúvidas sobre a necessidade de uma segunda dose de reforço nos cidadãos do bloco. "Com a Ômicron, haverá muita imunidade natural além da vacinação. Avançamos para um cenário próximo da endemicidade", disse Marco Cavaleri, diretor de estratégia vacinal da EMA, com sede em Amsterdã. "Ninguém sabe quando veremos a luz no fim do túnel, mas chegaremos lá."

Otimista, Mike Tildesley, especialista em modelagem matemática de doenças infecciosas e professor da Universidade de Warwick (Inglaterra), acredita que a Ômicron pode favorecer o surgimento de uma cepa ainda mais branda. "No longo prazo, a Covid-19 se tornaria endêmica, com uma versão menos severa, muito semelhante ao resfriado comum", disse, em entrevista ao britânico *The Guardian*. "Ainda não chegamos lá, mas a Ômicron é o primeiro indício a sugerir que isso pode acontecer."

A tese está, porém, longe de ser consensual na comunidade científica. Na passagem do ano, o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, chegou a publicar nas redes sociais a esperançosa previsão de que a pandemia acabaria em 2022. Agora se demonstra bem mais cauteloso e reticente. "Assim como as variantes anteriores, a Ômicron está hospitalizando e matando. Na verdade, o *tsunami* de casos é tão grande e rápido que está sobrecarregando os sistemas de saúde em todo o mundo", afirmou o ex-ministro da Saúde etíope, doutor em Saúde Pública pela Universidade de Nottingham (Reino Unido). Segundo a OMS, o número de casos globais de Covid aumentou 71% na última semana. Nas Américas, houve alta

ROBYN BECK/AFP E OMS/GHANA

No pós-pandemia, devemos seguir o exemplo dos orientais e usar máscaras de proteção no inverno

de 100%. Entre os registros de casos graves, 90% são de pacientes não vacinados ou sem o ciclo completo de imunização.

O neurocientista Miguel Nicolelis, professor do Departamento de Neurobiologia da Duke University e ex-integrante do Comitê Científico de Combate ao Coronavírus do Consórcio Nordeste, também demonstra preocupação com o avanço da Ômicron. Na avaliação dele, não existe nenhum dado científico concreto ou um modelo matemático seguro a indicar que a variante possa precipitar o fim da pandemia. "De repente, pode aparecer uma mutação na Indonésia muito mais grave e letal. Não tem como prever, porque o vírus não segue uma trajetória linear", alerta *(leia mais à pág. 15)*. "Os especialistas mais renomados que eu conheço deixaram muito claro que não faz sentido falar em fim da pandemia neste instante."

Nicolelis alerta para a existência de três epidemias concomitantes no Brasil. "Tem a Ômicron, que virou dominante, tem a Delta ainda e tem a Influenza. E eu já me preocupo com a dengue, porque esse é o período sazonal de crescimento da doença." Em sua avaliação, os serviços de saúde podem entrar em colapso com a avalanche de casos de Covid prevista para as próximas semanas pela Universidade de Washington. "E o pior: o Ministério da Saúde está completamente perdido. Não temos liderança, não temos estratégia. Temos um ministro que não fala coisa com coisa, que retardou vacinas para crianças sem a menor necessidade. Nós não testamos, as pessoas ficam horas para fazer um teste e podem se infectar na fila, de tanta gente que tem. E não temos números, vivemos um apagão estatístico."

O BRASIL CHEGARÁ A 2 MILHÕES DE INFECÇÕES POR DIA NAS PRÓXIMAS SEMANAS, ESTIMA A UNIVERSIDADE DE WASHINGTON

José Gomes Temporão, ex-ministro da Saúde e pesquisador da Fiocruz, une-se aos críticos da tese do fim iminente da pandemia. "Vejo muita gente batendo palmas porque o Brasil conseguiu imunizar 68% da população, mas com muita heterogeneidade. Na Região Norte, temos estados com cobertura vacinal de duas doses na casa dos 40%", observa. É o caso de Roraima, com 39,6% da população completamente imunizada, e do Acre, com 47,7%. Além disso, enfatiza Temporão, a tese de que a Ômicron veio para tornar a Covid endêmica é apenas uma hipótese, que pode ou não se confirmar. Outra hipótese, "igualmente plausível", é de ela favorecer o surgimento de uma variante mais agressiva, devido à intensa circulação do vírus pelo planeta. "Não é o momento de fazer afirmações tão categóricas. A variante é nova, ainda estão saindo os primeiros estudos sobre o seu comportamento, fisiopatogenia, período de incubação, transmissibilidade. Precisa-

mos aguardar as conclusões para fazer prognósticos mais seguros."

Apesar do otimismo da Agência Europeia de Medicamentos, a Ômicron tem desafiado os governos do continente. No Reino Unido, as companhias privadas foram acionadas para atuar no controle da cepa, caso a ausência de profissionais doentes comprometa o Sistema Nacional de Saúde. No fim de dezembro, um em cada 20 trabalhadores da saúde estava afastado por infecção de Covid. Além disso, militares foram convocados para atuar nos hospitais, devido ao aumento dos casos.

Na Espanha, a rede primária está sobrecarregada e aposentados foram convidados a voltar a trabalhar para ajudar no atendimento. Para minimizar o déficit de profissionais da linha de frente no atendimento ao Coronavírus, a França resolveu abolir, em caráter extraordinário, a quarentena e o isolamento dos profissionais infectados que estão com sintomas leves ou nenhum sintoma, fazendo com que eles continuem atendendo outros pacientes. Um risco sem precedentes e que está servindo de base para o governo brasileiro, que reduziu para cinco dias o isolamento de trabalhadores assintomáticos. A Confederação Nacional de Saúde também defende que os profissionais com Covid-19 assintomáticos não sejam afastados do trabalho, desde que tenham tomado a terceira dose da vacina.

Apontados como um dos países onde o movimento antivacina é mais forte, os EUA são palco de uma guerra jurídica envolvendo alguns estados governados por republicanos e a administração de Joe Biden. Negacionistas, esses governadores brigam na Justiça para derrubar a obrigatoriedade da vacina. A França é outro país onde o movimento cresce, a ponto de o presidente Emmanuel Macron ameaçar transformar a vida dos não vacinados em "um inferno" e restringir o acesso a trens e cinemas. Na Itália, cidadãos aci-

CAMPUS PARTY, KATSUMI TANAKA/YOMIURI SHIMBUN/AFP E KÁTIA HELENA DIAS

RUMAMOS PARA O FIM DA PANDEMIA?

PEDRO HALLAL*

√SIM

"Estou otimista. O contexto é diferente do início da pandemia. Como as primeiras cepas eram mais agressivas, se tivéssemos deixado todo mundo se infectar, a pandemia poderia ter matado 3 milhões de brasileiros. Não dava para pensar em imunidade coletiva como estratégia. Então, surge a variante Delta, que assola o mundo inteiro, mas não o Brasil. E por quê? O País foi devastado pelas variantes anteriores. Muitos adquiriram algum grau de imunidade conferido por infecção prévia ou pela vacinação, e o número de casos e mortes despencou. Quando apareceu a Ômicron, muitos pensaram: 'Voltamos à estaca zero'. Só que a nova variante tem características que podem ser o que precisávamos. A maioria deve contrair o vírus em curto espaço de tempo, mas sem desfechos graves. Teremos um grande contingente populacional com uma imunidade recente, gerada pela infecção, somado a outro de vacinados. Com isso, a doença se tornaria endêmica e nos aproximaríamos do fim da pandemia."

**Epidemiologista da Universidade Federal de Pelotas e professor visitante da Universidade da Califórnia, coordena o Epicovid-19, o maior estudo epidemiológico sobre Coronavírus no Brasil.*

MIGUEL NICOLELIS*

XNÃO

"Não existe nenhuma indicação, baseada no perfil da Ômicron, que possa dizer que a pandemia esteja no fim. Essas declarações são baseadas em 'pensamento de *coach*', em autoajuda. Ninguém tem um dado seguro, um modelo matemático claro a prever esse cenário. De repente, pode aparecer uma mutação na Indonésia muito mais grave e letal. Não tem como prever, porque o vírus não segue uma trajetória linear. Os especialistas mais renomados que conheço deixaram muito claro que não faz sentido falar em fim da pandemia neste instante. Essa narrativa de que a Ômicron é branda foi abandonada pela OMS. Qualquer organismo que consegue infectar 3 milhões de pessoas em 24 horas não é brando nem leve. Discutir se vai virar endemia não ajuda em nada. Estamos no meio de uma guerra, na trincheira. O debate prioritário é: que medidas podemos tomar, além da vacinação, para quebrar a transmissão de casos o mais rápido possível e não deixar boa parte da humanidade ser infectada? Esse é o objetivo central."

**Neurocientista, professor do Departamento de Neurobiologia da Duke University (EUA) e ex-integrante do Comitê Científico de Combate ao Coronavírus do Consórcio Nordeste.*

ma de 50 anos serão obrigados a se vacinar, enquanto os trabalhadores não imunizados podem ser suspensos do emprego a partir de 15 de fevereiro.

Sede das Olimpíadas de Inverno previstas para ocorrer no início de fevereiro, a China volta a impor o *lockdown* em algumas cidades, diante do avanço da Ômicron, deixando mais de 20 milhões de chineses em isolamento e estabelecendo o fechamento do comércio. Está em curso uma campanha de testagem em massa, com o objetivo de zerar o número de casos e garantir a realização do evento esportivo com relativa segurança.

Em meio ao cenário assustador, os brasileiros iniciaram uma corrida pela vacina em vários estados. Na Bahia, segundo a Secretaria Estadual de Saúde, mais de 80% dos internados nas UTIs não se vacinaram. No Rio de Janeiro, a demanda dos serviços de emergência aumentou mais de 200%. "As UTIs estão com casos de Covid só entre os não vacinados. Os imunizados dificilmente passam do atendimento ambulatorial", comentou, ao jornal *O Globo*, a intensivista Ludhmila Hajjar. Na avaliação da especialista, os sistemas de saúde podem entrar em colapso em uma semana.

NOVE EM CADA DEZ INTERNADOS POR COVID SÃO PACIENTES QUE NÃO SE VACINARAM

Em alguns estados, como o Ceará, cirurgias eletivas foram suspensas para assegurar leitos de UTI a pacientes com Covid. São Paulo está reinstalando tendas para atender os doentes e, na terça-feira 11, mais de 1,7 mil pacientes estavam internados em UTIs, um aumento de mais de 90% comparado ao início de janeiro. Apenas na capital, perto de 270 mil profissionais de saúde estão infectados. Belo Horizonte alcançou 100% de lotação em leitos de enfermaria para atendimento às infecções respiratórias na rede pública. Em Pernambuco, mais de 80% das UTIs estão ocupadas por pacientes com síndrome respiratória aguda grave. Na Grande Florianópolis, em Santa Catarina, quase 80% dos leitos para Covid estão em uso. Em Goiânia, a ocupação nas enfermarias dobrou entre o fim de dezembro e a primeira semana de janeiro. Em Manaus, cerca de 50% dos leitos clínicos estão com pacientes com Coronavírus.

No Rio, o carnaval de rua foi proibido, mas o desfile na Sapucaí e as festas particulares estão liberadas

THIAGO RIBEIRO/AGIF/AFP

Salvador, Olinda, Recife, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo anunciaram que não vão permitir o Carnaval nas ruas, mas a iniciativa privada está liberada para oferecer uma programação para quem pode pagar. No Rio, inclusive, existe a possibilidade de haver o tradicional desfile das escolas de samba na Sapucaí, assim como deve acontecer em São Paulo. Mesmo com a liberação para festas privadas no Carnaval, alguns estados voltaram a adotar medidas restritivas. Na segunda-feira 10, os governos de Pernambuco e Bahia decidiram limitar a 3 mil o público em *shows* e eventos, além de exigir o passaporte vacinal para ter acesso aos locais. "Estamos lidando com uma situação de pré-colapso nas emergências municipais, UPAs, postos de saúde e nas emergências dos hospitais estaduais", justifica o governador baiano, Rui Costa, do PT. "Esperamos que essa medida sirva de alerta também para quem organiza eventos e que passem a exigir o atestado de vacinação com maior rigor."

Diante desse cenário, Júlio Croda, pesquisador da Fiocruz e professor associado da UFMS e da Yale School of Public Health (EUA), diz nutrir um "otimismo cauteloso" em relação à Ômicron. "Existe, de fato, um bom prognóstico após a passagem da variante, mas não temos garantia de que não aparecerá uma nova cepa capaz de quebrar essa barreira imunológica e causar infecções mais graves", pondera. "Além disso, um número tão elevado de infecções ao mesmo tempo vai sobrecarregar os serviços de saúde. Nas emergências, já vemos filas de quatro a seis horas, falta de profissionais, falta de atendimento médico. Por menor que seja a sua letalidade, a Ômicron pode, sim, provocar um colapso na saúde pública." •

DRAUZIO VARELLA

Fuja da Ômicron

▶ Alguns se perguntam se não seria melhor pegarmos de uma vez essa variante menos agressiva. Não é melhor, não, prezado leitor

Numa época sem vacinas, quando aparecia uma criança com rubéola, a mãe convidava as amigas para levarem as filhas para brincar com a doente. Era a estratégia para "pegar" uma doença de evolução benigna logo na infância, para evitar contraí-la numa futura gravidez, fase em que poderia causar malformação fetal.

Seria o caso de agirmos da mesma forma com a variante Ômicron? Se ela é tão contagiosa, não é provável que todos seremos infectados, um dia? Não seria melhor pegarmos de uma vez essa variante menos agressiva, com menor risco de hospitalização, para ficarmos livres dessa pandemia que parece não ter fim? Não é melhor, não, prezado leitor. É, aliás, uma péssima ideia, pelas seguintes razões:

Primeira: Embora a Ômicron esteja associada a formas menos graves da doença, por não provocar comprometimento pulmonar extenso como as variantes anteriores, não será possível prever a evolução da Covid em seu caso particular.

Segunda: Nenhum de nós pode ter certeza de que a nossa resposta imunológica será capaz de conter a multiplicação viral dentro de limites seguros. O número de internações hospitalares e de óbitos nos Estados Unidos continua aumentando, apesar da alta prevalência da variante Ômicron, que, em cidades como Nova York, ultrapassa 90%. O número de crianças e adolescentes hospitalizados diariamente naquele país é o mais alto desde o início da pandemia, em 2020.

Terceira: Ainda que você não precise ser internado, não existe garantia de que a Covid adquirida será uma tarde no parque. Não é agradável ter uma infecção que causa febre, dores musculares, cansaço intenso, cefaleia, tosse persistente, dor de garganta, coriza, dor de ouvido, perda de olfato e perversão do paladar, entre outros sintomas de intensidade variável. O filho de uma paciente que tratei anos atrás passou o *réveillon* na Bahia. Voltou para São Paulo com Covid – como tantos. Depois de dois dias foi levado para o pronto-socorro com uma dor de garganta e de ouvido tão fortes e rebeldes que precisou tomar morfina.

Quarta: As demais variantes provocam quadros com sintomas que costumam regredir depois da primeira semana. Levamos tempo para entender que alguns desses sintomas, ocasionalmente, persistem por semanas, meses e até mais, quadro que hoje chamamos de Covid longa ou prolongada. Não há tempo de observação suficiente para ter certeza de que o mesmo não possa acontecer com a Ômicron.

Quinta: Acompanho pacientes que tiveram Covid em 2020. No decorrer de 2021, receberam duas doses de vacina, mais a dose de reforço e, ainda assim, foram infectados pela Ômicron e caíram de cama.

Esses casos acontecem porque todas as vacinas disponíveis foram testadas em estudos para avaliar a capacidade de evitar quadros graves, com hospitalizações e mortes. Nenhuma delas foi testada para evitar infecções pelo Coronavírus. Portanto, pessoas vacinadas com as três doses ainda podem ser infectadas. A vantagem é que não vão parar nos hospitais.

Sexta: Exposto à variante Ômicron, você poderá transmiti-la, ainda que esteja assintomático. Você se tornará um perigo ambulante para adultos não vacinados, pessoas de idade com comorbidades, crianças pequenas e todos os que tiverem sistema imunológico frágil.

Sétima: Não há segurança de que, ao se expor, você será infectado pela Ômicron. A variante Delta continua por aqui. E se você contrair uma variante mais agressiva?

Oitava: Quanto maior o número de infectados, maior a probabilidade de surgirem novas variantes.

Nona: Não sabemos se a imunidade adquirida pela infecção por Ômicron persiste por muito tempo. Sabemos, no entanto, que variantes como Delta ou Beta induzem a produção de altas concentrações de anticorpos neutralizantes, mas que a duração da imunidade diminui com o passar dos meses. Por que seria diferente com a Ômicron? Por que razão a infecção por ela protegeria contra uma nova variante que, porventura, venha a surgir?

Décima: Não faz o menor sentido contrair uma doença com o objetivo de adquirir imunidade, quando existem vacinas seguras e eficazes que são capazes de obter esse resultado sem provocar doença nenhuma. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

CAPA

O ENIGMA ÔMICRON

VIVEMOS UM MOMENTO DE INSTABILIDADE, COM O SURGIMENTO DE CEPAS CUJO COMPORTAMENTO NÃO DÁ PARA PREVER, DIZ O INFECTOLOGISTA JAMAL SULEIMAN

a RIAD YOUNES*

Hoje, mais de 99% das infecções por Covid são devidas à variante Ômicron. Apesar do apagão de dados do Ministério da Saúde, está clara a explosão de casos diagnosticados e hospitalizados diariamente. O contágio está tão intenso que faltam testes e profissionais de saúde. Autoridades tentam minimizar o impacto da cepa altamente contagiosa, a ponto de o presidente da República, espantosamente, declarar bem-vindo este vírus. Passados dois anos da pandemia e da avalanche de informações jogadas ao público, parece que muitas pessoas aprenderam pouco. Conversamos com o doutor Jamal Suleiman, infectologista no Instituto Emílio Ribas, em São Paulo, tarde da noite, depois de ele ter passado um dia se voluntariando no atendimento emergencial de seu hospital, para cobrir a falta de profissionais de saúde afastados pela Covid. A lucidez de suas colocações e a intensidade de sua luta pela saúde pública nos ajudam a ver o quadro atual longe dos extremismos politizados.

CartaCapital: É prudente liberar infectados por Covid após isolamento de cinco dias, apesar de estudos recentes revelarem que 19% dos infectados pela Ômicron continuam positivos além de nove dias?

Jamal Suleiman: Diante das características dessa variante quanto à sua capacidade de transmissão, o prazo de cinco dias é inoportuno para indivíduos sintomáticos. Ainda que os sintomas sejam brandos e a febre não seja um achado comum, a persistência de partículas virais viáveis no quinto dia de doença torna a liberação do isolamento um risco.

“O TEMOR DE ESCAPES VACINAIS É REAL, UMA VEZ QUE NÃO HÁ EQUIDADE NA DISTRIBUIÇÃO DAS VACINAS”

CC: Estudos revelam que risco de miocardite é 37 vezes maior em crianças infectadas com Covid, e que as vacinas trazem um risco mínimo (somente 12 casos identificados em 9 milhões de crianças vacinadas, sem sequelas). Como o senhor vê a estratégia do governo nesse tema?

JS: O Ministério da Saúde dispõe de instrumentos para vigilância de “eventos vacinais sérios”, que são de notificação compulsória no Brasil. Além disso, o sistema de vacinação também dispõe de informação da aplicação de cada imunizante em cada local de aplicação. O papel do ministério, por meio do Programa Nacional de Imunização, deve ser o de estimular o processo de imunização dessa faixa etária, mostrando a importância dessa ferramenta para a saúde pública.

CC: Há poucos dias, mais um estudo no *New England Journal of Medicine* confirmou a eficácia acima de 90% da vacina da Biontec-Pfizer em 2.316 crianças entre 5 e 11 anos, com menos de 1% de efeitos colaterais leves. Por que tanta celeuma em torno da vacina?

Os hospitais voltaram a lotar e faltam profissionais de saúde no atendimento, alerta Suleiman

JS: Não há dúvidas acerca da segurança e da eficácia dessa vacina. Neste momento da pandemia, a variável mortalidade é aquela para a qual todos os imunizantes devem ser dirigidos.

CC: A pandemia tem afetado os cuidados de pacientes com outras doenças. Recentemente, a Organização Mundial da Saúde fez um alerta sobre o aumento expressivo da mortalidade e a diminuição da notificação de casos de tuberculose. O senhor tem visto isso no Brasil?

JS: Sim, o impacto na assistência às outras doenças infecciosas é evidente, na medida em que os serviços dirigiram seus esforços, que são finitos, para a Covid. Outras doenças, entre elas a tuberculose, ficaram relegadas, demorando o seu diagnóstico e tratamento. Este mesmo cenário pode ser encontrado no tratamento da Aids, onde a tuberculose é a doença pulmonar mais prevalente.

CC: Os hospitais estão lotando novamente com casos de Covid e Influenza grave. Como está a situação no Emílio Ribas?

JS: O hospital é para doenças infecciosas com todas as modalidades de assistência e que tem porta aberta. Dentro do plano de contingência, é referência para casos graves. Portanto, seguimos com ocupação plena.

CC: A política de testagem em massa no Brasil, se é que isso existe, é falha. O que o senhor acha dos autotestes para Covid usados na Europa e nos EUA?

JS: O teste é fundamental como ferramenta auxiliar de diagnóstico e de adoção de medidas de contenção. Trata-se de um teste simples e, com um mínimo de orientação, qualquer um pode fazê-lo.

CC: Como o senhor vê a progressão da pandemia no Brasil e no mundo?

JS: Ainda vivemos um momento de instabilidade, com o surgimento de variantes cujo comportamento não podemos prever. O temor de escapes vacinais é real, uma vez que não há equidade na distribuição das vacinas. Por outro lado, o confinamento como ferramenta de distanciamento físico atingiu seu esgotamento, o que nos coloca em permanente risco.

CC: Estamos conhecendo cada dia melhor a variante Ômicron. É cauteloso dizer que é uma forma leve de Covid?

JS: A forma aguda em não vacinados é mais branda, mas não menos preocupante, uma vez que temos pessoas não vacinadas que continuam com risco potencial para desenvolvimento de formas graves. Outro aspecto a se lembrar é que não sabemos o que pode acontecer após a infecção, a longo prazo. Precisamos de um hiato temporal para avaliar melhor o impacto dessa onda.

CC: Como o senhor lida com o apagão de dados do Ministério da Saúde? Até a OMS manifestou preocupação.

JS: Estamos há um mês sem qualquer resultado das investigações. Os sistemas continuam comprometidos, dificultando enormemente o conhecimento do *status* da pandemia. É apenas mais uma demonstração da incompetência desse ministério na gestão de uma grave crise sanitária.

CC: Com esta onda extensa de Ômicron, o que sugerir para os chefes e gestores? *Home office* para os funcionários? Testagem frequente?

JS: Não há dúvida acerca da eficácia do distanciamento para a contenção da disseminação da doença. O *home office* deve ser considerado até que tenhamos segurança. Já a testagem dos casos suspeitos e o rastreio dos comunicantes é imprescindível para o isolamento dos infectados.

CC: Se o senhor tivesse poder absoluto no Brasil, o que faria hoje em matéria de saúde pública?

JS: Seguiria as normas definidas em qualquer manual de saúde pública, com ênfase em vacinação, testagem, acesso ao atendimento dos casos sintomáticos, investimento em sistema de dados, de comunicação, e a substituição completa deste governo. •

**Diretor do Centro de Oncologia do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, professor da Faculdade de Medicina da USP e colunista de* CartaCapital.

Tudo pelos amigos do rei

EXCLUSIVO Um contrato de dezembro da Postal Saúde, assinado sem licitação, é mais uma história interpretada por militares e empresários bolsonarizados

POR ANDRÉ BARROCAL

Mauro Carlesse, do PSL, responde desde dezembro a um processo de *impeachment* na Assembleia Legislativa de Tocantins por uma denúncia de corrupção que levou o Superior Tribunal de Justiça a afastá-lo por 180 dias do governo do estado, em 20 de outubro, a fim de impedir que atrapalhe as investigações. Ele exigiria propina para permitir que um hospital privado local, o Oswaldo Cruz, recebesse pagamentos por atendimentos ao convênio dos servidores estaduais. O achaque teria começado logo após o rico fazendeiro eleger-se governador tampão, em junho de 2018. Dois meses depois, o estado trocou a firma gestora do Plansaúde. Saiu a Unimed, entrou a Infoway. Esta era peça-chave no esquema, conforme delatado por dois dirigentes do hospital achacado. Cabia a ela arranjar as justificativas técnicas para o Plansaúde reduzir ou negar quantias cobradas pelo hospital. "A Infoway é utilizada como mecanismo de pressão da suposta organização criminosa, efetuando a glosa de valores todas as vezes em que se deseja aumentar o porcentual das vantagens ilícitas", escreveu o juiz Mauro Campbell, do STJ, no despacho que tirou Carlesse do cargo.

Dois dias antes do afastamento do governador, a diretoria do plano de saúde dos empregados dos Correios reuniu-se por videoconferência. Um dos assuntos na pauta, segundo a ata, era a escolha de uma empresa que analisasse faturas enviadas por hospitais e médicos que atendessem os conveniados. O mesmo serviço da Infoway em Tocantins. Em uma reunião anterior, em 5 de agosto, também por videoconferência, o diretor-administrativo, Reinaldo Soares de Camargo, propusera uma licitação para selecionar a gestora. Em outubro, havia mudado de ideia. Defendeu fechar negócio direto com a Infoway, sem concorrência. A ideia foi aprovada pelos outros dois diretores presentes à videoconferência, ambos generais. José Orlando Ribeiro Cardoso, o presidente, e Oscar Henrique Grault Vianna de Lima, o diretor de Planos de Saúde e Relacionamento com os Clientes.

A Infoway, enrolada no Tocantins, levou o contrato do plano de saúde dos Correios

Em 2020, a firma escolhida tinha conseguido melar na Justiça uma licitação do governo do Distrito Federal que selecionaria uma operadora para um futuro plano de saúde dos servidores. Na época, o governador Ibaneis Rocha comentou que "a máfia que não quer licitações tenta suspender o plano".

Na semana seguinte à seleção da Infoway pela Posta Saúde, foi Grault quem mudou de ideia. Em um *e-mail* a Cardoso em 29 de outubro, informou que era contra o acordo com a empresa. E que queria sua posição incluída na ata da reunião de 18 de outubro, o que foi feito. Ele deixou o cargo em 31 de outubro. Foi destituído pelo presidente dos Correios, outro general.

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 26
Minas Gerais. O estado permanece à mercê dos "desastres naturais"

EVANDRO LEAL/AGÊNCIA ENQUADRAR/FOLHAPRESS E REDES SOCIAIS

Cândido pai, dono da Hapvida, com os filhos Cândido Júnior e Jorge Pinheiro, a quadrilha bolsonarizada

Floriano Peixoto Vieira Neto foi secretário-geral de Jair Bolsonaro no Palácio do Planalto e, em junho de 2019, substituiu o também general Juarez Cunha nos Correios. Cunha opunha-se à venda da estatal. Vieira Neto, não. Para a vaga de Grault recrutou um coronel, Freibergue Rubem do Nascimento, ex-secretário nacional-adjunto de Segurança Pública e então chefe do projeto de escolas militares do Ministério da Educação. Em 8 de novembro, com Nascimento no posto, a diretoria da Postal Saúde ratificou o negócio com a Infoway. O contrato está vigente desde 10 de dezembro.

Por que o acordo custou a cabeça de um general? Eis outra história nebulosa protagonizada por militares no setor de saúde, similar às negociações de vacinas anti-Covid. De 2013 a 2015, Grault foi secretário de Controle Interno do Superior Tribunal Militar. É, portanto, experiente em identificar, digamos, malandragens. Teria vislumbrado algum esquema como aquele de Tocantins? A *CartaCapital* ele disse que, por estar de férias, não tinha acesso ao material que enviara a Cardoso contra um acordo com a Infoway. "Quanto à minha saída, não tenho conhecimento do motivo, por se tratar de uma prerrogativa do presidente dos Correios." Procurada, a Postal Saúde não deu informações sobre os argumentos de Grault. A demissão dele, prosseguiu, não teria "relação com a contratação" da Infoway e que foi por "decisão da Mantenedora", ou seja, dos Correios. Também via assessoria os Correios não responderam a três pedidos de esclarecimentos sobre o motivo de Vieira Neto ter degolado Grault.

Por que tanta obscuridade? Além do fato de o contrato ter sido decidido da forma como foi, e de ter numa das pontas uma empresa acusada de integrar uma engrenagem de corrupção, essa mesma firma tem por trás "amigos do rei". A Infoway

Postal Saúde
Sua vida, nossa existência

NUP: 044085/2021

ATA DA 259ª REUNIÃO DA DIRETORIA-EXECUTIVA - REUNIÃO ORDINÁRIA - POSTAL SAÚDE - CAIXA DE ASSISTÊNCIA E SAÚDE DOS EMPREGADOS DOS CORREIOS			
Data	Início	Término	Local
05/08/2021	10h	12h30	Videoconferência Corporativa

PARTICIPANTES

1º Ofício de Brasília-DF
Nº do Protocolo e Registro
165151
Pessoas Jurídicas

Diretores:

- José Orlando Ribeiro Cardoso - Diretor-Presidente;
- Reinaldo Soares de Camargo - Diretor Administrativo e Financeiro;
- Edivaldo Fortunato Pereira - Diretor de Gestão de Saúde e Rede; e
- Oscar Henrique Grault Vianna de Lima - Diretor de Planos de Saúde e Relacionamento com os Clientes.

1 MATÉRIAS PARA DELIBERAÇÃO

1.1 Renovação dos contratos 003/2013 (centrais), 728/2017 (manutenção), 779/2018 (conectividade) e autorização para licitação de Sistema de Apoio à Gestão e Serviços de Centrais de Atendimento, Regulação e Faturamento **VOTO DIAFI 040/2021.**

Postal Saúde
Sua vida, nossa existência

NUP: 060904/2021

ATA DA 271ª REUNIÃO DA DIRETORIA-EXECUTIVA - REUNIÃO ORDINÁRIA - POSTAL SAÚDE - CAIXA DE ASSISTÊNCIA E SAÚDE DOS EMPREGADOS DOS CORREIOS			
18/10/2021	Início	Término	Local
18/10/2021	10h	13h	Videoconferência Corporativa

PARTICIPANTES

Diretores:

- Oscar Henrique Grault Vianna de Lima - Diretor de Planos de Saúde e Relacionamento com os Clientes Soares de Camargo - Diretor Administrativo e Financeiro

1 MATÉRIAS PARA DELIBERAÇÃO

Postal Saúde
Sua vida, nossa existência

a Sra. Carolina Almeida Camilo Cruz da Silva, Gerente de Controle Financeiro, por unanimidade, decidiu: **a)** aprovar a contratação direta da empresa Infoway Tecnologia e Gestão em Saúde LTDA, 2021, de 14 de outubro de 2021 e; **b)** encaminhar a matéria aos Conselhos Fiscal e Deliberativo para conhecimento. Oportunamei **b)** solicitar à Gerência Administrativa (GERAD) providências acerca do encerramento do pregão eletrônico para contratação rmações referentes ao ressarcimento ao SUS sejam demonstradas separadamente na apresentação das despesas assistenciais por plano.

1.2 RES/DIREX 02/271 – Acompanhamento do Consumo Orçamentário acumulado até setembro de 2021 – A presente Ata é fiel reprodução dos itens tratados na reunião que, após lida pelos participantes foi solicitado pelo Sr. Oscar Henrique Grault Vianna de Lima, Diretor de Planos de Saúde e Relacionamento com os Clientes, reconsiderar sua decisão no item 1.4, posicionando-se contrário ao voto da matéria, cuja justificativa foi encaminhada ao Diretor-Presidente, por mensagem eletrônica contendo documento anexo, em 29 de outubro de 2021. ações da Execução Orçamentária aos Conselhos Fiscal e Deliberativo, para conhecimento.

A Postal Saúde pretendia fazer uma licitação para contratar serviço de gestão em saúde. Eis a razão da suspeita

foi comprada, em abril de 2019, por 25 milhões de reais, pela Hapvida, do Ceará, um dos principais planos de saúde do País, o maior do Nordeste. O patriarca do grupo e seu fundador é um oncologista de 75 anos, Cândido Pinheiro Koren de Lima. Este e os dois filhos, Cândido Júnior e Jorge, um trio de bilionários, são figuras habituais em reuniões do PIB com Bolsonaro.

Até o fim do ano passado, Júnior, de 51 anos, era o vice-presidente de Relações Institucionais da Hapvida. Nessa condição, esteve em ao menos três ocasiões com Bolsonaro. Em junho de 2019, era um dos 50 convidados de um jantar oferecido ao ex-capitão na casa de Paulo Skaf, comandante da Fiesp. Em março de 2020, participou de um encontro na Federação das Indústrias paulistas com o presidente. Quatro meses depois, era um dos dez vips em um almoço de Bolsonaro no Palácio da Alvorada. Uma foto do almoço o mostra às gargalhadas ao lado do presidente e de Skaf.

Cândido Pinheiro, o pai, foi um dos comensais de um jantar com Bolsonaro, em São Paulo, em 7 de abril de 2021, na casa de Washington Cinel, um ex-tenente da PM dono de uma firma de segurança e vigilância privada, a Gocil. O convescote contou, entre outros, com a presença dos banqueiros André Esteves, do BTG, e Luiz Carlos Trabuco, do Bradesco. Na véspera, o clã Pinheiro despontara na lista de ricaços da *Forbes*. Entre as 65 maiores fortunas brasileiras, o oncologista era a 15ª, com 3,7 bilhões de dólares.

Dois meses depois, mudou de ideia: decidiu contratar sem licitação a Infoway, controlada da Hapvida. O general que era diretor de relacionamento com clientes ficou contra e fez questão de que sua posição fosse registrada em ata. Ele foi demitido pelo general-presidente dos Correios

Os dois filhos tinham 1,8 bilhão cada um.

A família passou a frequentar a lista em 2018, ano em que a Hapvida abriu o capital na Bolsa. Na época, o grupo tinha 204 estabelecimentos próprios, dos quais 26 hospitais, 4 milhões de clientes, entre planos de saúde e odontológicos, faturamento anual de 4,5 bilhões e lucro de 788 milhões. O crescimento, desde o início dos negócios, em 1993, deu-se no embalo de programas sociais e expansão da classe C nos governos FHC e Lula, segundo uma entrevista de Cândido Pinheiro em 2016: "Quando se irriga o mercado com tanto dinheiro quanto eles irrigaram, a população que está em cima recebe sua parte. E depois de encher a barriga, a segunda preocupação é a saúde".

O grupo continuou a encorpar na era Bolsonaro. No terceiro trimestre de 2021, último balanço disponível, sua rede própria era de 475 estabelecimentos (+ 230% ante 2018), sendo 47 hospitais (180%), a clientela chegava a 7,4 milhões (185%), as receitas somavam 8,6 bilhões e o lucro, 655 milhões. O avanço mais recente dá-se à base de aquisições de concorrentes e da chamada verticalização. Um plano convencional faz a intermediação entre usuários, de um lado, e médicos e hospitais, de outro. No caso da Hapvida, não: ela é dona dos estabelecimentos e empregadora dos médicos (uns 30 mil). "A verticalização, quando trabalha pela saúde, pode ser uma boa alternativa", afirma o médico Arthur Chioro, ex-ministro da Saúde. "O problema é quando se destina exclusivamente à gestão de custos. A Hapvida tem controle total da rede de prestação de serviços, ou de grande parte dessa rede. A Agência Nacional de Saúde fiscaliza operadoras, não a rede. É fundamental mudar a legislação para a ANS fiscalizar também a rede."

"Há muitas evidências de que os donos da Hapvida são bolsonaristas", anota Chioro, e isso ficou claro na pandemia, postura favorecida pela verticalização. O convênio apoiou o uso (inútil) de cloroquina em pessoas com Coronavírus, igual a Prevent Sênior, motivo de ter sido multado em 465 mil reais pelo Ministério Público do Ceará em abril de 2021 e de ter estado na mira de um integrante da CPI da Covid, o petista pernambucano Humberto Costa, autor de quatro requerimentos sobre a companhia.

Ribeiro Cardoso e Oscar Henrique Grault Vianna, envolvidos até o pescoço

Peixoto, general da reserva premiado com a presidência dos Correios

Carlesse, governador de Tocantins afastado, poderia militar na Camorra

REDES SOCIAIS, ALAN SANTOS/PR E ESEQUIAS ARAÚJO/GOVTO

Cândido Pinheiro, o pai, havia sido um dos 23 gigantes do PIB com os quais Bolsonaro fizera uma videoconferência em 20 de março de 2020, nove dias após a Organização Mundial da Saúde decretar o Coronavírus uma pandemia. O presidente apelara aos ouvintes para que mantivessem os negócios a funcionar. No dia seguinte, anunciava na *web* ter ordenado ao laboratório do Exército a produção em grande escala do comprimido. Dois meses depois, em maio de 2020, o Sindicato dos Médicos de Pernambuco recebera denúncias de funcionários da Hapvida de experiências com cloroquina em um hospital da empresa no Recife. Médicos eram coagidos a seguir o protocolo da casa, de prescrição do remédio, e a não falar mal do placebo, conforme mensagens de WhatsApp obtidas por um *site* de Pernambuco, o Marco Zero. Do contrário, teriam de se explicar à chefia e poderiam ser demitidos, uma ameaça real diante da verticalização da empresa.

Em outubro de 2021, reta final da CPI, um dos denunciantes, Felipe Peixoto Nobre, contou ao *Globo*: "Não interessava se o paciente sabia ou não dos riscos, a orientação era: tem de passar *(cloroquina)* e não cabe discussão. Eu saí em maio de 2020, mas soube por colegas que eles continuaram fazendo isso até março deste ano". Na época da entrevista, o noticiário relatava que, na Bahia, uma vítima fatal do vírus tinha tido a causa da morte omitida pela Hapvida, a qual posteriormente diria ter sido um erro.

Apesar de tudo, nenhum dirigente da companhia depôs na CPI, ao contrário da Prevent. Segundo um membro da comis-

são, a empresa trabalhou nos bastidores para evitar qualquer convocação. O relator, Renan Calheiros, do MDB, não teria se interessado pelo caso, idem o presidente Omar Aziz, do PSD. Calheiros temeu o poder de fogo da Hapvida? Em 2014, o grupo cearense entrou na área da comunicação, ao assumir o controle de uma tevê em Alagoas, a terra do relator da CPI, e outra em Natal, a capital potiguar. A aventura pelo setor midiático tem sido conduzida através da Canadá Participações e Investimentos, propriedade da família Pinheiro. Já se espraiou para rádios e tevês na Paraíba e em Pernambuco. O relatório final da CPI cita a Hapvida uma única vez, como exemplo de quem se escondeu atrás de um parecer da Conselho Federal de Medicina sobre autonomia médica para justificar a prescrição de cloroquina. Acusação, nenhuma.

"A família Pinheiro sempre teve bom relacionamento com políticos de vários espectros, sempre faz *lobby* para indicar diretores da ANS, mas confesso que fiquei surpreso com esse envolvimento com o Bolsonaro", afirma um integrante da CPI.

Diante disso, dá para ficar surpreso com o acordo feito pelo plano de saúde dos Correios com a Infoway? E da forma como foi? Ao se desfiar o novelo do negócio, chega-se de alguma forma ao presidente da Caixa Econômica Federal, Pedro Guimarães, figura tradicional nas transmissões de Bolsonaro em vídeo na *web*. Em fevereiro de 2019, início do atual governo, Guimarães assinou a liberação de um economista da Caixa, Heglehys-chynton Valério Marçal, para ser assessor especial do presidente dos Correios, na época o general Cunha. Guimarães e Marçal são da mesma escola: o que podem fazer para encolher as estatais a que pertencem e abrir espaço para o lucro privado, eles fazem. Marçal seguiu no cargo com o sucessor de Cunha. Em abril de 2021, foi nomeado pelo general Vieira Neto diretor-financeiro dos Correios, com a missão privatizadora. Nos Correios, comenta-se que o diretor da Postal Saúde responsável por favorecer a Infoway chegou ao cargo graças a Marçal. Reinaldo Camargo era do Funcef, fundo de pensão da Caixa, e aproximou-se de Marçal lá.

Governador do DF, Ibaneis Rocha denunciou a presença mafiosa

Pedro Guimarães, defensor ardoroso do lucro privado

Nos Correios, há quem aponte vários pontos críticos no negócio desenhado por Camargo com a Infoway. O acordo é milionário (a Postal Saúde não revela o valor), e a Infoway não parece ter capital social suficiente para arcar, por exemplo, com eventuais multas. Seu capital é de 2,9 milhões. Além disso, com ela na Postal, pode haver conflito de interesses entre os conveniados (empregados dos Correios) e a Hapvida. Caberá à Infoway auditar faturas de despesas médicas. E se ela negar tudo o que não for pagamento à rede da Hapvida? Em setembro, a ANS aprovou a incorporação da São Francisco Odontologia, prestadora de serviço à Postal Saúde, pelo grupo do Ceará. A Postal gasta perto de 1,3 bilhão por ano, e agora talvez fique mais fácil canalizar a bolada para a Hapvida, via Infoway.

Ao contrário da Prevent Sênior, a Hapvida foi poupada na CPI

A Postal Saúde diz que o Manual de Contratação da entidade permite selar negócios sem licitação. E que "a solução contratada permitiu a atualização do sistema de apoio à gestão da Postal Saúde, gerando economicidade anual de em torno de 37% em relação ao contrato anterior". O acordo precedente, de cerca de 18 milhões, era com uma firma chamada Benner, firmado em 2013 e renovado em 2017. A Benner, aliás, teria sido a substituta da Infoway no convênio dos servidores de Tocantins, após o contrato com o Plansaúde ter sido rompido em agosto de 2020, 14 meses antes do afastamento do governador Carlesse.

Via assessoria de imprensa, a Infoway disse, a propósito da acusação de integrar um esquema em Tocantins, que o serviço vendido ao plano de saúde dos servidores de lá era um *software* e uma análise técnica sobre a cobrança feita por atendimentos médico-hospitalares. "Se isso era usado indevidamente depois, não contava com a participação nem anuência da Infoway", afirmou. Pagar ou não os valores cobrados era uma decisão dos dirigentes do Plansaúde. Ainda conforme a assessoria, o acordo em Tocantins foi rompido após calotes por parte do Plansaúde.

JOSÉ CRUZ/ABR E JOSÉ DIAS/PR

MARCOS COIMBRA

Facada II, a lorota

▶ O episódio não foi decisivo nas eleições de 2018, como se supõe. Bolsonaro recorre, no entanto, a todos os meios possíveis para permanecer no páreo

Tem muita gente boa com mais medo de Bolsonaro do que deveria. Ele é feio, mas não há motivo para tanto susto. O medo exagerado vem, principalmente, de 2018, de avaliações incorretas daquela eleição, não do que aconteceu depois que chegou ao governo. Desde então, fora alguns latidos, há mais motivos para ignorá-lo do que para se preocupar.

A manifestação mais recente dessa síndrome é a história da "facada". O noticiário deste início de ano esteve recheado do assunto, fazendo com que alguns supusessem que teriam de lidar, outra vez, com a velha assombração. Foi como se as fotos no hospital, a conversa a respeito da saúde das vísceras e a rememoração do acontecido em Juiz de Fora mostrassem que havia estreado a segunda temporada da pantomima do "atentado".

Quem acredita que o episódio foi decisivo para a vitória do capitão deve se preocupar, pois tudo indica que voltará a ser explorado. Ou se animar: hoje, com imagem cambaleante e à frente de um governo ridículo, ele atira para todos os lados, para ver se acerta em um alvo qualquer que melhore suas chances. Se a "facada" o ajudou, por que não lançar o Capítulo 2?

A questão é que não há nada que demonstre que essa tese é verdadeira, por mais divulgação que tenha tido. As evidências sugerem o inverso: ela parece ter sido irrelevante na eleição, se considerarmos suas consequências diretas.

É impossível saber o efeito que possa ter tido nos sentimentos do eleitorado, mas podemos olhar aquilo que mostram as pesquisas de intenção de voto realizadas antes e depois. Se fosse efetivamente decisiva, esperaríamos uma inflexão de tendências, ao comparar, por exemplo, as duas semanas antes com as duas a seguir ao dia 6 de setembro, dando tempo para que a informação se distribuísse na opinião pública.

No período entre 20 de agosto e 20 de setembro de 2018, foram publicadas 24 pesquisas de âmbito nacional com dados de intenção de voto. Sem privilegiar nenhuma (pois não há como estabelecer se uma é "melhor") e raciocinando com a média dos resultados de todas, temos que o capitão foi de 22% para 28% nesses 30 dias. Cresceu, portanto, 6 pontos porcentuais na média das pesquisas.

Não é muito. No mesmo intervalo de tempo, Fernando Haddad foi de 4% para 18%, algo que pode ser classificado como um salto provocado pela confirmação de sua candidatura no dia 11 de setembro (depois das violências jurídicas que tiraram Lula da eleição). Em relação a esse desempenho, a melhora do outro foi insignificante.

Mas os dados a respeito das intenções de voto no capitão mostram também outra coisa, se compararmos os 20 dias anteriores com os dez após a "facada": entre 20 de agosto e 10 de setembro, Bolsonaro passou de 22% para 25%, e daí cresceu para 28% nos dez dias seguintes. Estava em um processo de lenta ascensão nas intenções de voto antes e assim permaneceu depois. Não mudou.

Não há evidências, se levarmos em conta a média das pesquisas publicadas, de que a "facada" tenha sido a causa de crescimento do capitão. Ao menos diretamente, pois com certeza serviu para que fugisse do debate cara a cara com os demais candidatos, em especial com Fernando Haddad no segundo turno. Consciente de sua incapacidade intelectual, ele se escondeu atrás de laudos médicos para escapar do vexame.

A tese de que o episódio o "humanizou" e o "aproximou" dos eleitores é apenas uma das pseudoexplicações que as nossas elites puseram a circular depois da eleição. Todas para dizer que foi o povo, "compreensivelmente enfurecido com o PT" e "naturalmente comovido com o sofrimento de Bolsonaro", que lhe deu a vitória. Tudo para esconder o óbvio: o cidadão ganhou porque milicos autoritários, picaretas do Judiciário e do Congresso, barões da mídia, ricaços oportunistas e bispos milionários interferiram na eleição com golpes e manobras, a começar pela prisão e amordaçamento de Lula. O que está por trás de Bolsonaro e do bolsonarismo é a ganância e o golpismo dessa gente. Foi ela que cometeu o atentado verdadeiro que houve em 2018.

O que é bom, apesar de tudo. Sugere que armações baratas não convencem a maioria da população e que o eleitor comum não se comove com o exibicionismo e as palhaçadas do capitão. Na democracia, não precisamos temer que sentimentalismos de terceira qualidade mudem opiniões em escala relevante. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

O terror persiste

MINAS GERAIS Mariana e Brumadinho não ensinaram nada e o estado continua sob risco constante de desastres naturais e do rompimento de barragens

POR ANA FLÁVIA GUSSEN

Entre estatais/ E multinacionais,/ Quantos ais!/ (...) Quantas toneladas exportamos/ De ferro?/ Quantas lágrimas disfarçamos/ Sem berro? A *Lira Itabirana*, publicada por Carlos Drummond de Andrade em 1984, parece um retrato fiel da situação vivenciada pela população de Minas Gerais atualmente. Lama por todos os lados, cidades inteiras isoladas, moradores em pânico. Apenas na terça-feira 11, as tempestades deixaram um saldo de dez mortes em 24 horas. Desde o início do período chuvoso, foram 34 vidas perdidas em desastres naturais. Cenas que chocaram o mundo, como a queda da pedra em Capitólio, marcaram o ano-novo. Mas destaca-se o terror vivido por centenas de cidades de Minas Gerais ameaçadas pelo risco de rompimento de barragens. Segundo a Agência Nacional de Mineração, ao menos 36 estão em nível 3 de emergência.

O número de acidentes com barragens no estado aumentou 14 vezes, passando de quatro casos em 2018 para 22 em 2020, segundo a Agência Nacional de Águas. A situação de perigo é resultado do extrativismo predatório, viabilizado por uma relação promíscua entre companhias e o Poder Público, a partir da flexibilização de normas de segurança, da omissão de crimes ambientais e da especulação imobiliária.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Mineração, 511 municípios mineiros produzem bens minerais. Em 2021, o estado exportou 22 bilhões de dólares em minerais, 38% das exportações nacionais do setor. Os dados contrastam com a realidade de quem convive com problemas decorrentes das barragens. Soman-

Vítimas. Desde o início do ano, 34 mineiros morreram em decorrência das fortes chuvas. As cenas do desabamento no cânion de Capitólio correram o mundo

CRISTIANO MACHADO/AGÊNCIA MINAS/GOVMG E GIL LEINARDI/AGÊNCIA MINAS/GOVMG

do as duas maiores tragédias, a de Mariana, quando 19 trabalhadores foram engolidos pela lama após rompimento de uma mina da Samarco, controlada pela Vale e pela BHP Billiton, e de Brumadinho, da Vale, que soterrou 270 funcionários e moradores em 2019, ao menos 1,3 milhão de habitantes foram atingidos. No caso de Brumadinho, seis 'joias', como os bombeiros e familiares se referem às vítimas, permanecem desaparecidas. Devido às chuvas que inundaram o local, as buscas foram suspensas pelo Corpo de Bombeiros por tempo indeterminado.

Enquanto isso, o governador Romeu Zema segura, há três anos, a regulamentação de uma lei que cria um fundo para cada barragem construída, a ser utilizado na assistência imediata às vítimas ou na reparação da infraestrutura local em caso de novos desastres.

Localizada em Congonhas, a barragem Casa da Pedra, da CSN, é cinco vezes maior que a de Brumadinho. Trata-se da maior estrutura localizada em área urbana na América Latina, com 100 milhões de metros cúbicos de rejeitos. No município com 54 mil habitantes, dois bairros ficam tão próximos da barragem que, se ocorresse um rompimento da estrutura, os moradores seriam atingidos em, no máximo, 30 segundos.

"Vivemos sob terror constante", conta o padre Antônio Claret, da coordenação estadual do Movimento dos Atingidos por Barragem. De acordo com ele, durante as chuvas desta semana, moradores e especialistas notaram uma espécie de vazamento e encontraram erosões na estrutura. A prefeitura de Congonhas precisou acionar a CSN na Justiça para obter um mandado de segurança, a determinar a liberação do acesso aos fiscais da Defesa Civil, sob pena de multa de 1 milhão de reais por dia.

Além do medo de um novo desastre, moradores do entorno convivem com o pó mineral, que gera doenças pulmonares e polui o ambiente. Nem os Doze Profetas de Aleijadinho passam incólumes, observa o padre Claret. "Quando você olha para as montanhas, vê uma nuvem de pó. Somente quando chove é possível enxergar o topo."

Por meio de nota, a CSN Mineração S/A diz receber "todos os órgãos fiscalizadores", além de reafirmar que a barragem é "segura e estável". Quanto à paralisação da barragem em Congonhas, a companhia, pertencente ao Grupo CSN, acrescenta que fará a retomada gradual das atividades conforme as condições climáticas permitirem.

O número de acidentes em reservatórios de rejeitos cresceu 14 vezes em apenas dois anos

O primeiro acidente de 2022 foi o transbordamento de um dique da mina Pau Branco, da Vallourec, localizada em Nova Lima, que inundou a BR-040. O carro de uma família de cinco pessoas teve de desviar da rodovia bloqueada e acabou soterrado por um deslizamento de terra em Brumadinho. Os corpos do casal e das três crianças foram resgatados pelos Bombeiros após o carro ser arrastado por 400 metros.

O governo de Minas emitiu uma multa de 288 milhões de reais à mineradora por degradação da paisagem, poluição das águas e contaminação ambiental. A empresa tem 20 dias para pagar o valor ou apresentar a sua defesa aos órgãos ambientais. A Vallourec afirmou, em nota, que ainda analisa o teor do auto de infração. Uma obra de expansão do dique foi autorizada pelas autoridades estaduais com "licenciamento expresso" em 2021. Também por meio de nota, o governo mineiro diz ter seguido à risca os "critérios definidos da Deliberação Normativa 217 de 2017", a elencar procedimentos para estruturas já licenciadas.

Pelo lado do governo federal, que anunciou repasses de 47 milhões de reais para auxiliar as vítimas das chuvas, também há controvérsias. Jair Bolsonaro ofereceu a sua "contribuição" para o estado ao mesmo tempo que liberou, depois de dez anos travado no Ibama, o projeto de uma mina da Sul Americana de Metais S/A, com barragens até 90 vezes maiores que a rompida em Brumadinho, informa o *site* The Intercept Brasil.

Nos últimos anos, o estado tornou-se um verdadeiro campo minado. Após o *boom* das *commodities*, que impulsionou o crescimento econômico de países da América Latina no início do século XXI, a corrida mineral foi amplamente intensificada, quase sem controle. "Não houve um governo que não atendeu interesses das mineradoras", lamenta o ambientalista Gustavo Gazzinelli, integrante do Gabinete de Crise da Sociedade Civil. O grupo defende uma moratória da mineração e critica o fato de as próprias empresas serem responsáveis pelo monitoramento das barragens, podendo sonegar informações por interesses mercadológicos.

As mineradoras sempre foram as principais doadoras para campanhas políticas no estado. Em 2014, último ano em que os repasses empresariais eram permitidos pela legislação eleitoral, 102 deputados eleitos para a Assembleia Legislativa e para a Câmara Federal receberam um total de 14 milhões de reais.

Atualmente, na Assembleia, tramitam dois projetos de lei criticados por ambientalistas. De autoria de Thiago Cota (MDB), o PL 3.300/21 visa mudar o traçado do Monumental da Serra da Moeda sob o argumento de gerar empregos e desenvolvimento econômico. O texto foi aprovado em três comissões do Legislativo mineiro em 24 horas, e só foi paralisado após intensa pressão popular. O projeto, alertam os críticos, visa apenas liberar a exploração de ferro no topo da montanha pela Gerdau.

Presente de grego. Ao oferecer 47 milhões de reais para Zema amparar as vítimas, Bolsonaro liberou mina com barragens até 90 vezes maiores que a de Brumadinho

Por sua vez, o PL 3.209/21, de Virgílio Guimarães (PT), a alterar a política estadual de segurança de barragens também é alvo de críticas. "O objetivo é atender aos interesses do Projeto Apolo, que a Vale tenta emplacar desde 2008 em Minas. É importante tratarmos de mina seca, inclusive já tem lei nacional sobre isso, mas esse projeto tem endereço", observa Gazzinelli.

Com custo estimado de 4 bilhões de reais, o Projeto Apolo seria implantado entre Santa Bárbara e Caeté, mas esbarra em questões ambientais envolvendo a Serra do Gandarella. O objetivo é produzir 14 toneladas de *sinter feed* (material fino) por ano com umidade natural, sem uso da água no beneficiamento do ferro. Antigo empreendedor de Serra Pelada, no Pará, Guimarães argumenta no PL: "Essa medida é direcionada para o destravamento das amarras do desenvolvimento de nosso estado".

A Lei Federal nº 14.006, de 2020, proibiu a construção de barragens pelo método a montante e determinou que as existentes devem ser desativadas até 25 de fevereiro, prazo que pode ser prorrogado em caso de inviabilidade técnica. Pesquisadores da UFMG preparam um projeto para substituir o sistema e mudar a destinação dos rejeitos no Brasil. Batizado de "geopolímero", o material feito a partir dos resíduos pode virar uma espécie de cimento sustentável. "O projeto está pronto e estamos em fase de viabilização econômica", diz o engenheiro de minas Roberto Galery, professor titular do Departamento de Engenharia de Minas da UFMG.

Produto semelhante é usado em países como China, Austrália e EUA na construção de edifícios. O professor explica que outro entrave para um caminho sustentável na atividade é o desperdício de minério durante a extração, que pode chegar a 18%. "Estamos estudando formas de evitar essa perda de minérios. Até o momento, conseguimos reduzir para 2%."

ERIC MARMOR/ISRAEL DEFENSE FORCES E PEDRO GONTIJO/AGÊNCIA MINAS/GOVMG

CHUVA E DEVASTAÇÃO – OS PRIMEIROS DEZ DIAS DE 2022

- **34** óbitos*
(A Defesa Civil contabiliza 24 mortes, pois as de Capitólio não serão computadas no período chuvoso até o fim das investigações)
- **341** municípios em situação de emergência
- **24.610** desalojados
- **3.992** desabrigadas
- **100** pontos de interdição em rodovias

LAMA E TERROR – A SITUAÇÃO DAS BARRAGENS EM MINAS

- Minas Gerais possui **350 barragens***
(registradas na Agência Nacional de Mineração)
- Barragens em alto risco no Brasil: **43**
- Barragens de alto risco no estado: **36**

ATIVIDADES SUSPENSAS*

(Ou momentaneamente paralisadas pelas chuvas)

- Mina de minério de ferro Pau Branco da Vallourec – Nova Lima
- Sistemas Sudeste e Sul da Vale – trecho Rio Piracicaba – João Monlevade e Desembargador Drummond-Nova Era
- Mina de minério de ferro Casa de Pedra da CSN – Congonhas* (interditada pela ANM)
- Mineração Usiminas (Musa) – Itatiaiuçu
- Barragem do Carioca da Cia. de Tecidos Santanense – região de Pará de Minas* (está em alerta por risco de rompimento com retirada de moradores do local)

Fontes: Climatempo, Defesa Civil de Minas Gerais, Agência Nacional de Mineração, Comando de Policiamento Rodoviário

Eppur si muove

SAÚDE Barrado no Congresso, o uso medicinal do canabidiol avança por decisões judiciais e investimentos privados

POR MAURÍCIO THUSWOHL

Estudo realizado nos Estados Unidos pela Universidade de Augusta e publicado na primeira semana do ano na revista científica *Cannabis and Cannabinoid Researchs* apresentou evidências de que o uso do canabidiol, também conhecido como CBD, traz importantes efeitos benéficos na redução do glioblastoma, o mais agressivo tipo de câncer cerebral conhecido. Em testes de laboratório realizados com células retiradas de tecidos humanos e implantadas em camundongos, o componente da maconha, segundo o estudo, "proporcionou significativa redução do tamanho do tumor e do microambiente tumoral estabelecido pelas células cancerosas, incluindo vasos sanguíneos e outros fatores de crescimento e disseminação".

A novidade é um alento para pacientes, hoje submetidos a uma difícil cirurgia seguida por sessões de quimioterapia, e veio se somar à extensa lista de doenças que têm seus efeitos diretos ou secundários tratados com o canabidiol e outros derivados da planta. Atualmente, a substância é aplicada no tratamento de males como ansiedade e depressão, mal de Parkinson, Alzheimer, epilepsia, transtorno pós-traumático, diabetes, endometriose, enfermidades metabólicas em geral e até obesidade. Mas, enquanto o mundo avança no conhecimento e nas aplicações do uso medicinal da maconha, o Brasil divide-se entre um dinâmico setor científico e acadêmico que de forma constante apresenta novos estudos e pesquisas – e obtém financiamento – e um errático setor político e governamental que empurra o tema com a barriga, bloqueado por impasses e interesses comerciais e reacionários.

No Brasil, ao menos seis estudos clínicos em andamento desde o fim do ano passado ou que começarão em 2022 receberão aportes que chegam a 15 milhões de reais para testar o uso do canabidiol no alívio de diversas doenças. O investimento em pesquisa sobre este e outros derivados da *cannabis* ainda depende quase exclusivamente da iniciativa privada, interessada em um mercado que em 2021, segundo estimativa de analistas, movimentou cerca de 40 milhões de reais, gastos em sua maior parte na importação de medicamentos sem autorização de produção ou não gerados em escala em território nacional. O aporte milionário foi feito pela empresa farmacêutica brasileira Greencare e financiará estudos realizados pela USP sobre mal de Parkinson, pela UFPB sobre ansiedade e depressão e pela Unifesp sobre endometriose.

> Novas pesquisas sobre a substância receberão aportes empresariais de 15 milhões de reais

A pesquisa em estágio mais avançado é desenvolvida pela Unifesp, em parceria com a Sociedade Brasileira de Endometriose, e é o primeiro trabalho científico a analisar os efeitos do canabidiol no combate à doença. Os resultados parciais revelam que a substância tem efeitos positivos no controle das dores provocadas pela inflamação ou lesão do endométrio, tecido localizado no interior do útero. A doença, segundo dados da Anvisa, acomete 10% das brasileiras, especialmente na faixa entre 25 e 35 anos: "Os estudos mostram que o canabidiol é uma medicação efetiva e que não faz nenhum sentido considerá-lo algo ilícito", diz Eduardo Schoor, coordenador do estudo e presidente da SBE. O médico acrescenta que os resultados obtidos serão possivelmente repetidos em relação a outras doenças que apresentam mecanismo de dor similar, como a artrite reumatoide e a fibromialgia.

Em Ribeirão Preto, a USP estuda há sete anos os efeitos positivos do canabidiol no tratamento dos sintomas não motores do mal de Parkinson. Na cidade paulista começou a funcionar, em novembro, o Centro de Estudos em Canabidiol, o primeiro do gênero no País, que reúne pesquisadores e projetos de diferentes áreas e tem o objetivo de apresentar respostas sobre o tratamento de doenças como Alzheimer, epilepsia e estresse por fadiga (Burnout). Com investimento de 13 milhões de reais para a construção de uma área de 1,5

Ciência. USP, Unifesp e Federal da Paraíba conseguiram aportes para avançar nos estudos sobre os efeitos da *cannabis* em diferentes tratamentos

ISTOCKPHOTO E SÍLVIO AVILA/HCPA

mil metros quadrados, com estrutura para laboratórios e consultórios, o Centro, localizado ao lado do Hospital de Saúde Mental, conta com 50 cientistas.

Em São Paulo, com investimentos da empresa canadense Verdemed, pesquisadores do Instituto do Coração e da USP realizam um estudo, com duração prevista de dois anos, sobre os efeitos do canabidiol no tratamento da insuficiência cardíaca e outros distúrbios cardiovasculares. Em outubro passado, uma pesquisa publicada pela revista científica

Neuropsychopharmacology apontou que pacientes tratados com o componente da maconha têm menos chances de sofrer infartos ou acidentes vasculares cerebrais: "O canabidiol melhora a motilidade do coração e a contratura do miocárdio ao promover uma vasodilatação periférica do órgão", diz o estudo.

No InCor, a pandemia suscitou novas pesquisas com o canabidiol, seja para o tratamento das sequelas provocadas pela Covid ou para amenizar o estresse e o cansaço dos profissionais de saúde da linha de frente do combate à doença. Iniciado no fim do ano e com duração prevista de três meses, estudo com 290 voluntários que ainda se mostram debilitados mesmo depois de vencer a infecção pelo Coronavírus busca resultados positivos no tratamento de sequelas como insônia, fadiga muscular, depressão, ansiedade e irritação. Em 2020, um teste clínico realizado pela USP com 120 médicos e enfermeiros submetidos a "esgotamento físico e mental extremo no combate à Covid" obteve sucesso ao reduzir nesses voluntários os sintomas de ansiedade (60%), depressão (50%) e fadiga emocional (25%).

No plano político, a aceitação da maconha e seus derivados é um processo muito mais lento. Na Câmara dos Deputados, o PL 399, que cria regras para o plantio e a comercialização da *cannabis* com fins medicinais, tramitou a passos de cágado por sete anos até, finalmente, ser aprovado, no ano passado, pela Comissão Especial criada para tratar do tema. A aprovação teve caráter conclusivo e somente foi definida com o voto de minerva do relator, o deputado Luciano Ducci, do PSB, após empate em 17 a 17. O projeto deveria seguir para análise do Senado, mas um recurso apresentado pelo deputado Diego Garcia, do Podemos, obriga a submissão da proposta ao voto do plenário, com resultado imprevisível.

A Bancada da Bíblia impede o avanço da discussão no Congresso

O PL tem apoio da maioria dos líderes partidários, o que em tese garantiria sua aprovação, mas a pressão feita por parlamentares, sobretudo integrantes da Bancada da Bíblia, levou o presidente da casa, Arthur Lira, do PP, a não incluir o tema na lista de votação no ano passado. Lira não atendeu aos pedidos de entrevista.

Presidente da Comissão Especial, o deputado Paulo Teixeira, do PT, afirma "estar mais do que na hora" de aprovar a lei que beneficiará dezenas de milhares de famílias que hoje encontram dificuldades de acesso aos tratamentos à base de canabidiol e outros derivados. "A Câmara já discutiu o suficiente. É hora de aprovarmos essa matéria e a enviarmos ao Senado. Para deslanchar e qualificar o debate sobre o uso medicinal da *cannabis* na sociedade brasileira é preciso, antes de qualquer outra coisa, aprovar o PL." Teixeira aguarda um gesto positivo de Lira, mas reconhece a pressão política em contrário: "Quem segura é a bancada evangélica, aliada dos negacionistas".

Em dezembro, a Agência de Vigilância Sanitária aprovou a importação do oitavo medicamento à base de *cannabis*, um composto de canabidiol produzido pela Verdemed. Foi a terceira aprovação em um espaço de apenas dois meses. Com a autorização, a empresa está liberada para trazer ao Brasil o produto pronto para uso, além de fazer sua distribuição e comercialização. Assim como os medicamentos aprovados desde dezembro de 2019, quando a Anvisa concedeu a primeira permissão, o canabidiol produzido pela empresa canadense poderá ser adquirido em farmácias e drogarias mediante prescrição médica.

Segundo o advogado Rogério Rocco, ex-integrante do Conselho Estadual de Entorpecentes do Rio de Janeiro, o atual "momento de atraso na sociedade brasileira" impede que a discussão sobre o uso dos derivados da maconha seja levada adiante. Rocco é cético em relação à aprovação do PL 399 e diz que os avanços na importação se devem a decisões judiciais. "Hoje é fácil ganhar uma liminar, e é evidente que a Anvisa se adapta a uma nova realidade que o Poder Judiciário impôs." •

Falta votar. "A Câmara discutiu o suficiente", diz Teixeira

GABRIEL PAIVA/PT NA CÂMARA

ESTHER SOLANO

Recomeço

▶ Não há espaço para erros em 2022. É preciso falar com os sem-esperança, os apáticos, os apolíticos, os antipolíticos

Este é o ano em que o Brasil recomeça. O ano em que tudo se decide de novo. Só peço que a gente não cometa os mesmos erros. Espero que tenhamos aprendido, com sangue, com lágrimas, com dor, com fogo, com a vida, com a morte. Com 620 mil mortos.

Em 2022, não podemos errar. Não há espaço para os fiascos, para os descuidos. O nosso trabalho para ganhar estas eleições deve ser perfeito. Tropeços, escorregadas, equívocos podem significar que Brasil volte ao terror de novo, que feche a possibilidade de presente e de futuro. E não sei se o Brasil sobreviverá às trevas por mais quatro anos. Por isso, nesta eleição devemos ser impolutos.

Então, não falemos só para os militantes, para os nossos, para os nichos, para as bolhas, falemos para os desesperançados, para os apáticos, para os apolíticos, para os antipolíticos. Para aqueles que querem votar, para os que não querem, para os que não sabem em quem votar. Todo aquele que tenha a mínima capacidade de escutar deve ser nosso interlocutor. Falemos para os ressentidos, para os frustrados, para os cansados, para os desiludidos. Falemos para os desalentados. Falemos para o desempregado, para a mãe periférica sobrecarregada com as crianças em casa há dois anos, com o uberizado que se pensa microempreendedor, com o jovem, com o adulto, com o idoso.

Falemos para eles, mas, antes de mais nada, escutemos. Escutemos as complexidades das vidas concretas, suas nuances, seus sentidos. Escutemos para entender que o que aparenta ser contradição talvez seja só falta de compreensão da realidade do outro. A vida não se escreve em preto e branco, em simplificações. A vida se escreve de forma emaranhada e hermética, com letras às vezes pequeninas que precisam de muita atenção para ser lidas.

Escutemos. As pessoas querem ser ouvidas, enxergadas, querem sair da invisibilidade, querem sair das sombras.

As pessoas querem ser.

Escutemos os medos, as frustrações, as angústias, as solidões. A extrema-direita sempre radiografa os medos, os transforma em ódio e em votos. Nós devemos transformar esses medos em potência coletiva, em esperança, em melhora conjunta, em construção de possibilidades. Não cometamos o mesmo erro de rir do que para nós é folclore, mas para outros faz total sentido. Sempre haverá mamadeiras de piroca e *kits gays*. Sempre haverá comunistas que comem criancinhas. Mas o que aparentemente é caricatura esconde medos e carências reais. Esconde ausências, desassossegos. Então não gargalhemos da suposta burrice alheia, conectemo-nos com esses medos. Se não o fizermos, os burros seremos nós.

Devemos nos conectar com as dores humanas, mesmo que essas dores não sejam as nossas. Devemos entender as dores humanas, mesmo que essas dores sejam distantes das nossas.

Se a gente não entender, escutar e se conectar com essas dores, sempre haverá atrás da porta um monstro que finge entendê-las, escutá-las e conectar-se com elas.

O Brasil passa fome, então não percamos o tempo com conversas que não interessam. Vamos falar das urgências. Se quisermos ganhar esta eleição, vamos falar menos de fascismo e mais dos boletos não pagos. Vamos falar menos de conceitos que nada ou pouco dizem para a maioria e mais dos sofrimentos que muitos expressam.

Vamos falar e vamos estar juntos. A palavra de nada serve se a distância entre os corpos é gigantesca. A política é palavra, mas também é olho, pele. Se o nosso corpo estiver longe demais, nossa palavra também estará longe demais.

Escutar, falar, estar juntos.

Em 2022 não há espaço para o erro.

Em 2022 cada voto vale ouro.

Lula tem de ganhar em primeiro turno. Esse deve ser o nosso cenário. E para isso, em 2022, o trabalho dele, dos marqueteiros, do PT, o nosso, o de cada um de nós, deve ser magnífico.

Cada brasileiro deve se sentir representado por nós, acolhido, abraçado, escutado, compreendido.

Cada brasileiro deve sentir que estamos juntos com ele, que caminhamos do mesmo lado. Cada brasileiro deve sentir que, em 2022, vamos fechar a porta do horror e vamos abrir a porta para a vida.

Em 2022, não há espaço para erro. •

redacao @cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

O torniquete do Tio Sam

ATIVIDADE O esperado início do aperto financeiro nos EUA vai abalar ainda mais a frágil economia brasileira

POR CARLOS DRUMMOND

Prostrada em consequência de uma recessão, da sua gestão incompetente e do negacionismo diante da pandemia, a economia brasileira sofrerá novo golpe com a elevação dos juros dos Estados Unidos anunciada pelo Fed, provavelmente a partir de março, e a descontinuação da compra de títulos públicos. Em princípio, o choque no País não deverá ser tão forte quanto seria de se esperar, porque a taxa de juros local está escandalosamente alta. Não haverá, no entanto, escapatória entre uma recessão mais profunda do que aquela que provavelmente ocorreria em consequência da fraqueza da economia, ou um salto da inflação, caso se decida baixar os juros, analisa o economista Ricardo Carneiro, professor do Instituto de Economia da Unicamp. No ano passado, a inflação fechou em 10,06%, a maior desde 2015 e muito acima da meta de 3,75% estabelecida pelo BC. Segundo o presidente da instituição, Roberto Campos Neto, efeito de um "fenômeno global".

O problema é mais profundo. "O fato subjacente mais importante é que se fez uma abertura financeira excessiva da economia brasileira e abriu-se mão do controle de capitais. O País tem uma moeda inconversível, mas não é só isso, há um problema que decorre da estrutura do sistema monetário internacional, e aí toda vez que ocorre um ciclo de liquidez mais forte, de retração ou de expansão, isso é amplificado em direção à periferia", destaca Carneiro.

Os controles de capitais são regulamentos que limitam a capacidade de empresas ou famílias de converter moeda nacional em estrangeira. A sua remoção foi parte da globalização econômica mais recente, quando os países em desenvolvimento sofreram forte pressão para abrir seus mercados ao comércio exterior e ao investimento. A generalização da liberalização da conta de capital ocorreu na primeira metade dos anos 1990 e a abertura prematura ou excessiva aos mercados de capitais internacionais "é uma receita para o desastre", alerta o economista Barry Eichengreen, professor da Universidade da Califórnia.

Brasília terá de escolher entre a inflação e a recessão

O Fed tomou a decisão de elevar os juros e descontinuar a compra de ativos, porque prevaleceu a ideia de que a inflação tem caráter mais permanente. Na segunda-feira 10, o FMI publicou em seu *blog* o artigo intitulado "As economias emergentes devem se preparar para o aperto da política do Fed". O FMI contempla a possibilidade de "aumentos mais rápidos das taxas" acompanhados de saídas de capital e depreciação da moeda nos mercados emergentes, mas a sua recomendação limita-se ao óbvio: "Em resposta a condições de financiamento

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 40

Disputa. Fundos de pensão acusam a Cemig de calote

U.S. FEDERAL RESERVE E RAPHAEL RIBEIRO/BCB

Breque. O Federal Reserve promete ser duro contra a inflação nos EUA. Campos Neto, do BC brasileiro, culpa o "fenômeno global"

mais apertadas, os mercados emergentes devem adaptar sua resposta com base em suas circunstâncias e vulnerabilidades".

O peso das mudanças da taxa de juros dos EUA para os países em desenvolvimento ou emergentes não deve ser subestimado, inclusive na sua correlação com o investimento estrangeiro direto, mostra o estudo denominado "What Does Measured FDI Actually Measure?", de Olivier Blanchard e Julien Acalin. Os fluxos de investimento direto estrangeiro para economias de mercados emergentes, di-

Corrosão. A inflação de 2021 passa de 10%, maior alta desde 2015 e bem acima da meta do BC

zem os autores, parecem responder à taxa de juros dos EUA. "Isto sugere que os fluxos brutos de IDE "medidos" são bastante diferentes dos verdadeiros fluxos de IDE e podem refletir fluxos através – e não para – do país, com "paradas" devido, em parte, à otimização fiscal (legal). Isso deve ser um alerta tanto para pesquisadores quanto para formuladores de políticas", sublinham Blanchard e Acalin.

Segundo Carneiro, se tudo se comportar de acordo com as regras, o impacto no País das altas dos juros previstas pelo Fed será menor do que era de se esperar. O BC subiu muito a taxa de juros, hoje em torno de 10%, e para o investidor externo o que interessa é a taxa nominal, não a taxa real em reais. "Ele entra, converte, aplica e sai. Só quer saber da cotação do dólar e da taxa nominal. Com uma taxa nominal dessa magnitude, é provável que não haja impactos adicionais relevantes."

A subida da taxa de juros do Fed significa que os cálculos do BC e do mercado, de que a partir de meados do ano que vem seria possível baixar a taxa, não se confirmarão, estima Carneiro. Além de recessão, haverá deterioração da situação fiscal pelo aumento significativo da carga de juros devido às taxas elevadas, e ampliação da transferência de renda. "Aumentará a carga de juros da dívida em torno de 5% do PIB. Não conseguirão fazer superávit primário para pagar isso", dispara o professor da Unicamp.

Haverá ainda uma deterioração do nível de atividade e do emprego. O País não tem restrição nem à entrada de capitais nem à saída, seja de residentes, seja de não residentes. "Com isso, criou-se uma ligação direta, digamos, do ciclo externo com o ciclo doméstico. Esta é que é a questão, por conta da abertura inaceitável, que dá a liberdade do movimento de capitais", dispara Carneiro. O real, diz, está bem desvalorizado. Se baixar a taxa de juros, vai sair capital e desvalorizará o câmbio, aí bate na inflação. Ou seja, vai-se escolher, no fundo, entre mais inflação e mais recessão.

A inflação nos EUA está na alta mais acelerada em 40 anos e o Federal Reserve deu uma guinada neste mês, mas cortar o estímulo monetário não consertará as cadeias de suprimentos, alertou a economista Isabella Weber, professora da Universidade de Massachusetts, em artigo publicado no jornal inglês *The Guardian*. "O que precisamos, em vez disso, é de uma conversa séria sobre controles estratégicos de preços, assim como depois da Se-

gunda Guerra Mundial", sugeriu Weber, em uma tomada de posição que gerou discussão, nem sempre educada, entre seus colegas de profissão. "Não sou um fanático do livre mercado, mas isso é verdadeiramente estúpido", reagiu o Nobel de Economia Paul Krugman. "Weber elaborou um paralelo cuidadoso com a situação da primavera de 1946, quando Paul Samuelson, o principal mentor de Krugman, fez publicar uma carta no *New York Times* clamando por controles contínuos de preços, diante de gargalos e escassez temporários, precisamente a situação atual", contestou o economista James Kenneth Galbraith, professor na Universidade do Texas. Minutos depois do disparo de Galbraith, Krugman comunicou ter deletado, com "extremo pedido de desculpas", seu *tuíte* sobre o artigo de Weber.

O investidor externo só quer converter a moeda, aplicar e sair

Sobrou até para o economista brasileiro Guilherme Magacho, da Agence Française de Développement (AFD), alvo de comentários agressivos após dizer, em rede social, que "essa discussão sobre controle de preços é completamente insana e reflete bem o que são os economistas de 2021. O mundo inteiro faz controle de preços, cartéis internacionais, grandes monopólios como a Amazon, todos os governos. Só não avisem os economistas porque eles dão chilique." Magacho confessou surpresa diante "da quantidade de ofensas" que recebeu por conta dessa manifestação. Em uma economia de mercado, acrescenta, os preços são fundamentais para sinalizar aos agentes quando há escassez de oferta e, portanto, necessidade de investimento. "No entanto, quando nos defrontamos com situações em que poucas empresas têm bastante poder de mercado, esse mecanismo pode falhar. Quando a demanda individual da empresa é inelástica, ou seja, pouco sensível ao aumento de preços, as empresas podem se aproveitar disso para aumentar os preços e isso não leva, necessariamente, a mais investimento." Na verdade, acrescenta o economista, ao fazer isso ela reduz a demanda, e, com capacidade ociosa, consegue aumentar sua receita à custa de uma menor produção e um menor consumo.

Drama. A extrema pobreza e a fome continuarão um lembrete das nossas escolhas

ISTOCKPHOTO E CHARLES MOURA/PREFEITURA DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS/SP

Essa reação é bastante comum em setores das cadeias produtivas, como fornecedores de energia e matéria-prima, pois se tratam de indústrias bastante concentradas. "O controle desses preços é praticado em muitos países, inclusive no Brasil, pois se sabe que isso tem impactos relevantes em qualquer estratégia de desenvolvimento." A liberdade tarifária, diz o economista, pode até existir, mas não deve ser completa, pois, como essas indústrias fornecem bens e serviços para todo o restante da cadeia produtiva, o impacto de um choque positivo de preços sobre a economia pode ser devastador, e não haveria taxa de juros capaz de segurar o desencadeamento de uma espiral inflacionária.

O controle de preços não pode ser confundido, entretanto, com o tabelamento de preços, que se dá, geralmente, nas indústrias da ponta da cadeia produtiva. O controle de preços dos insumos, especificamente, é fundamental para garantir estabilidade e previsibilidade dos investimentos. "Imagine se indústrias mais sofisticadas, como a de máquinas e equipa-

mentos ou a química, não tivessem previsibilidade do custo dos seus insumos, como alumínio ou energia. O custo dos novos projetos subiria muito diante da incerteza da rentabilidade, o que levaria a um apagão dos investimentos", destaca Magacho. "No Brasil, desvalorizações cambiais abruptas são frequentes e, se as variações de preço são repassadas diretamente aos setores mais sensíveis, o resultado é um desabastecimento completo da economia. A inflação decorre não de um problema de produção agregada, mas da variação de alguns preços que são chave. Isto é o que a maior parte dos macroeconomistas não consegue entender, pois eles ficam com seus modelos agregados sem se preocupar com a interação entre sistemas produtivos".

Um dos casos mais emblemáticos é o da dolarização dos preços estratégicos dos combustíveis fósseis em um país autossuficiente em petróleo. "Quando se decidiu atrelar o preço do combustível ao preço internacional do petróleo, o que ocorreu no Brasil foi exatamente esse descontrole a que me refiro. O repasse de preços pelas refinarias afetou diretamente o produtor da ponta, no caso, o caminhoneiro, que produz o serviço de transporte. Por ser formado por muitos produtores e ter menor poder de mercado, o conjunto dos caminhoneiros absorveu esses custos, levando ao desabastecimento." O aumento do preço não levou, entretanto, a mais investimentos em refinarias e mais oferta de combustível, ressalta o economista, pois essa lógica não funciona em alguns mercados. Ao contrário, o aumento do preço desencadeou uma crise, que só viria a ser resolvida com subsídios do governo aos produtores.

A carga de juros da dívida aumentará em torno de 5% do PIB

A mesma lógica, sublinha Magacho, ocorreria diariamente em diversos setores de fornecedores localizados nas cadeias produtivas se não houvesse políticas explícitas de controle de preços. Como os produtores dessas indústrias, que muitas vezes são aqueles que mais agregam valor, se encontram em mercados difusos, são eles que absorveriam os choques se não houvesse controle de preços. "O resultado não seria aumento da produção, mas gargalos na produção de bens essenciais ao funcionamento da economia. Embora, às vezes, o problema da inflação venha de pressões sobre os preços agregados, quando há flutuações de demanda, como apontado por Krugman para o caso dos EUA, nos países cuja moeda é volátil e os fornecedores domésticos são tomadores de preço no mercado internacional, ela vem geralmente de choques nos preços relativos, e o aumento dos juros não é capaz de controlar sozinho a pressão inflacionária."

A dinâmica descrita pelo economista expõe o simplismo das análises de grande parte dos economistas ortodoxos sobre a inflação, que entendem como um problema a ser resolvido pelo mercado. "Quando os macroeconomistas compreenderem que o fato de eles usarem uma função de produção agregada não faz com que os produtores gerem um bem homogêneo, eles vão entender que a dinâmica de preços é muito mais sofisticada e exige uma análise bem mais complexa do sistema econômico", sublinha o pesquisador. Função de produção agregada é, basicamente, a ideia de que os produtores de uma economia produzem apenas um bem, "o PIB". "Isto é muito usado para analisar se a economia está ou não com excesso de demanda ou escassez de oferta (PIB corrente *versus* PIB potencial). O problema é que muitas vezes a inflação não é de demanda, ela decorre do aumento de preço de um conjunto de bens específicos, cujo maior preço leva a uma redução de oferta (e não a um aumento). Dessa forma, o mecanismo de preços não corrige automaticamente o problema de escassez de oferta, e se entra em uma espiral inflacionária." •

Perdas e ganhos. Os reajustes automáticos da Petrobras desarranjam a economia

FILIPE ARAÚJO/AFP

LUIZ GONZAGA BELLUZZO

Sobre a reforma trabalhista

▶ **Os empresários se esquecem de que seus trabalhadores são também consumidores**

Escoltado por editoriais de *O Globo* e *O Estado de S. Paulo*, o ex-presidente Michel Temer disparou críticas à disposição de Lula de revogar a reforma trabalhista. Temer e seus acólitos midiáticos alinharam argumentos que pretendem deslizar nos caminhos da flexibilização, entendida como o roteiro seguro para a criação de empregos.

Em artigo publicado na *Folha de S.Paulo*, edição de 10 de janeiro do ano em curso, sindicalistas contestaram os argumentos de Michel Temer e seus acólitos.

"Soa até estranha a insistência de Temer em relacionar a reforma, que foi na verdade um golpe de destruição de direitos laborais, sociais e sindicais, à ideia de modernização. Isso é um grande desapego à verdade. Se a ideia fosse modernizar o País, primeiro deveria ser resultado do diálogo social tripartite que tratasse de uma agenda transparente e pública; segundo, fortalecer a negociação e suas instituições e instrumentos; terceiro, valorizar os sindicatos como sujeitos coletivos de representação; e, quarto, ser uma mudança correlacionada com um projeto de desenvolvimento produtivo para gerar empregos de qualidade, crescimento dos salários, fortalecimento da demanda que sustenta o crescimento econômico."

Nos primórdios do século XX, o capitalista Henry Ford já havia entendido que os salários, ademais de custo para as empresas, são também fonte de demanda para seus automóveis. Compreendeu que a formação da renda e da demanda agregadas depende da disposição de gasto dos empresários com salários e outros meios de produção que também empregam assalariados. Ao decidir gastar com o pagamento de salários e colocar sua capacidade produtiva em operação ou decidir ampliá-la, o coletivo empresarial avalia a perspectiva de retorno de seu dispêndio imaginando o dispêndio dos demais.

Ainda no século XIX, um certo Karl Marx antecipou a argumentação do capitalista Henry Ford. Disse ele: quando se trata de seu trabalhador, todo capitalista sabe que não se confronta com ele como produtor frente ao consumidor, e deseja limitar ao máximo seu consumo, i.e., seu salário. Naturalmente, ele deseja que os trabalhadores dos outros capitalistas sejam os maiores consumidores possíveis de sua mercadoria. Todavia, a relação de cada capitalista com seus trabalhadores é de fato a relação de capital e trabalho, a relação essencial. No entanto, provém precisamente daí a ilusão – verdadeira para o capitalista individual – de que, excetuando-se os seus trabalhadores, todo o resto da classe trabalhadora se defronta com ele, não como trabalhadores, mas como consumidores e gastadores de dinheiro... Portanto, o próprio capital considera a demanda dos trabalhadores – i.e., o pagamento do salário, no qual se baseia essa demanda – não como ganho, mas como perda... O capital se apresenta como uma forma peculiar da relação de dominação precisamente porque o trabalhador se defronta com ele como consumidor e detentor de valor de troca, na forma de possuidor de dinheiro... Portanto, de acordo com sua natureza, o capital põe um obstáculo para o trabalho e a criação de valor que está em contradição com sua tendência de expandi-los contínua e ilimitadamente. E uma vez que tanto põe um obstáculo que lhe é específico quanto, por outro lado, avança para além de todo obstáculo, o capital é a contradição viva.

Até meados dos anos 70 do século passado o chamado "fordismo" imperou nas economias desenvolvidas. Sabem os leitores de *CartaCapital* que o "fordismo" estava amparado na construção de instituições que regulavam as negociações coletivas entre trabalhadores sindicalizados e grupos empresariais. As economias europeias, sobretudo, prosperaram sob a égide do chamado capitalismo contratual. As economias avançaram em um ambiente de ganhos de produtividade, sistemas de crédito direcionados para o investimento, aumento dos salários reais, redução das desigualdades e ampliação dos direitos sociais.

Em seu formato "fordista", o circuito de prosperidade era ativado, primordialmente, pela demanda de crédito para financiar o gasto dos empresários, confiantes nos efeitos recíprocos da expansão da renda dos trabalhadores, dos lucros corporativos e das pequenas e médias empresas espalhadas no comércio e na indústria. O circuito da renda e do emprego desenvolvia-se, então, nos espaços nacionais, impulsionando o adensamento das relações entre a manufatura, os serviços e a agricultura.

Robert Reich, secretário de Trabalho no governo Clinton, publicou uma carta aberta endereçada aos capitães da indústria americana: "Vocês se esqueceram de que os seus trabalhadores são também consumidores. Assim, ao mesmo tempo que você empurrou os salários para baixo, também espremeu seus consumidores. Eles estão tão apertados que dificilmente podem comprar o que você vende". •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

Engodo elétrico

DISPUTA A Cemig ameaça dar calote em oito fundações de previdência que financiaram a hidrelétrica de Santo Antônio

POR WILLIAM SALASAR

Oito fundos de pensão cobram cerca de 600 milhões de reais da Cemig, empresa de energia mineira, referentes a uma opção de venda lançada pela estatal para financiar sua participação na Hidrelétrica Santo Antônio Energia, no Rio Madeira. A companhia recusa-se a honrar o contrato e alega que "as premissas e condições que fundamentaram o investimento e a estrutura jurídica dos diversos contratos firmados para esse fim sofreram modificações substanciais que resultaram em desequilíbrio nas opções", conforme nota enviada a *CartaCapital* e que simplesmente reproduz um parágrafo de suas Demonstrações Financeiras de 2020. No mesmo balanço, a companhia afirma que "tentou, por meio do mecanismo contratual da Via Amigável, uma negociação com as entidades de previdência complementar dos termos de valoração e pagamento das opções". Sem acordo, a disputa foi levada à Câmara de Arbitragem da Câmara de Comércio Brasil Canadá.

"A Cemig não ofereceu proposta de acordo", rebate o presidente da Fundação Assistencial dos Empregados da Cesan-Faeces, Luiz Carlos Cotta, porta-voz do grupo de entidades de previdência complementar, que inclui ainda a Fundação de Seguridade Social Braslight, Fundação Atlântico de Seguridade Social, Fundação de Seguridade Social do Banco Econômico (Ecos), Fundação de Seguridade Social da Arcelor Mittal Brasil (Funssest), Fundação Forluminas de Seguridade Social (Forluz), a Caixa de Assistência e Previdência Privada Fábio de Araújo Motta (Casfam), e a Fundação BDMG de Seguridade Social (Desban).

A alegada "via amigável", diz Cotta, resumiu-se a "contatos com a ideia de reavaliar o ativo e não o valor devido pelo exercício da opção", sem que a Cemig fizesse qualquer proposta efetiva. "Não se falou, por exemplo, em números do tipo 'o ativo perdeu x% do valor e vamos renegociar em X bases para reduzir esse prejuízo'. A Cemig limitou-se a dizer que era preciso reavaliar, mas não propôs algo como: 'Vamos pagar a vocês, mas em condições diferentes, com valores menores e em prazo maior'. Nada sequer parecido", enfatiza.

A história começa em 2014, quando a Cemig abordou os fundos para captar recursos e investir na construção da hidrelétrica. Para dar segurança a um investimento tido como de alto risco para entidades de previdência complementar, o Banco Modal estruturou dois FIPs (Malbec e Melbourne) constituídos por uma opção de venda (ou *put*, como é mais conhecida no mercado) outorgada pela Cemig, que garantia IPCA + 7% ao ano, caso o investimento não atingisse esse desempenho O vencimento seria em setembro de 2021. Um ano antes, em setembro de 2020, o Modal renunciou à administração e gestão dos fundos, para concentrar esforços no banco digital modalmais, segundo nota da instituição enviada a *CartaCapital*. Pelo contrato, no caso de renúncia do administrador, a Cemig e os fundos nomeariam outra instituição num prazo de seis meses. Segundo as fundações, foi realizada uma assembleia específica dos cotistas com a companhia, em agosto de 2020, mas a companhia elétrica votou contra a indicação do novo administrador. Seis meses depois, as fundações, conforme o contrato e as regras dos FIPs, notificaram a Cemig que iriam exercer antecipadamente a opção de venda. "Mas, quando os investidores exerceram a *put* por conta da renúncia do Modal, a Cemig, de forma surpreendente, adotou uma nova narrativa, a de que o ativo objeto teve péssimo desempenho e de que queria discutir a validade da *put*", relata o porta-voz das fundações, sublinhando que "desde o início da operação os valores estavam provisionados nos balanços da Cemig, e em valores muito próximos àqueles entendidos como corretos pelas fundações. Constavam dos relatórios de auditoria e serviram como base para emissão de *rating* (classificação de risco) pelas agências especializadas para o mercado de capitais".

De fato, a apuração do valor das cotas dos FIPs Malbec e Melbourne consta dos balanços da Cemig desde 2014. E nas De-

A negativa da empresa transforma o caso em "risco sistêmico", diz Luis Ricardo Martins, da Abrapp

monstrações Financeiras de 2020 a companhia registra "um passivo no valor de 572,49 milhões de reais, referente à diferença entre o valor justo estimado para os ativos em relação ao preço de exercício", passivo que, "considerando a liquidação antecipada dos Fundos, e o vencimento da opção de venda, (...) foi transferido para o passivo circulante".

Cotta assevera que as fundações fizeram avaliação "criteriosa" do investimento, baseadas em pareceres e análises de consultorias independentes e renomadas e de agências de classificação de risco. Além disso, o recurso à opção de venda "tranquilizou os tomadores de decisão, visto que era o terceiro produto lançado pela Cemig com essa formatação e tanto o balanço quanto o histórico da companhia reforçaram a confiança no investimento". Uma opção de venda dá ao seu titular (no caso, as oito fundações) o direito de vender ao lançador da opção (aqui, a Cemig) um determinado ativo (neste caso as cotas dos FIPs) pelo preço acordado quando a opção foi outorgada. "As fundações levaram em conta também que foi firmado contrato claro e inequívoco tendo como contraparte uma empresa sólida, bem classificada pelas agências de *rating*, com investimentos em todo o País, e com um contrato de *put option* muito bem estruturado e formalizado. A taxa oferecida pelo Modal era aderente ao prêmio de mercado na época da emissão, dado o baixo risco da Cemig e a rentabilidade acima da meta atuarial de cada entidade", sustenta o porta-voz das fundações.

A Santo Antônio Energia andou, no entanto, mal das pernas desde 2014, quando registrou prejuízo de 2,2 bilhões de reais. Só apresentou lucro no ano seguinte (34 milhões de reais). Em 2016, a perda foi de 483,9 milhões. Em 2017, de 1,07 bilhão. O prejuízo chegou a 1,684 bilhão em 2018, 933 milhões no ano seguinte e 1,42 bilhão em 2020. A hidrelétrica custou 20 bilhões de reais.

Devo e nego. A Cemig quer forçar uma renegociação das opções em poder dos fundos de pensão. Estes apostam que a arbitragem lhes dará razão

As entidades estão certas de que a decisão da câmara de arbitragem lhes será favorável. "Mas, se isso não vier a acontecer, os prejuízos serão muito elevados", salienta Cotta. A Associação das Entidades Privadas de Previdência Complementar afirma acompanhar o caso com toda a atenção, até porque, diz seu presidente, Luis Ricardo Martins, a negativa da Cemig transformaria o caso em um "risco sistêmico". "Qualquer alteração ou não cumprimento de uma obrigação contratualmente assumida pode trazer insegurança para o investimento. Não podemos deixar que os participantes sejam afetados diretamente. A postura da Cemig tem de ser revista."

TEMOS DE CRIAR UMA NOVA ÂNCORA DE EXPECTATIVA QUE PASSE NA FARIA LIMA, MAS PASSE NAS RUAS TAMBÉM

NELSON BARBOSA,
ex-ministro da Economia

Recorde na Bovespa

▶ Negociações na Bolsa atingem a marca de 7 trilhões de reais

A B3 registrou no ano passado seu maior volume financeiro da história: 7,04 trilhões de reais ou 1,3 trilhão de dólares, segundo cálculos da empresa de informações financeiras Economatica. A Petrobras, com duas ações listadas, é a empresa mais representativa do mercado, com volume de 660,7 bilhões de reais, seguida pela Vale, com uma única ação e volume de 637,3 bilhões de reais. Entretanto, esta é a ação com maior participação no mercado (9,04% do total). Bradesco, com 281,1 bilhões, e Itaú Unibanco, com 261,4 bilhões, seguem na terceira e quarta posição, respectivamente. O setor Bancos, aliás, é o de maior representatividade no volume total negociado na Bolsa brasileira: com 47 ações, movimentou 1,02 trilhão de reais, ou 14,61% da B3. Catorze setores tiveram crescimento de volume financeiro entre 2020 e 2021. O segmento de Programas e Serviços teve o maior crescimento, variação de 171,3%, e aumento na representatividade total de 1,42 ponto porcentual. O setor de Serviços Educacionais registrou a maior queda no período, com recuo de 45,9%. Também do universo bancário, a ação que apresentou melhor desempenho foi a do Banco Inter: 563,1%.

MAIS QUE UM BANCO.
UM PARCEIRO PARA O SEU SUCESSO.

PASSOS ATRÁS

O Brasil caiu da 16ª para a 37ª posição no *ranking* de crescimento da produção industrial de 45 países elaborado pelo Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial. Com crescimento de 5,1% em 2021 sobre 2020, o País fica no grupo do um terço das nações com menor dinamismo industrial. "Os resultados mais recentes indicam nítido retrocesso em relação aos demais países", assinala o Iedi.

Viúvas

Levantamento do aplicativo de investimentos Dividendos. Me, com 130 mil investidores, mostra que as ações preferenciais do Itaú são as mais procuradas por investidores que privilegiam o pagamento de dividendos, as chamadas "ações de viúvas". Em seguida vêm Banco do Brasil, Petrobras, Bradesco e Taesa.

U.S. FEDERAL RESERVE, ISTOCKPHOTO; JANE DE ARAÚJO/ AG. SENADO, MIGUEL SCHINCARIOL/AFP E NISSAN DO BRASIL

Cobertura

Os EUA pretendem dobrar as plantações de cultura de cobertura do país para 30 milhões de acres até 2030, sob um novo programa de preservação ambiental do Departamento de Agricultura. Serão destinados 38 milhões de dólares para ajudar agricultores em 11 estados a plantar culturas em épocas de pousio das lavouras, a fim de reforçar a saúde do solo, limitar a erosão e capturar e armazenar carbono.

Sinais

Os mercados de derivativos, como contratos futuros, opções e *swaps*, indicam que os investidores esperam oito altas da taxa básica de juros norte-americana, a Fed Funds Rate, até 2024. Antes de o presidente do Fed declarar, na segunda-feira 3, que iria bater duro na inflação, a indicação era de seis altas. A primeira pode vir em março.

NÚMEROS

500 milhões

de dólares é o valor do bônus sustentável de cinco anos emitido pelo Bradesco para financiar projetos ecológicos ou sociais

5.568

Rolls-Royces foram vendidos em 2021, maior número nos 117 anos da marca

200 milhões

de reais o BB vai destinar a dois fundos de investimento em startups

40%

é o tamanho do tombo da bitcoin desde a máxima histórica de 69 mil dólares, em 10 de novembro

bancomaster.com.br

Sangue nos olhos

TheObserver Antes impensável, a possibilidade de uma nova guerra civil nos Estados Unidos tornou-se verossímil

POR DAVID SMITH, DE WASHINGTON

Joe Biden passou um ano com a esperança de que os Estados Unidos pudessem voltar ao normal. Mas, na última quinta-feira 6, o primeiro aniversário da insurreição mortífera no Capitólio em Washington, o presidente finalmente reconheceu a ampla escala da ameaça atual à democracia do país. "Neste momento, precisamos decidir: que tipo de nação vamos ser?", disse Biden no Salão das Estátuas, que manifestantes invadiram no tumulto um ano atrás. "Seremos uma nação que aceita a violência política como norma?"

É uma pergunta que muitos se fazem hoje nos Estados Unidos e no mundo. Em uma sociedade profundamente dividida, onde até uma tragédia nacional como aquela de 6 de janeiro só afastou ainda mais a população, há o temor de que aquele dia tenha sido apenas o começo de uma onda de distúrbios, conflitos e terrorismo doméstico. Uma série de pesquisas de opinião recente mostra que uma minoria significativa dos norte-americanos aceita a ideia de atos violentos contra o governo. Até conversas sobre uma nova guerra civil passaram das fantasias marginais à corrente dominante da mídia.

"Haverá guerra civil?" foi o título seco de um artigo na mais recente edição da revista *New Yorker*. "Estamos realmente diante de uma segunda guerra civil?", indagou o título de uma coluna no *The New York Times* na sexta-feira 7. Três generais aposentados escreveram recentemente uma coluna no *The Washington Post* na qual advertem que mais uma tentativa de golpe de Estado "poderá levar à guerra civil".

O mero fato de que essas ideias entrem no domínio público mostra que o antes impensável tornou-se verossímil, mesmo que alguns afirmem que continua fortemente improvável. O nervosismo é alimentado pelo rancor em Washington, onde o desejo de bipartidarismo de Biden se chocou com a oposição republicana radicalizada. Os comentários do presidente na quinta 6 – "não permitirei que ninguém coloque uma adaga no pescoço de nossa democracia" – pareceram admitir que não pode haver vida normal quando um dos grandes partidos do país abraça o autoritarismo.

Para ilustrar essa tese, quase nenhum republicano participou das comemorações, enquanto o partido tenta reescrever a história, pintando a turba que tentou reverter a derrota eleitoral de Trump como mártires em defesa da democracia. Tucker Carlson, o mais assistido apresen-

Ilusão. Joe Biden acreditava ser capaz de unir o país, mas as fraturas estão expostas

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 48
Escândalo. O príncipe Andrew joga na lama a reputação da realeza britânica

tador na rede conservadora Fox News, recusou-se a transmitir qualquer vídeo do discurso de Biden e afirmou que 6 de janeiro de 2021 "mal representa uma nota de rodapé" histórica, porque "realmente não houve muita coisa naquele dia".

Com o culto a Trump mais predominante do que nunca no Partido Republicano, e grupos de direita radicais como os Oath Keepers (Guardiões do Juramento) e Proud Boys (Rapazes Orgulhosos) em marcha, alguns consideram a ameaça à democracia maior hoje do que um ano atrás. Entre os que dão o alarme está Barbara Walter, cientista política da Universidade da Califórnia, em San Diego, e autora de um novo livro, *How Civil Wars Start, and How to Stop Them (Como as Guerras Civis Começam e Como Contê-las).* Walter serviu anteriormente na força-tarefa sobre instabilidade política, grupo assessor da CIA que tinha um modelo para prever a violência política em países do mundo todo, exceto nos Estados Unidos. Com a ascensão da demagogia racista de Trump, Walter, que estudou a guerra civil durante 30 anos, admitiu, porém, sinais reveladores em sua própria porta.

> "Seremos uma nação que aceita a violência política como norma?", pergunta Biden

Estímulo. Muitos republicanos negam os riscos à democracia da invasão do Capitólio

BRENT STIRTON/GETTY IMAGES/AFP E CAMERON SMITH/OFFICIAL WHITE HOUSE

Um deles foi o surgimento de um governo que não é nem totalmente democrático nem totalmente autocrático, uma "anocracia". O outro é uma paisagem que se desenvolve em política identitária, quando os partidos não mais se organizam em torno de uma ideologia ou de políticas específicas, mas segundo linhas raciais, étnicas ou religiosas. Walter disse a

Trevas. Trump, que pretende disputar a presidência em 2024, continua a mobilizar suas bases e a contaminar o Partido Republicano, cada vez mais radical, farsesco e autoritário como o *businessman*

The Observer: "Na época das últimas eleições, 90% do Partido Republicano era de brancos. Na força-tarefa, se víssemos isso em outro país multiétnico, multirreligioso e baseado num sistema bipartidário, é o que chamaríamos de uma superfacção, e uma superfacção é algo particularmente perigoso".

Nem mesmo o mais sombrio pessimista prevê uma repetição da guerra civil de 1861 a 1865, com um exército azul e um vermelho a travar batalhas ferozes. "Seria mais parecido com o que a Irlanda do Norte e a Grã-Bretanha experimentaram, onde há mais uma insurgência", continua Walter. "Provavelmente, seria mais descentralizada do que na Irlanda do Norte, porque temos um país tão grande e há tantas milícias por todo o país. Elas recorreriam a táticas não convencionais, em particular o terrorismo, talvez até um pouco de guerrilha, na qual visariam prédios federais, sinagogas, locais com multidões. A estratégia seria de intimidação e de assustar o público, levando-o a acreditar que o governo federal não é capaz de cuidar dele."

Um complô para sequestrar Gretchen Whitmer, a governadora democrata de Michigan, em 2020, pode ser um aviso do que virá. Walter sugere que figuras da oposição, republicanos moderados e juízes considerados não simpáticos poderão se tornar potenciais alvos de atentados. "Também posso imaginar situações em que as milícias, em conjunção com órgãos policiais nessas áreas, criem pequenos etnoestados em áreas onde isso é possível, por causa do modo como o poder é dividido aqui nos Estados Unidos. Certamente, não se pareceria em nada com a guerra civil que aconteceu nos anos 1860."

Walter comenta que a maioria tende a supor que as guerras civis são iniciadas por pobres ou oprimidos. Nem tanto. No caso da América, é a reação de uma maioria branca destinada a se tornar uma minoria por volta de 2045, um eclipse simbolizado pela eleição de Barack Obama em 2008. A acadêmica explica: "Os grupos que tendem a iniciar guerras civis são aqueles que foram dominantes politicamente, mas estão em declínio. Ou eles perderam o poder político ou o estão perdendo, e realmente acreditam que o país é deles por direito e que é justificável usarem a força para recuperar o controle, porque o sistema não funciona mais para eles".

Um ano depois da insurreição de 6 de janeiro, o ambiente no Capitólio continua tóxico, em meio à ruptura da civilidade, confiança e normas comuns. Vários congressistas republicanos receberam mensagens ameaçadoras, incluída uma de morte, depois de votarem a favor de uma lei de infraestrutura bipartidária a que Trump se opôs. Os dois republicanos na comissão da Câmara que investiga o ataque de 6 de janeiro, Liz Cheney e Adam Kinzinger, enfrentam pedidos para que sejam expulsos do partido. A democrata Ilhan Omar, de Minnesota, uma muçulmana nascida na Somália, sofreu agressões islamofóbicas.

Mas os apoiadores de Trump afirmam que são eles que lutam para salvar a democracia. No ano passado, o congressista Madison Cawthorn, da Carolina do Norte, disse: "Se os nossos sistemas eleitorais continuarem a ser manipulados e roubados, isso levará a um lugar, que é o derramamento de sangue". No mês passado, a congressista Marjorie Taylor Gree-

ne, da Geórgia, que lamentou o tratamento dado aos réus presos por participarem do ataque de 6 de janeiro, pediu um "divórcio nacional" entre os estados azuis e vermelhos. O democrata Ruben Gallego respondeu com vigor: "Não há 'divórcio nacional'. Ou você é a favor da guerra civil ou não. Apenas diga se você quer uma guerra civil e se declare oficialmente uma traidora".

Também há a perspectiva de Trump se candidatar a presidente novamente em 2024. Os estados de maioria republicana têm imposto leis de restrição eleitoral calculadas para favorecer o partido, enquanto defensores de Trump tentam tomar a direção das eleições atuais. Uma corrida disputada para a Casa Branca poderá ser um coquetel incendiário. James Hawdon, diretor do Centro para Estudos da Paz e Prevenção da Violência na Universidade de Virginia Tech, disse: "Não gosto de ser alarmista, mas o país caminha cada vez mais para a violência, e não para longe dela. Outra eleição contestada poderá ter consequências sinistras".

Embora a maioria dos norte-americanos tenha sido levada a acreditar que a democracia estável é um fato consumado, esta também é uma sociedade onde a violência é a norma, não a exceção, do genocídio dos nativos à escravidão, da guerra civil a quatro presidentes assassinados, da violência armada que tira 40 mil vidas por ano a um complexo militar-industrial que matou milhões de seres humanos em outros países. Larry Jacobs, diretor do Centro de Estudos de Política e Governança na Universidade de Minnesota, disse: "A América não está desacostumada com a violência. É uma sociedade muito violenta, e do que estamos falando é de a violência receber uma agenda política explícita. Esta é uma nova direção de um tipo aterrorizante nos Estados Unidos".

Os especialistas apontam os riscos de um conflito semelhante à disputa entre Irlanda do Norte e Inglaterra

Embora não preveja atualmente que a violência política se tornará endêmica, Jacobs concorda que tal desenvolvimento também se pareceria mais provavelmente com os problemas da Irlanda do Norte. "Teríamos ataques terroristas episódicos e esparsos", acrescentou. "O modelo da Irlanda do Norte é o que francamente mais temo, porque não exige que um grande número de indivíduos atue, e hoje há grupos muito motivados e bem armados. A questão é: o FBI os infiltrou suficientemente para poder derrubá-los antes que lancem uma campanha de terror?" O acadêmico prossegue: "É claro, não ajuda o fato de que nos Estados Unidos as armas sejam onipresentes. Qualquer um pode ter uma, e você tem fácil acesso a explosivos. Tudo isso é combustível para a posição precária em que estamos hoje".

Entretanto, nada é inevitável. Biden também usou seu discurso para elogiar a eleição de 2020 como a maior demonstração da democracia na história dos Estados Unidos, com um recorde de mais de 150 milhões de eleitores, apesar da pandemia. As contestações ao resultado inventadas por Trump foram descartadas pelo que continua a ser um sistema judicial robusto e fiscalizado por uma sociedade e uma mídia que continuam vibrantes.

Em um teste de realidade, Josh Kertzer, cientista político da Universidade Harvard, tuitou: "Conheço muitos estudiosos da guerra civil e... poucos deles acham que os Estados Unidos estejam à beira de uma guerra civil". A suposição de que "isso não pode acontecer aqui" é, no entanto, tão antiga quanto a própria política. Barbara Walter entrevistou vários sobreviventes sobre a escalada de guerras civis. "O que todo mundo disse, fosse em Bagdá, Sarajevo ou Kiev, é que não perceberam sua chegada", lembrou ela. "Na verdade, não quisemos aceitar que havia algo errado até que ouvimos tiros de metralhadora nos morros. Então era tarde demais." •

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.

U.S. LIBRARY OF CONGRESS E GREG SKIDMORE/TFP

Guerra civil. Talvez as batalhas do século XIX não tenham sido suficientes

“Garoto-problema”

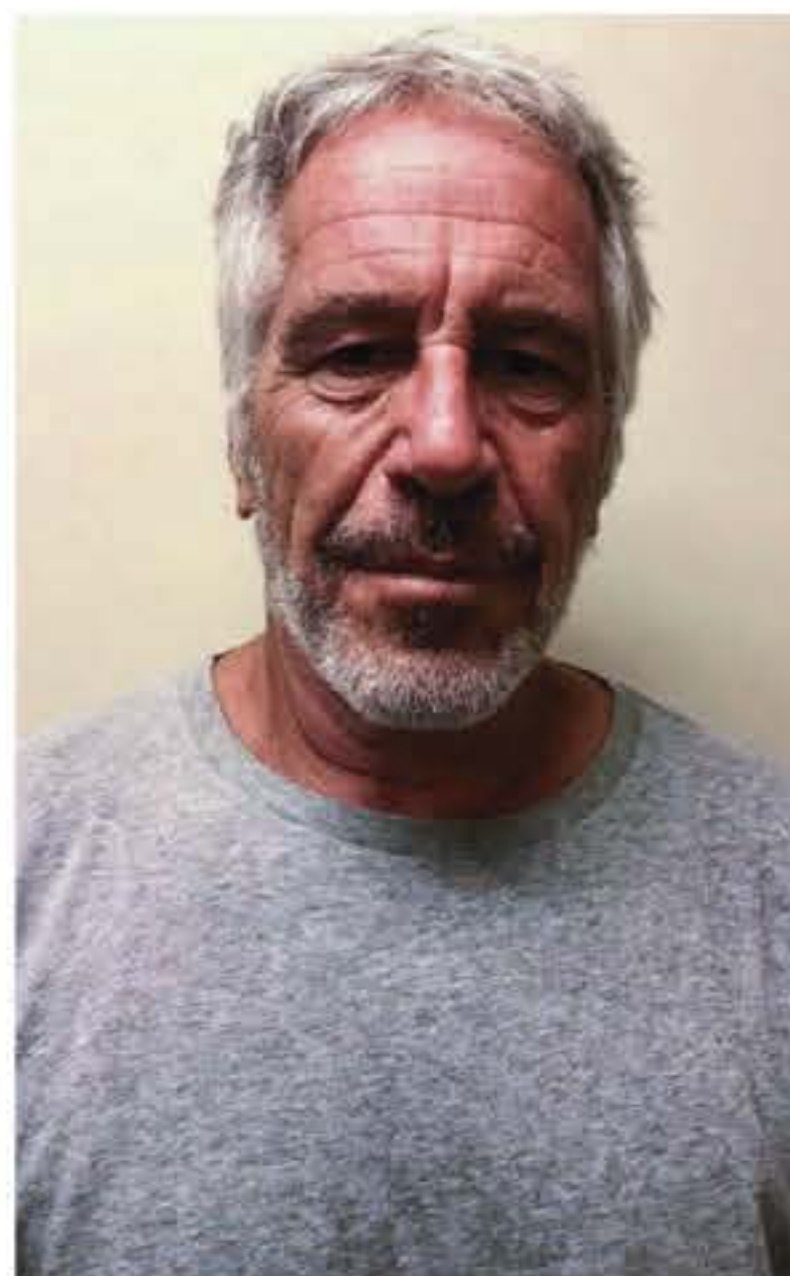
The Observer Aos 62 anos, o príncipe Andrew envolve a família real no maior escândalo do reinado de Elizabeth II

POR ANDREW ANTHONY

O príncipe Andrew da Grã-Bretanha, duque de York, fará 62 anos no mês que vem. É muito mais que a idade na qual se espera que um homem deixe de causar preocupação e embaraço a seus pais. Andrew, que, segundo comentários, é o filho favorito da rainha, expôs, no entanto, sua mãe à maior ameaça para a reputação da família real de que se tem notícia.

Enquanto ele aguarda a decisão do juiz Lewis Kaplan, de Nova York, no caso de agressão sexual movido por Virginia Giuffre, o príncipe encontra-se na posição profundamente incômoda de tentar escapar do tribunal com um acordo secreto de silêncio feito por seu falecido amigo e agressor sexual condenado Jeffrey Epstein.

O acordo, assinado em 2009, declara que, em troca de 500 mil dólares, Giuffre, que então usava o sobrenome de solteira, Roberts, prometia “liberar ... e quitar para sempre ... segundas partes e qualquer outra pessoa ou entidade que possa ter sido incluída como réu em potencial ... de todos, e todos os tipos de ações e processos de Virginia Roberts, incluindo causa e causas de ação estaduais ou federais”.

Giuffre afirma que, em 2001, quando tinha 17 anos, foi “traficada” por Epstein e sua antiga namorada Ghislaine Maxwell para fazer sexo com o príncipe britânico em três ocasiões – uma na casa de Maxwell em Belgravia (bairro elegante de Londres), onde foi tirada a foto infame dela com o príncipe, então com 42 anos, abraçando sua cintura. Na segunda ocasião, na mansão de Epstein em Nova York. E, finalmente, na ilha particular de Epstein, Little St. James, nas Ilhas Virgens Britânicas, com um grupo de garotas. O príncipe nega todas as denúncias e diz não se lembrar de ter conhecido Giuffre.

Má companhia. Epstein morreu na cadeia

Os advogados do príncipe adotaram uma abordagem agressiva para proteger seu cliente. Primeiro, afirmaram que as intimações do tribunal não foram apresentadas adequadamente, depois tentaram arquivar o caso sob a alegação de que Giuffre não vive nos Estados Unidos. Agora eles tentam salvar o cliente com o triste fato de que ele se qualifica como réu potencial em qualquer caso de abuso sexual ligado a Epstein. Em outras palavras, parece que sua possível culpa é usada como sua defesa.

Mesmo que essa brecha legal funcione e Kaplan arquive o caso, será um resultado que não limpará o nome do príncipe, o que seus amigos insistem ser o principal objetivo. Em vez disso, acrescentado a todas as letras referentes a títulos que ele usa depois do nome – KG, GCVO, CD, ADC –, virá um tóxico ponto de interrogação.

E esse é o melhor cenário possível para o príncipe. Se, em vez disso, o juiz Kaplan decidir que o caso será julgado, o príncipe seria obrigado a fazer um depósito e depois, no outono, depor no tribunal. Ele poderia teoricamente recusar as duas coisas, mas novamente a imagem seria danificada. Se ele for a julgamento, a mídia mundial ganhará uma dieta diária de detalhes sórdidos. Se ele perder o caso, juristas sugerem que não poderá mais fazer viagens internacionais, por medo de extradição criminal.

Como coloca o perito em realeza e escritor Robert Lacey, “a perspectiva de as denúncias de Virginia Giuffre contra um integrante importante da família Windsor serem expostas no tribunal e noticiadas em todo o mundo é simplesmente impossível de imaginar do ponto de vista

O abuso sexual dá nova munição aos britânicos contrários à monarquia

da família real, e tenho quase certeza de que haverá um acordo no tribunal".

Como Giuffre esperou mais de 20 anos para reconhecer o dano que diz ter sofrido, esse acordo deverá envolver uma grande soma financeira, o que levanta a questão de quem a pagará. O príncipe passou a maior parte de sua vida adulta a conviver com os super-ricos, exatamente porque ele mesmo não tem esse nível de dinheiro. Então mais uma vez sua mãe, que teria bancado sua defesa, seria sua benfeitora. Isso traz para o primeiro plano a questão contestada de se a riqueza dela é particular ou um produto de sua posição como chefe de Estado, e, portanto, sujeita a algum tipo de supervisão do contribuinte.

Os monarquistas insistem que a riqueza particular e as despesas públicas são coisas separadas, mas qualquer acordo pago pela rainha daria aos republicanos munição balística. O que parece extraordinário é que essa conclusão vem se aproximando constantemente há mais de uma década, e o príncipe, com todos os que afirmaram repetidamente sua inocência, estiveram congelados em negação, apenas à espera de que tudo desapareça.

Catherine Mayer, autora de uma biografia do príncipe Charles e cofundadora do Partido da Igualdade das Mulheres, diz que o Palácio de Buckingham fez "uma coisa muito idiota" quando surgiu o escândalo, em 2011. Pouco depois que Andrew foi fotografado com Epstein, em

STEVE PARSONS/AFP E REDES SOCIAIS

Constrangimento. O príncipe já passou da idade de embaraçar os pais

2019, no Central Park, em Nova York, após a soltura da prisão do norte-americano pela acusação de oferecer uma menor para prostituição, o príncipe foi dispensado de seu cargo de enviado comercial internacional e reutilizado em outras questões, inclusive como guru empresarial real com a iniciativa Pitch@Palace. Mayer acredita que a decisão foi sintoma de uma vontade de contornar a questão, em vez de enfrentá-la. "Toda a história é uma verdadeira tragédia, por causa de todas as vidas que arruinou", disse. "Mas também há essa característica de novela, em que você vê personagens ignorando as coisas, tentando encobri-las acreditando que vão melhorar a situação, e você, como espectador, sabe que elas vão piorar. Eu tive essa sensação."

Observadores da realeza comentam que funcionários que trabalham para o príncipe Charles e o príncipe William deram informações contrárias a Andrew. Uma mistura de proteção da rainha, o desespero cansado de outras famílias da realeza e a resistência de Andrew a conselhos sólidos o deixaram a forjar sozinho sua estratégia improvisada. Ela resultou na decisão fatídica de dar seu lado da história durante a dolorosa entrevista a Emily Maitlis, no programa *Newsnight*, em novembro de 2019. Como exemplo de como não fazer limitação de danos, é improvável que seja superada tão cedo. "Você via que ele é totalmente desligado da realidade externa", diz Mayer.

> Mesmo que a monarquia sobreviva à crise atual, é provável que o faça numa versão mais enxuta

É claro, Andrew não seria o primeiro integrante desagradável da realeza, nem o primeiro príncipe dissoluto. A história da instituição está cheia de personagens malcomportados. Mas hoje estamos na terceira década do século XXI, em um momento de transição não só para a família real britânica, que se prepara para a perspectiva de um novo monarca, mas para a sociedade como um todo.

Dez anos atrás, no tempo anterior ao #MeToo, um magnata do cinema como Harvey Weinstein podia aterrorizar e abusar de mulheres impunemente. Seu amigo Epstein praticamente se safou com estupro e tráfico sexual graças à influência política que conseguiu exercer.

E, em 2011, pode ter parecido que as denúncias de Giuffre contra Andrew estivessem destinadas a continuar a ser o grito excêntrico de alguém inconsequente, um rumor improvável que se dissiparia com todas as outras denúncias negligenciadas contra os ricos e poderosos. Até uma fotografia tirada no interior da casa de Maxwell pode ser considerada falsa, mas como uma jovem poderia ter acesso a uma imagem do príncipe que nunca foi vista por ninguém para colocá-la em uma foto forjada? Isso nunca pegou, e com o passar do tempo a tentativa de se afastar daquela cena perturbadora na casa de seu amigo parece cada vez mais uma tática desesperada. Assim como a alegação do príncipe de que ele ficou com Epstein durante quatro dias para lhe dizer que não queria mais ser seu amigo por uma questão de "honra" sempre foi absurda e tristemente inútil.

Mesmo que a monarquia sobreviva a esta crise, é provável que o faça numa versão mais enxuta, com menos passageiros. Os dias de *playboys* velhuscos a usar o nome da família em troca de companhia remunerada e compensações a ex-mulheres devem estar contados. Se estiverem, será devido, em boa medida, aos esforços de um grupo de mulheres de meios sociais geralmente humildes que se recusaram a recuar diante de seus abusadores. •

Tradução: Luiz Roberto M. Gonçalves.

Futuro nebuloso. A realeza resistirá desta vez?

ALBERT NIEBOER/ROYAL PRESS EUROPA/DPA/AFP

A esquerda e a liberdade

▶ Os progressistas no Brasil devem olhar para as garantias constitucionais como parte essencial do seu programa e do seu combate político

Quando me perguntam qual é, para mim, a convicção política mais importante, costumo responder de forma negativa – não acredito que qualquer fim social, por mais nobre que seja, possa ser alcançado com sacrifício das garantias constitucionais modernas. Nada de bom pode ser conseguido se não mantivermos esse mínimo de autonomia perante qualquer tipo de poder social que faz de nós soberanos únicos de um espaço de atuação, limitado, é certo, mas indispensável à nossa afirmação como indivíduos dotados de razão. Filio-me, portanto, nessa antiga tradição política ocidental que desconfia do paternalismo estatal na medida em que este pretenda tratar os cidadãos como crianças.

É talvez por essa razão que me entristece profundamente ver largos setores da esquerda confundirem propositadamente o liberalismo clássico do século XVIII com o que se convencionou chamar de neoliberalismo nos dias de hoje. Não, não são a mesma coisa. O primeiro surgiu há 200 anos como pensamento revolucionário contra o privilégio do nascimento e da classe. O segundo afirmou-se há várias décadas como movimento reacionário contra o Estado de Bem-estar Social. O primeiro é filho da Revolução Francesa, o segundo é produto da reação política da direita contra a intervenção estatal do pós-Guerra na distribuição de recursos e na procura de igualdade de oportunidades. Liberalismo clássico e neoliberalismo são talvez duas faces do liberalismo, mas não se confundem. Dois mundos em contraste. O primeiro, o liberalismo clássico, coloca o que vulgarmente se chama de liberdades civis no centro do seu programa político. O segundo, o neoliberalismo, preocupa-se apenas com a liberdade econômica – mercado, contrato e concorrência como única forma de organização social válida.

Parece-me absolutamente necessário destacar um ponto crítico na comparação. Essas duas visões de sociedade e da política não representam uma continuação histórica como o prefixo "neo" pode fazer crer. O neoliberalismo não é uma evolução do clássico liberalismo do *laissez-faire*, que procurou definir uma área para o que pertence às regras do mercado e outra para o que pertence à racionalidade política. O movimento neoliberal procura antes uma ruptura, nada mais existe além do mercado. O Estado não está ao lado do mercado, mas debaixo da vigilância do mesmo. Não é a economia que deve estar sujeita às regras da política, mas a política é que deve estar sujeita às regras da concorrência e do lucro. A utopia neoliberal é isso – difundir o mercado por todo o lado.

Não admira, portanto, que programa tão radical levasse ao esquecimento dos valores básicos em nome dos quais o liberalismo clássico nasceu: as liberdades individuais resultantes dos direitos naturais do ser humano. Assim foi historicamente um pouco por todo o lado onde a doutrina neoliberal se quis impor com a sua radicalidade econômica. Assim foi no Chile, verdadeiro laboratório dessa experiência histórica, com a sua ditadura militar e o seu cortejo de violência e de infâmias que os brasileiros conhecem bem. Nessa historia trágica de torturas e prisões, não faltou sequer o fino toque dos elogios do príncipe do neoliberalismo Friedrich Hayek ao ditador Pinochet ("Prefiro uma férrea ditadura liberal a um governo democrático completamente alheado do liberalismo"). Enfim, o neoliberalismo não sabe o que é o liberalismo, tal como os neoliberais brasileiros parecem ter esquecido a democracia quando optaram por derrubar Dilma Rousseff e eleger Jair Bolsonaro.

Toda esta conversa tem a intenção, em síntese, de dizer isto – depois de tudo o que aconteceu no Brasil, depois da violação dos direitos constitucionais de Lula e depois da instrumentalização do Poder Judiciário ao serviço do interesse político, a esquerda brasileira deve agora olhar para as garantias constitucionais como parte essencial do seu programa e do seu combate político. Depois destes anos sombrios, a esquerda brasileira descobriu-se sozinha a lutar pela democracia e pelas liberdades civis. Também o neoliberalismo brasileiro não resistiu à tentação de suspender o Estado de Direito para impor a sua agenda econômica, menos direitos dos trabalhadores e menos proteção social. Reforma trabalhista e teto de gastos.

Sim, é certo que existe a urgência social do desenvolvimento, do desemprego, das desigualdades e da fome. Todavia, agora que sai da tormenta que visou o seu próprio banimento político, é talvez a altura de a esquerda brasileira não esquecer que as garantias constitucionais não são liberdades burguesas, mas um patrimônio político que deve conservar orgulhosamente para si e que representam a nova utopia da universalidade dos direitos fundamentais. Nas palavras inspiradoras de um dirigente socialista europeu do início do seculo XX, o socialismo será em liberdade ou não será. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

Bucha de canhão

The Observer A disputa entre facções da elite política insuflam as ruas do Cazaquistão

POR SHAUN WALKER

Para muitos cazaques, a história completa por trás dos distúrbios recentes permanece tão obscura quanto a neblina que ao mesmo tempo envolveu Almaty, a maior cidade do país e centro da violência. Os cidadãos não conseguiam acessar informações precisas, porque um apagão na internet congelou quase todo o acesso ao mundo exterior durante os trágicos dias de violência, quando veículos militares circularam pelas ruas, prédios governamentais foram queimados e a televisão estatal transmitiu ameaças contínuas de que "bandidos e terroristas" seriam eliminados sem piedade.

Agora, tanto a ordem quanto a internet foram amplamente restauradas, mas ainda há mais perguntas do que respostas. Uma coisa está clara: muitas das antigas suposições sobre o Cazaquistão, nação da Ásia Central rica em recursos, foram derrubadas. No mês passado, o país comemorou o trigésimo aniversário de sua independência, com discursos oficiais a salientar a imagem pacífica e próspera, que de modo geral evitou a agitação política e se orgulhava de uma política externa independente e "multivetorial". Ao que parece, o Cazaquistão conseguiu até mesmo administrar com sucesso a complicada transição de poder de seu antigo presidente, Nursultan Nazarbayev, que liderou o país desde a independência, em 1991, até 2019, para seu sucessor escolhido pessoalmente, Kassym-Jomart Tokayev.

Um mês depois, o quadro é muito diferente. Protestos pacíficos se transformaram em confrontos violentos, Tokayev anunciou que ordenou às forças de segurança que "atirem para matar, sem aviso", e tropas de uma aliança militar liderada pela Rússia estão em campo após serem chamadas por Tokayev. Em meio a tudo isso, dezenas de mortes e a sensação, segundo o depoimento de testemunhas oculares, de que o número real de vítimas pode ser muito maior do que os 26 "criminosos armados" e 18 oficiais de segurança que o Ministério do Interior disse que foram mortos. Mais de 4 mil manifestantes foram detidos.

Houve a suspeita de que talvez haja mais em jogo do que uma revolta popular, e isso foi reforçado pelo anúncio no sábado 8 de que Karim Masimov, poderoso ex-chefe de segurança e primeiro-ministro, havia sido preso por suspeita de traição. A medida apenas aumentou a especulação de que os protestos iniciais poderiam ter sido usados por grupos da elite política para travar suas próprias batalhas. Uma fonte nos círculos empresariais cazaques deu credibilidade a esse cenário, descrevendo uma situação de crescente tensão nos últimos meses entre figuras próximas a Nazarbayev e seu sucessor, Tokayev. "Nos últimos seis a 12 meses houve aumento das disputas, o que paralisou as tomadas de decisões", disse a fonte. "Está borbulhando há algum tempo."

> O presidente Tokayev acusa um golpe e ordenou às tropas que "atirem para matar"

Um dos episódios mais surpreendentes foi a transformação de Tokayev de tranquilo substituto a autocrata furioso, prometendo esmagar brutalmente a revolta. "Estávamos lidando com bandidos armados e bem preparados, tanto locais quanto estrangeiros. Bandidos e terroristas que devem ser destruídos. Isso acontecerá o mais rápido possível", disse o presidente em um discurso intransigente à nação na sexta-feira 8, observando que havia 20 mil desses "bandidos" só em Almaty. Ele também postou uma mensagem em inglês no Twitter: "Na minha visão básica, nada de conversas com os terroristas: devemos matá-los". Mais tarde foi deletada.

O protesto começou no oeste, no fim de semana do ano-novo, desencadeado pelo aumento dos preços dos combustíveis, e rapidamente se espalhou para outras cidades, Almaty incluída. Lá, muitos dos que estavam nas ruas relataram que a manifestação foi dominada por grupos violentos, alguns dos quais pareciam bem organizados, que atacaram prédios do governo e tomaram brevemente o aeroporto. Tokayev, em seu discurso, falou vagamente sobre atacantes "treinados por estrangeiros", mas não deu detalhes e não especificou para quem eles supostamente trabalhavam.

Muitas questões permanecem sobre o papel de Nazarbayev nas aparentes dis-

Ninguém ainda foi capaz de explicar as causas dos distúrbios

EYEPRESS NEWS/AFP

putas. Tokayev anunciou que removeu Nazarbayev do cargo de chefe do conselho de segurança, sem declarar se isso foi com ou sem a aprovação do ex-presidente. Houve rumores persistentes ao longo da semana de que Nazarbayev e sua família tinham fugido do país. No sábado, o porta-voz de Nazarbayev, Aidos Ukibay, denunciou os rumores como "informação sabidamente falsa e especulativa". Ele disse que Nazarbayev estava em contato próximo com Tokayev e queria que a nação se unisse em torno do novo presidente. Mas o ex-líder ficou em silêncio durante a semana mais dramática da história do jovem país.

Foi uma ausência surpreendente de um político que personificou o Cazaquistão nas últimas três décadas. Quando ele deixou o cargo, em 2019, a nova capital criada por sua ordem em 1997 foi renomeada Nur-Sultan, em sua homenagem. Apesar de todos os excessos do culto à personalidade, durante muito tempo o Cazaquistão de Nazarbayev foi uma autocracia muito mais inteligente do que aquelas de outros países pós-soviéticos da Ásia Central. Muitos diplomatas ocidentais tinham uma visão positiva de sua liderança, apesar das deficiências democráticas, em parte por causa das oportunidades lucrativas que o país oferecia às empresas ocidentais. "Ele conseguiu equilibrar a Rússia e a China e outras influências externas, e implementou algumas reformas genuínas", disse uma fonte diplomática ocidental.

Qualquer que seja o resultado final do tumulto, as imagens de uma estátua de Nazarbayev na cidade de Taldykorgan sendo derrubada e de multidões a gritar "Fora, velho!" provavelmente vão alterar fundamentalmente o legado que ele esperava. À medida que a atenção se volta para as lutas internas e as implicações geopolíticas, alguns no país pedem que a tragédia humana dos últimos dias não seja esquecida. No sábado, um grupo de organizações da sociedade civil cazaque escreveu uma carta aberta às autoridades: "Agitação e violência não têm lugar em manifestações pacíficas... Pedimos às autoridades que realizem uma investigação completa de cada parte desta tragédia". •

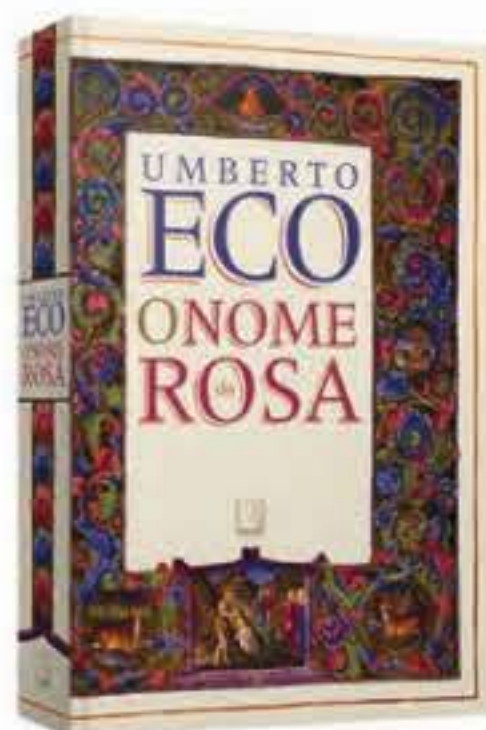
Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.

Pensador enciclopédico

UMBERTO ECO Não houve circunstância da vida humana que ele não analisasse, atribuindo, porém, ao leitor a mesma importância do autor. Suas teses lhe conferiram a dimensão de um orientador insubstituível de humores, gostos, preferências literárias

POR MINO CARTA

Quando conheci Umberto Eco na casa de Leo Gilson Ribeiro, ambos éramos muito jovens e eu não via nele o gênio poliédrico, o pensador polivalente, como acabou por ser conhecido em todo o mundo. Leo Gilson havia então recém-publicado um livro sobre os cronistas do absurdo, se bem lembro Ionesco, Adamov, Beckett. Eco, dois anos mais velho do que eu, ainda não escrevera *O Nome da Rosa*, de 1980. Com este romance, considerado um dos mais importantes do século passado, conquistou o mundo graças também à versão cinematográfica interpretada por Sean Connery. Naquele encontro, fiquei com a forte sensação de ter conhecido um erudito no sentido mais amplo, mas o livro ainda não figurava nas estantes. A Editora Record relançou-o no começo deste janeiro, na mesma data, dia 5, em que Eco completaria 90 anos.

Nesta conversa, ele me aconselhou a leitura de um livro de Ronald Knox, intitulado *Iluminados e Carismáticos*, texto a bico de pena sobre as primeiras heresias cristãs. Ele já cogitava de outro grande ensaio sobre cultura de massa chamado *Apocalípticos e Integrados*. Serviu-lhe para demolir criticamente os estudiosos da chamada Escola de Frankfurt e Marshall McLuhan, então muito popular. Disse-me naquela

A Record relançou estes livros dia 5 de janeiro, quando o escritor, falecido em 2016, completaria 90 anos

GRUPO EDITORIAL RECORD

ocasião que o Brasil lhe despertava um interesse agudo, ao pressentir nas suas entranhas humores misteriosos, não necessariamente empolgantes, mas fortemente intrigantes, talvez até mesmo malignos.

Definiria Umberto Eco como o pensador enciclopédico capaz de iluminar o mundo nas mais diversas contingências, embora muitos o tenham como professor de semiótica, palavra furtada a John Locke, filósofo inglês do século XVII. De fato, foi titular da cadeira de semiótica e diretor da Escola Superior de Ciências Humanas na Universidade de Bolonha, primeira do mundo juntamente com a de Pádua. Lecionou também em Yale, Columbia University, Harvard, Collège de France e Universidade de Toronto.

Impressiona-me profundamente nas lições de Eco a ideia de que qualquer livro vale a partir da interpretação de quem o lê e a respeito deste assunto escreveu uma série de ensaios entre 1969 e 1990. A tese fascinou-me mesmo porque me atribui, como eventual leitor, papel tão significativo quanto o do próprio autor. Seus romances são cinco: *O Nome da Rosa* (1980), *O Pêndulo de Foucault* (1988), *A Ilha do Dia Anterior* (1994), *Baudolino* (2000) e *O Cemitério de Praga* (2010).

Escreveu cerca de 40 ensaios até *Pape Satan Aleppe: Crônicas de Uma Sociedade Líquida*, publicado depois da sua morte. Entre eles, estão os textos de *A Passo de Caranguejo – Guerras Quentes e o Populismo da Mídia*, publicado em 2006, que chega agora ao Brasil, também por ocasião do aniversário. Sem contar a coluna semanal na revista *L'Espresso*, última página da

TAMBÉM NESTA SEÇÃO

pág. 56

Pesquisa. Apesar de Bolsonaro, o setor cultural voltou a respirar em 2021

Eco em Turim, capital do Piemonte, cidade de grandes avenidas e alguns quilômetros de calçadas cobertas

publicação, guia indispensável para medir o andamento da conjuntura italiana, política, cultural e social ao longo do tempo.

O Nome da Rosa, que mereceu o Prêmio Médicis na França, na edição da Record incorpora a introdução e modificações feitas pelo próprio Eco em 2012. Na sua inesgotável, vertiginosa incursão por todos os assuntos possíveis e imagináveis figuram até uma *História da Beleza*, de 2004, seguida três anos após pela *História da Feiura*. Como outro grande pensador italiano, Norberto Bobbio, Eco era piemontês, nascido em Alessandria, na zona central do Piemonte.

Se me permitem, volto a me referir à ideia de que qualquer obra literária em papel impresso hiberna como certos bichos da selva ou se contenta em viver o tempo de um suspiro para encontrar finalmente a sua continuidade na reação de quem lê. Somente então o livro ganha um complemento indispensável que o multiplica ao infinito. Teria apreciado muito ter contado a Eco a história de dois livros que foram presentes da minha avó paterna de aniversários da adolescência, *David Copperfield*, e o romance que trata das aventuras do senhor Pickwick, heróis inesquecíveis de Charles Dickens e, comovido pela citação, usarei até um adjetivo mais pomposo, inolvidáveis.

Ao longo do entrecho, Pickwick emerge de uma figuração à beira do ridículo, secundado por amigos patéticos em suas fraquezas para assumir, com o passar do tempo, uma postura de profunda compreensão humana, graças à colaboração de Sam Weller, misto de mordomo e secretário, a surgir em cena ao cabo de cem páginas do entrecho. A Eco diria que ambos os livros li e reli inúmeras vezes e, quem sabe à luz da sua teoria, a cada leitura os tornei mais ricos em soluções. Creio que Eco aprovaria minha contribuição à longevidade de duas obras-primas. •

Apesar de você, amanhã há de ser

POLÍTICA CULTURAL Como, a despeito da asfixia promovida pelo governo federal, o setor começou a recuperar-se em 2021

POR ANA PAULA SOUSA

Esta semana, com o avanço da Ômicron, o setor cultural começou a se recolher de novo. Apesar de os espaços seguirem abertos, houve *show* cancelado, peça suspensa em decorrência de Covid-19 no grupo, *set* de filmagem com o roteiro alterado para tirar de cena atores contaminados e estreias adiadas.

Desde março de 2020 se diz que as atividades culturais seriam as primeiras a parar e as últimas a retornar. Sabe-se hoje que a volta plena depende do fim da pandemia. Ao mesmo tempo que as novas ameaças de fechamento preocupam, os resultados do segundo semestre de 2021, agora consolidados, trazem algum alento.

O relatório *Dez Anos de Economia da Cultura no Brasil e os Impactos da Covid-19*, feito pelo Observatório Itaú Cultural, mostra que o número de postos de trabalho na cultura cresceu 15% no terceiro trimestre do ano passado em relação ao mesmo período de 2020. No terceiro trimestre de 2020, havia 584,2 mil trabalhadores especializados em cultura em atividade no País. Entre setembro e dezembro de 2021, eram 675,5 mil.

Trata-se de um indicativo daquilo que outras pesquisas apontaram: quando fosse possível, as pessoas voltariam a ver ao vivo *shows*, concertos, exposições, filmes e peças. O impacto sobre o setor foi – e segue sendo – enorme, mas a capacidade de recuperação surpreende positivamente.

No caso das salas de cinema, a renda das bilheterias, segundo o Filme B Box Office Brasil, cresceu 42,2% em relação a 2020. Os resultados se devem ao retorno dos *blockbusters* à tela grande e, no mês de dezembro, especificamente, a *Homem-Aranha – Sem Volta para Casa*. Os filmes independentes, por sua vez, têm sumido em meio às grandes estreias de Hollywood, que chegam a tomar mais de 90% do circuito. Embora esteja se recuperando, o parque exibidor brasileiro encolheu 9%, com o fechamento de cerca de 300 salas. Na terça-feira 11, um grande complexo do Rio, o Cinépolis Lagoon, anunciou o encerramento das atividades.

Um dado que surpreende, em meio aos repetidos ataques do governo Bolsonaro à Lei Rouanet, é o volume de investimentos via Lei Federal de Incentivo à Cultura. O levantamento disponível no Salic.net, sistema de acompanhamento do mecanismo federal, registrou uma captação de 1,7 bilhão de reais em 2020, o maior volume desde 2014 (*ver quadro na pág. 58*). Esse foi, de acordo com o relatório do Observatório, o ano em que o valor captado mais se aproximou do teto da renúncia fiscal autorizada, atualmente em 1,2 bilhão.

> Os incentivos fiscais e os recursos de estados e municípios superam de longe o orçamento da União

Por que, então, a sensação é a de que o mecenato parou? A resposta está, muito provavelmente, no aumento da concentração dos recursos entre os grandes patrocinadores e captadores. Em 2020, os

ISTOCKPHOTO

Hábitos pandêmicos. O público retornou aos cinemas no segundo semestre, mas para ver, sobretudo, os *blockbusters*. Ainda assim, mais de 300 salas do circuito brasilerio fecharam

SECRETÁRIOS DE CULTURA NO GOVERNO BOLSONARO

Titular	Início do mandato	Dias de permanência
Henrique Pires	Janeiro de 2019	230
José Paulo Martins (interino)	Agosto de 2019	13
Ricardo Braga	Setembro de 2019	63
Roberto Alvim	Novembro de 2019	71
Regina Duarte	Março de 2020	98
Mário Frias	Junho de 2020	Ainda no cargo

Fonte: Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural

dez maiores investidores foram responsáveis por 38,6% do total captado até julho. Em 2019, o porcentual havia sido de 17%.

"A sensação que o pequeno produtor cultural tem, de que tudo parou, vem mais das características da lei do que de uma real paralisação dela. O mundo da cultura precisa encontrar-se com os números. Inclusive, porque o que a gente vê na cultura é o que a gente vê no Brasil", diz Eduardo Saron, diretor do Itaú Cultural. "Se o Brasil está estagnado e é desigual, a cultura não será diferente."

O que torna difícil o encontro com os números é que não existem dados nacionais oficiais consolidados. É preciso colher levantamentos dispersos e pesquisas feitas por diferentes instituições – de entidades setoriais a universidades – para se ter alguma noção do todo. E é isso que faz o Painel de Dados do Itaú Cultural, que foi lançado em 2020 e serve de base ao relatório publicado em dezembro.

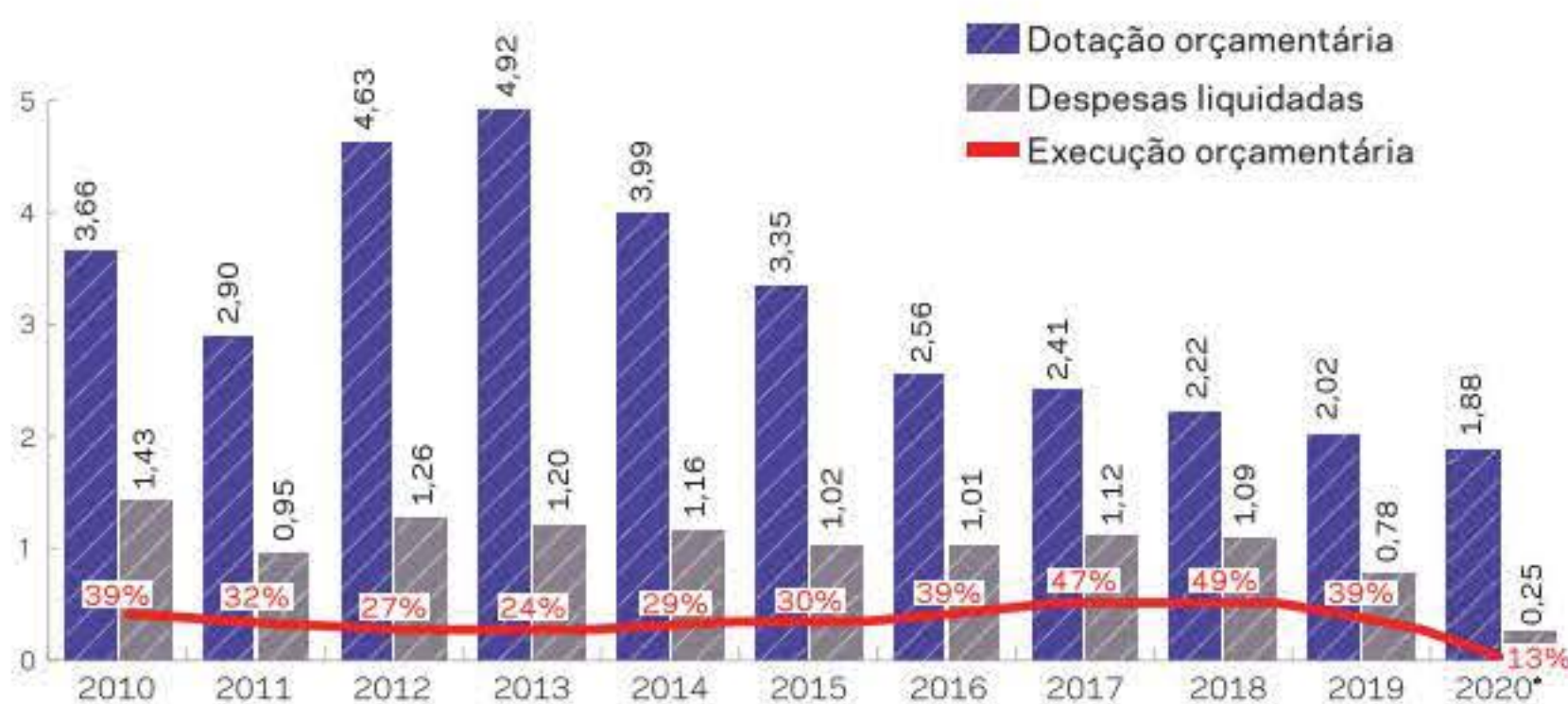
O período analisado vai de 2010 a 2020, sendo que, em 2020, os dados vão só de janeiro a agosto. Uma das coisas que a série histórica evidencia é o que aconteceu com o orçamento federal na última década. Não só a dotação caiu como a execução do orçamento público foi piorando (*ver quadro na pág. 58*).

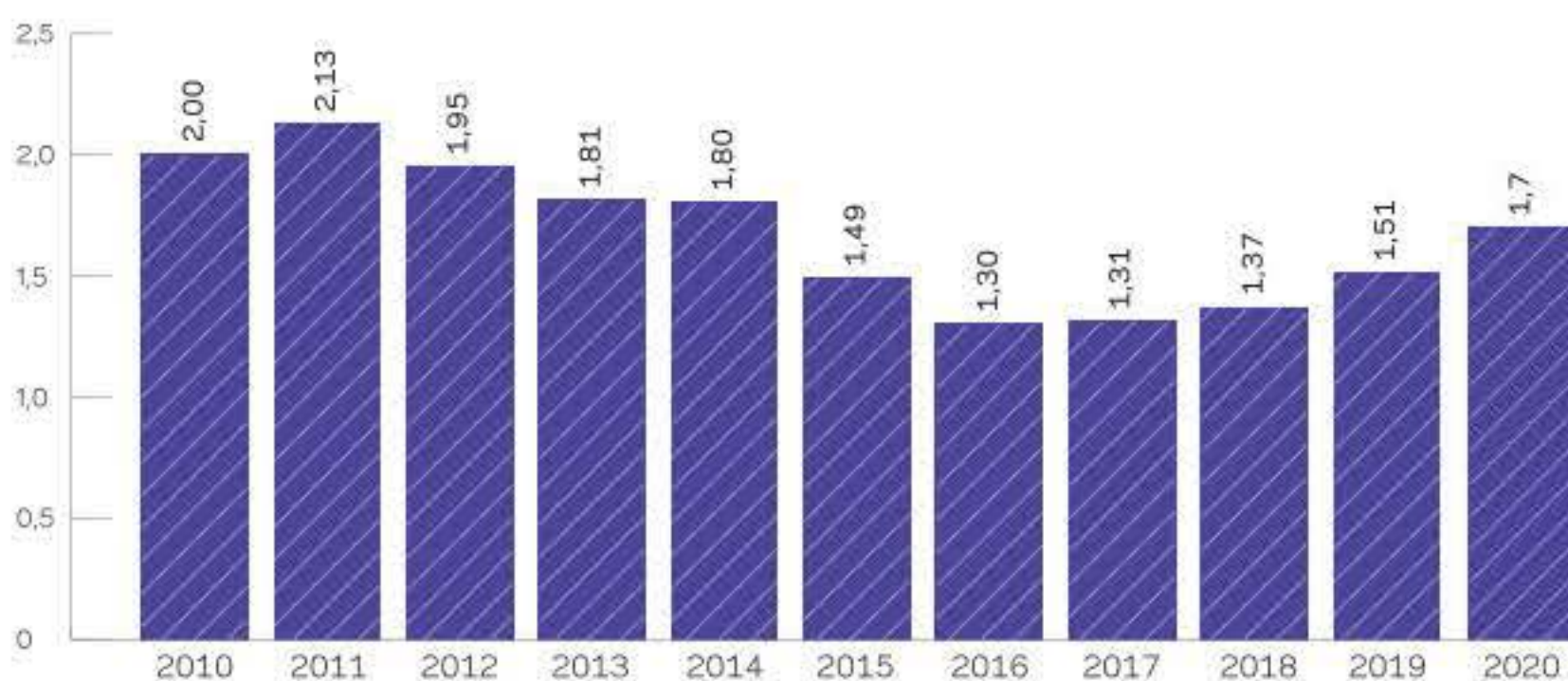
Com a eleição de Bolsonaro, a pasta da Cultura, além de ter perdido o *status* de ministério para se tornar uma secretaria – primeiro abrigada no Ministério da Cidadania, depois no Turismo –, passou por um incessante vaivém de ocupantes. Desde 2019, foram seis os secretários, e dois deles não completaram sequer três meses no cargo (*quadro à esq.*). De 2016 a 2020,

foram dez os titulares do ministério e depois da Secretaria Especial de Cultura.

A instabilidade reflete-se, obviamente, nas instituições vinculadas à pasta e nas políticas públicas. "Quando comparado a outros países, em termos de investimento *per capita*, o orçamento para a cultura no Brasil é baixo. Mas pior que isso é a falta de estratégias para fomentar de forma perene e fazer fluir a difusão e a formação", diz Saron. "A falta de foco e planejamento faz com que os recursos se tornem ainda mais escassos."

A captação de recursos via Lei Rouanet cresceu, mas ficou mais concentrada

ORÇAMENTO FEDERAL PARA A CULTURA
Em bilhões de reais

*Os dados referem-se ao período de janeiro a agosto de 2020
Fonte: Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural

INVESTIMENTOS VIA LEI FEDERAL DE INCENTIVO À CULTURA
Em milhões de reais

Fontes: Painel de Dados do Observatório Itaú Cultural e Salic.net

A lei de incentivo acaba sendo, neste cenário movediço, a única política estável. Nunca é demais lembrar que a lei foi pensada, 30 anos atrás, dentro de um tripé. Além do mecenato, a política contemplaria o Fundo Nacional de Cultura (FNC), que deveria manter áreas prioritárias e não atraentes para o mecenato, e o Ficart, que consistiria em créditos. O FNC só encolhe e o Ficart jamais saiu do papel.

Na comparativo entre o orçamento público e os recursos incentivados, o relatório atesta que o mecenato, na última década, sempre superou os recursos da União. Em 2019, foi quase o dobro. Enquanto faz sua cruzada contra a Lei Rouanet, o governo Bolsonaro, simplesmente, não move uma palha para gerir os recursos que lhe permitiriam realizar ações diretas.

Os dados sistematizados permitem também a compreensão do verdadeiro lugar, em termos orçamentários, do governo federal na cultura. Os orçamentos estaduais e municipais superam o federal, e estados e municípios têm, além do orçamento, as próprias leis de incentivo, baseadas em renúncia de ICMS ou de ISS.

Durante a pandemia, o papel dos governos estaduais e das prefeituras ampliou-se ainda mais, em decorrência da Lei Aldir Blanc (2020). A lei destinou recursos federais da ordem de 3 bilhões de reais, em grande parte oriundos do FNC, para que estados e municípios desenvolvessem ações de enfrentamento dos impactos da Covid-19 no setor. Esse valor, em 37% dos casos, superou a dotação orçamentária dos governos. Em estados como Alagoas, Pará, Pernambuco, Rio de Janeiro e Santa Catarina, os repasses somaram mais que o dobro dos orçamentos locais.

Ou seja, graças ao fato de o governo federal ter, na prática, pouca ingerência sobre os recursos – ou porque eles vêm dos patrocinadores ou porque pertencem a estados e municípios –, a cultura, a despeito das tentativas de asfixia, vai conseguindo sobreviver. •

VILMA REIS

Água, seca e descaso

▶ Os desastres em curso são reflexo também do desmonte das legislações ambientais e dos órgãos que deveriam cuidar das políticas em cada estado

A situação das populações diante das muitas regiões afetadas pelas chuvas no Brasil expõe os contrastes do País. As águas revelam as realidades que a força do capital cuida, desde sempre, de esconder. A natureza grita por políticas que a protejam. As chuvas não devem ser culpabilizadas pelas tragédias que nos atravessam desde novembro de 2021 e que adentraram 2022 com centenas de cidades sendo arrastadas em suas iniquidades pelas forças das águas.

O socorro para as comunidades atingidas pelas enchentes na Bahia e em Minas Gerais são reveladoras do Brasil profundo. E as manifestações de apoio têm vindo, essencialmente, de organizações e movimentos sociais. São eles, afinal de contas, que têm os contatos e conhecem, desde antes e durante a pandemia, as realidades das populações empobrecidas e abandonadas pelos poderes governamentais.

O socorro do governo federal não chega porque as políticas sociais foram desmontadas. Governantes estaduais e municipais nem sequer criam expectativas de que chegue ajuda federal – ou mesmo um gesto de solidariedade – porque sabem que a presença do atual governo só se dá por meio da violência, da disputa e da politização.

O que estamos vivenciando é revelador dos efeitos da PEC 95, que, em 2016, congelou por 20 anos os investimentos em saúde, educação e políticas sociais. Hoje, essa lacuna pesa nas costas de mulheres, jovens e idosos.

Em meio à pandemia da Covid-19 e às enchentes há ainda a carestia do custo de vida. Neste contexto, nossa sociedade precisa do Estado brasileiro atuando no controle de preços, gestando políticas de estoques para levar o baronato do campo e das empresas a baixar os preços abusivos. Só assim, quem sabe, o povo volta a comer carne neste país de 230 milhões de cabeças de gado.

Para além da campanha #TemGente-ComFome, a Coalizão Negra por Direitos, assim como tantas outras iniciativas, tem atuado no sentido de fazer chegar ajuda e, ao mesmo tempo, levantar as discussões sobre a necessidade de políticas permanentes que cuidem do enfrentamento à fome, do direito à terra e que pautem uma educação ambiental crítica.

Os desastres em curso refletem ainda o desmonte das legislações ambientais e dos órgãos que deveriam cuidar das políticas em cada estado. Vemos o enfraquecimento de órgãos como o Ibama – responsável, por exemplo, pela fiscalização do trabalho análogo à escravidão – e o descumprimento da Convenção 169 e do Decreto 6040, que protegem os direitos dos povos tradicionais.

A agenda socioambiental, para além das cúpulas internacionais e das discussões para inglês ver, está à nossa porta, na chuva que leva casas, vidas, fotografias e sonhos. A agenda que interessa a todas, *todes* e todos é aquela que leva em conta cada quintal produtivo, cada leira de coentro, cada manaíba de aipim, cada programa de manejo de resíduos sólidos, pois 80% do que vai para o lixo pode ser recolhido e transformado por homens e mulheres que o reciclam.

Os abismos climáticos, que têm sido tratados como algo novo, nada de novo têm. O que mudou é que, com a força das mídias independentes, tem sido possível tirar a etiqueta liberal-assassina de temas como fome e seca, tratando-os como fatos jornalísticos que extrapolam os controles das narrativas dos interesses corporativos. Tais temas, mesmo com metade do País comendo menos do que realmente precisa para se alimentar, sempre foram evitados pelos jornalões.

Esse mesmo silêncio se faz ouvir diante das grandes cidades tamponadas com o cimento que impede o escorrer das águas e da seca no eixo Sul-Sudeste, que leva cidades como Curitiba a viver a absurda situação de ter água dia sim, dois dias não, e castiga Santa Catarina com a seca em boa parte de seu território de produção agrícola.

O mesmo podemos dizer sobre os solos enfraquecidos que arrasam e arrastam as terras, mostrando os abismos da monocultura do eucalipto que se estende por regiões inteiras do País – o extremo sul da Bahia entre elas.

A natureza cobra seu preço, e é fundamental, por isso, debatermos as políticas ambientais que enfrentem temas como justiça hídrica, justiça no acesso à terra e justiça na distribuição das riquezas nas cidades e no campo.

A Educação Ambiental Crítica deve ser um dos pilares da transição ecológica da qual precisamos. Na reconstrução do Brasil, devem ser criados marcos legais que levem em conta os direitos da natureza, das pessoas e dos animais, e que impeçam que a ganância da mineração e da monocultura fique acima do direito à vida. Só assim a poesia de nossas vidas romperá a sina do sertão virar mar. •

vilmareis29@hotmail.com

BAPTISTÃO

Tudo muda o tempo todo

MÚSICA Artista em constante reinvenção, Lulu Santos tem os 40 anos de carreira revisitados em um *show* e em um álbum-tributo que reúne canções obscuras

POR SÉRGIO MARTINS

Quando toca os primeiros acordes de *Tesouro da Juventude*, canção que abre o *show Alô, Base*, disponível no GloboPlay, Lulu Santos mostra por que é a melhor tradução do *pop* brasileiro. O *show* – cuja turnê foi novamente cancelada esta semana, por causa da Ômicron – é, aliás, o atestado de seu reinado: *Alô, Base* reúne sucessos de uma trajetória que explorou uma quantidade impressionante de gêneros musicais. Lulu foi do *rock* ortodoxo às misturas com o samba, do *soul* e *funk* americanos à sua vertente carioca, do *rap* e da música eletrônica às sonoridades orientais.

"São 40 anos de repertório. Tem um bocado para investigar, sobretudo como aquilo deu nisso", diz, em entrevista a *CartaCapital*. Lulu, contudo, não se sente confortável ao falar de sua contribuição. "Não sei se é apropriado responder sobre a própria relevância. Sei que permaneço atento e interessado, o resto é decorrência", diz.

Também esta semana chegou às plataformas *Futuro do Passado – As Canções de Lulu Santos*, tributo feito pelo DJ e produtor Zé Pedro e pelo jornalista Renan Guerra e lançado pela gravadora Joia Moderna. O álbum traz 14 recriações de canções de Lulu em versões vibrantes do grupo baiano Astralplane (*Cadê Você*), da mineira Jennifer Souza (*Vale de Lágrimas*) e do paraense Reiner (*Um Dia na Vida*).

"Lulu é o ídolo maior da minha geração. Sempre me intrigou o fato de compor tantas canções fadadas ao sucesso e de, mesmo assim, algumas terem ficado escondidas em seus álbuns. Quis propor um novo foco através de artistas da novíssima geração", diz Zé Pedro. Com exceção de *Certas Coisas* e *A Cura*, boa parte da compilação é composta de faixas obscuras ou criações que Lulu fez para outros artistas, caso de *Boba*, que Erasmo Carlos registrou em *Buraco Negro*, de 1984.

Nascido Luiz Maurício Pragana dos Santos, no Rio, Lulu, 68 anos, está para o *showbiz* brasileiro assim como David Bowie para o universo musical europeu e americano, no sentido de serem os dois artistas em constante mutação. "Lulu é movido pela curiosidade e não tem medo de arriscar", diz Henrique Portugal, tecladista do Skank, herdeiro declarado da energia que Lulu exala nas apresentações.

> "Às vezes, a gente é feliz nas escolhas", diz, aos 68 anos, o guitarrista, cantor e compositor carioca

Lulu iniciou-se no *rock* progressivo ao integrar, como guitarrista, as bandas Ave de Veludo e Vímana, ao lado de Ritchie e Lobão. Aderiu às melodias mais radiofônicas em 1980, a partir da balada *soul Melô do Amor*, que assinou como Luiz Maurício. "Criei essa canção pensando em Tim Maia, queria que ele a cantasse", revela.

Luiz Maurício viraria Lulu no ano seguinte, com o disco *Tempos Modernos*. O repertório de composições solares e acessíveis, repletas de influências do *rock* e da MPB, fizeram com que parte da crítica, de forma preconceituosa, classificasse seu estilo como "*rock* de bermuda". Paralamas e Kid Abelha receberam esse mesmo olhar de lado por estarem criando uma música jovem, com características brasileiras, e capaz de conversar com diferentes idades e classes sociais.

Outra contribuição do *pop star* está na maneira como soube transferir a energia das danceterias – como eram chamadas as casas de *shows* nos anos 1980 – para os festivais. O cantor é um *entertainer* que anima plateias e nunca deixa a temperatura cair nos *shows*.

Seu gosto pelas performances se estende para os colegas de ofício. Certa vez, comparou a alegria das apresentações de Ivete Sangalo com os *shows* das bandas de *rock* nacional dos anos 1980. Lulu, inclusive, sempre foi muito aberto ao vindouro, fosse qual fosse o estilo. A curiosidade musical já o levou a gravar participações com o trio carioca Melim, a cantora Luísa Sonza e o grupo Fresno. "Eles me procuram, fico lisonjeado e, se estiver ao meu alcance, colaboro. Mal não faz, pelo contrário", diz.

Para muitos colaboradores do artista,

GUTO COSTA

O *popstar* mistura gêneros e, diante da plateia, não deixa a temperatura cair

sua importância ultrapassa a esfera musical. "Ele é uma referência na vida das pessoas", diz o *DJ* e produtor musical Memê, que iniciou uma celebrada parceria com Lulu na segunda metade dos anos 1990. "Uma música de Lulu é, normalmente, uma lição de vida". Não se trata de elogio proforma. Uma canção como *Tempos Modernos*, que completou 40 anos em 2021, é ainda hoje um símbolo de esperança por dias melhores. Lançada em 1985, durante a abertura política, foi adaptada para o mundo dançante em uma produção de Memê para o grupo Make U Sweat, em 2018, antes das eleições que terminariam com a desesperança. *A Cura*, de 1988, foi regravada no ano passado, com o mundo assolado pela pandemia, em dueto com o cantor gaúcho Victor Kley.

A postura de Lulu fora dos palcos também tem angariado aplausos. Em 2018, ele anunciou o namoro com o analista de sistemas Clebson Teixeira, com quem se casou no ano seguinte. "Minha relação não é premeditada, mas tampouco escondida", diz. "Já tive *feedback* de gente que foi positivamente mudada pela 'revelação'. Não tomo como uma missão, vivo minha vida como acontece. Por ser uma pessoa pública, tudo ganha esses contornos. Me honra saber que a revelação possa ter quebrado alguns tabus."

No fim do ano passado, o cantor lançou *LULU Traço e Verso*, livro que traz as letras e cifras das músicas. "Levei quase dois anos desenvolvendo esse projeto. A pandemia fez com que eu pudesse me dedicar a ele com mais tempo", conta. John Lennon, quando perguntado qual a razão do sucesso dos Beatles, declarou que, se soubesse a fórmula, enfiaria quatro moleques num terno e faturaria à custa deles. "Se tivesse segredo ou fórmula, ninguém errava uma, e isso dificilmente acontece", comenta Lulu. "Mas, às vezes, a gente é feliz nas escolhas." •

Entre a utopia e a distopia

LIVRO O potente romance *Tchevengur*, de 1920, investiga as contradições e os avanços de uma sociedade comunista

POR ALYSSON OLIVEIRA

Tchevengur acordava tarde, seus habitantes descansavam de séculos de opressão sem conseguir descansar completamente. A revolução havia conquistado sonhos para o distrito de Tchevengur e feito da alma a principal profissão", comenta o narrador do romance de Andrei Platônov que enfim ganha uma tradução brasileira, assinada por Maria Vragova e Graziela Schneider.

Escrito no fim dos anos 1920, *Tchevengur* só foi publicado na íntegra em 1978, em inglês, e, na União Soviética, em 1988. Na obra, Platônov – que morreu em 1951, sem nunca ter visto seu livro publicado – investiga, às vezes de forma satírica, muitas vezes de forma melancólica, as possibilidades de uma utopia comunista.

A construção do romance transita entre a utopia e a distopia, que são, afinal de contas, duas faces de uma mesma moeda – tudo depende de quem e de onde se observa, e o autor é consciente o bastante para saber que qualquer experiência sociopolítica tem aspectos positivos e negativos.

Um dos personagens centrais do romance é o órfão Aleksandr Dvánov, cujo pai se matou por afogamento. Criado por um mecânico de família numerosa e também muito pobre, o menino se vê obrigado, assim que está um pouco mais crescido, a sair daquela casa para trilhar o próprio caminho. Quando entra no partido bolchevique, vê outra realidade descortinar-se – embora ele mesmo não tenha muita certeza do que é aquilo tudo.

Dvánov é um personagem forte e repleto de nuances. Colocado como centro da consciência da narrativa, ele é uma figura desconfiada, para quem a realidade das contradições da experiência comunista funciona como descoberta do mundo real. Dvánov é, nesse sentido, bem diferente de outra figura importante para o romance: Stepán Kopienkin, uma espécie de Dom Quixote bolchevique, cujo cavalo se chama Força Proletária e cuja paixão platônica é Rosa Luxemburgo, que já havia morrido. Ao contrário do outro personagem, ele é sonhador e mantém-se cego para os problemas do comunismo – por isso, sua decepção também pode ser maior.

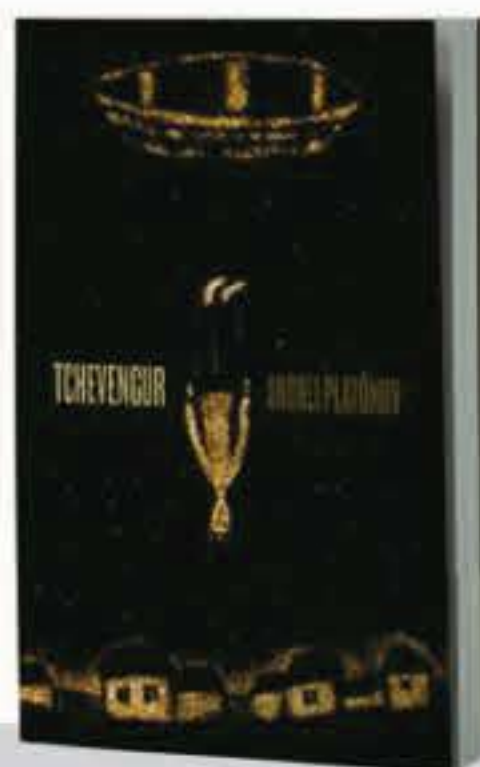
Tchevengur, o lugar inventado pelo autor, traz em si diversos momentos e episódios inspirados na história russa e soviética. Pode-se dizer que a narrativa é construída em fragmentos cronológicos conectados por uma ideia: a da possibilidade do comunismo. Embora Dvánov funcione como fio condutor da narrativa – ainda que nem sempre esteja em cena –, *Tchevengur* não é um romance com uma figura

A edição brasileira tem ilustrações de Svetlana Filipova

RECORD, COBOGÓ, NOVA FRONTEIRA E ARTS E VITA

central única. Vários personagens têm seu momento no proscênio, tornando-se, eventualmente, protagonistas. A partir deles, Platônov faz um retrato do coletivo e do embate entre ideologia e utopia.

Para Dvánov, a revolução é vista quase como um fenômeno natural. "É mais fácil que a guerra. As pessoas não se metem em assuntos difíceis: quando o fazem, é porque algo não vai bem...". E como muita coisa "não vai bem" em Tchevengur – o lugar, não o livro –, uma guerra se faria necessária. Mas não seria este um preço alto demais a se pagar pela utopia?

O livro, após ser revelado, foi se transformando em clássico recente, e é visto como uma pequena joia da literatura do século XX. Seu lançamento em português é um fato a ser celebrado. A ótima tradução é complementada por uma série de notas de rodapé com referências que ajudam na compreensão, acima de tudo, do contexto da narrativa. A edição traz ilustrações da artista e cineasta cazaque Svetlana Filippova, que estão em perfeita sintonia com a beleza melancólica da prosa de Platônov. •

TCHEVENGUR.

De Andrei Platônov. Tradução: Maria Vragova e Graziela Schneider (Arts e Vita, 584 págs., 102 reais)

VITRINE

POR ANA PAULA SOUSA

"Se nos quisesse perfeitos, nos fizesse perfeitos." Com essa epígrafe, Carla Madeira, a autora de ficção que mais vendeu livros no País em 2021, inicia *Véspera* (Record, 280 págs., 49,90 reais). Tanto nos temas e feminilidades que o atravessam quanto no tom, o romance reverbera o sucesso *Tudo É Rio*.

Composto de boas frases e relatos que roçam biografia e obra de artistas como Anish Kapoor, Richard Serra e Donald Judd, *O Que Fazem os Artistas* (Cobogó, 128 págs., 58 reais) é um livro que se lê como quem passeia por uma exposição de arte contemporânea e se deixa envolver por sentidos nem sempre alcançáveis.

As memórias de Simone de Beauvoir contêm as memórias de Sartre, do feminismo, da literatura e da filosofia. Seu *Balanço Final* (Nova Fronteira, 504 págs., 99,90 reais), escrito no crepúsculo da existência é, portanto, além de um balanço, um testemunho de um tempo e de um tipo de olhar sobre o homem e o mundo.

O furor sexual das freiras toca no nervo dos moralistas

O corpo como um lugar de disputas

CRÍTICA EM *BENEDETTA*, O CINEASTA HOLANDÊS PAUL VERHOEVEN LANÇA MÃO DE CÓDIGOS DO SUBGÊNERO *"NUNSPLOITATION"* PARA ABORDAR TEMAS CENTRAIS DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

POR CÁSSIO STARLING CARLOS

Criar polêmica para engordar a bilheteria é um recurso que Paul Verhoeven explora desde antes da fatídica cruzada de pernas de Sharon Stone em *Atração Fatal*.

Benedetta (em cartaz desde a quinta-feira 13) parece, em princípio, mais um filme dentro dessa fórmula de provocação. A história de uma freira condenada por sacrilégio e obscenidade, ambientada na Itália do século XVI e baseada em fatos, oferece material sob medida para o diretor holandês.

Misturar homossexualidade e religião toca no nervo dos moralistas, enquanto mostrar nudez feminina e cenas de sexo lésbico incomoda quem enxerga nisso apenas voyeurismo e objetificação da mulher. Ater-se a esse aspecto superficial é, no entanto, o mesmo que lamber o papel sem saborear o bombom.

Os códigos do subgênero *nunsploitation*, ou seja, freiras em furor sexual, são retomados pelo diretor para abordar temas centrais da contemporaneidade. Sob a fantasia de filme de época, *Benedetta* trata, em primeiro lugar, de relações de poder e de empoderamento, de dominação, sujeição e liberação.

Enquanto em *Elle*, seu filme anterior, a relação de poder era física, centrada num estupro, em *Benedetta* ela é metafísica e mística, representada na forma de possessão espiritual. Em *Elle*, os corpos estavam quase sempre cobertos por roupas e máscaras. Em *Benedetta*, até as imagens da Virgem Maria e de Cristo são desnudadas.

Os primeiros diálogos enfatizam o vínculo conjugal entre a protagonista ainda menina e Jesus, a conversão dela em noiva dele ao entrar para o convento. Quando a personagem fica adulta, uma cena expõe o desejo dela de se tornar esposa dele. Verhoeven trata essas situações de modo simbólico, mas também realista, mostrando os transes místicos nos quais o corpo se entrega tanto quanto a alma.

O corpo, objeto eterno de controle e repressão por todas as formas de poder, é mostrado aqui como um lugar de disputas. Pode ser tanto objeto de castigos e de torturas quanto fonte de êxtase. Na cena mais ousada, Benedetta encontra um belo Jesus sangrando na cruz e ele pede que ela retire o tecido que encobre sua virilha.

A escolha final de Verhoeven, que obviamente não cabe aqui revelar, é decisiva para que se entenda a sua releitura do simbolismo do falo. A partir desse momento, a oposição masculino-feminino é apagada. Em seu lugar, Verhoeven imagina uma síntese do espírito de Cristo no corpo de uma mulher. •

IFC FILMS

AFONSINHO

Os clubes-empresa

▶ Seguidor do modelo Sociedade Anônima, o investidor norte-americano do Botafogo promete equipar o time aos grandes do momento

Escrevo esta coluna de Feira de Santana, para onde vim como convidado do III Encontro do Rádio Esportivo da Bahia, que homenageará jogadores destacados da história do futebol feirense.

Vim muito cabreiro pelo recrudescimento da pandemia, agora impulsionada pela variante Ômicron, que, apesar de ter menor letalidade, se espalha feito rastilho de pólvora.

Mesmo com o propósito de me recolher na passagem do ano, não pude falhar no compromisso assumido com os amigos da querida "Princesa do Sertão", a pujante boca do sertão baiano. E não me arrependo.

Está realmente muito boa e bem representativa a reunião de torcedores, jornalistas, dirigentes desportivos e jogadores para uma proveitosa troca de opiniões sobre o aflitivo momento do esporte em geral, e do futebol brasileiro em particular.

Como era de se esperar, os temas recorrentes nos encontros vêm sendo a expansão da figura da Sociedade Anônima do Futebol (SAF), a Copa de 2022, no Catar, e o universo administrativo e político dos clubes, além da situação profissional dos atletas.

Têm sido conversas bastante proveitosas, sobretudo, neste momento em que a inquietação que se espalha pelo País como um todo se reflete no esporte – isso, na verdade, acaba por ser sempre assim.

O fato de a Bahia não ter hoje times na Série A e de os clubes tradicionais de Feira de Santana estarem em crise tornou o Encontro ainda mais instigante.

No momento em que as SAFs estão no centro das discussões em todos os lugares e deve haver uma enxurrada de clubes adotando o modelo, é bom que se debatam as variantes que existem no Brasil e no mundo.

Há desde os sistemas mais obsoletos, com resultados idem, passando pelos dependentes da "caridade" que, na prática, não vão se sustentar, até os mecenas profissionais que têm, de fato, de vencer campeonatos importantes – foi esse o caso do Atlético Mineiro este ano novamente.

Em todos os casos, ao torcedor, o que interessa, é ver seu time campeão. Se o time vencer, não importa, para o torcedor, de onde veio o dinheiro. Se de árabes, americanos, chineses, russos; do petróleo, dos diamantes, das drogas; ou do jogo do bicho. Temos tido o conhecimento de casos em que milionários vindos de países paupérrimos compraram times até da Premiere League, a liga profissional do futebol inglês.

John Textor negociou a compra de 90% da SAF

BAPTISTÃO E VITOR SILVA/BOTAFOGO F.R

O investidor norte-americano John Textor, que negociou a compra de 90% da SAF do Botafogo, esclareceu, em uma entrevista, a sua visão. Ele diz que deseja construir um time à altura de suas histórias – a dele e a do clube – e promete equiparar o futebol brasileiro aos grandes do momento, trazendo craques experientes que ajudem a valorizar as revelações da base.

Nesse contexto, uma possibilidade bem provável é a de que os clubes que não preparam os jovens para suas equipes, mas sim para exportação – queixa absolutamente comum entre os torcedores – acabem assumindo de vez essa subordinação. Essa lógica tem muitas nuances, mas, no fim das contas, o que cabe a quem defende os clubes é encontrar maneiras de evitar que, ao final da concessão, reste apenas terra arrasada. A tendência me parece ser a de que, ao final dessa moda, sobre uma estrada esburacada.

Esta semana, três falas sobre o assunto chamaram minha atenção. Uma delas coube ao mecenas atleticano de Minas: "Nós não estamos com dor de cabeça como outros clubes". A outra foi do próprio Textor, dizendo que os brasileiros estão muito ansiosos e recomendando calma. A terceira coube ao treinador português Jesualdo Ferreira, mentor da nova geração de técnicos lusitanos, que ficou poucos dias no Santos F.C. Ele disse, com razão, que os brasileiros estão atrasados em relação ao futebol mundial.

Em meio a essas mudanças, muitas delas talvez necessárias, a única que não dá para engolir é o escárnio de se dizer que o esporte profissional é uma atividade sem fins lucrativos. Não é aí que mora o problema. O que precisamos, na verdade, é democratizar os poderes dentro dos clubes. •

redacao@cartacapital.com.br

VENES CAITANO